



1875

1876

1877

1878

1879

1880

1881

1882

1883

1884

1885

1886

1887

1888

1889

1890

A AUTOR ...FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA

N CONTEÚDO:::ARTIGOS DE JORNAIS REGIONAIS
 (E ALGUMA RESPOSTA E ATÊ CARTA)

D TEMPO;;;;UM QUARTO DO SÉCLO XX (1971-1996)

O ARRUMAÇÃO----EM 12 CADERNOS OU VOLUMES

R SERIAÇÃO ::::CRONOLÓGICA NÃO ESTRITA

I DEPÓSITO DOS ORIGINAIS(DOS JORNAIS):
 NA BIBLIOTECA DA C.M:de BARCELOS

N

H ÍNDICES: A) NÚMERO/TÍTULO DO ART/QUE JORNAL/
 QUE DATA/_FOLHA/_OBSERVAÇÕES
 ÍNDICE:::B) IDEOGRÁFICO SEM RIGOR ALFABÉTICO

52002
RABBIT
BIRCHMOUNT
C. M. B.

FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA
JUIZ DE DIREITO JUBILADO

ALTERO a nota infra:

Rua D. Carlos Mascarenhas, 70, 2.º-Esq. — 1070 LISBOA q. aconteça...leitor do
☎ 385 58 55 q. segue (mutatis mutandis)

A quem aconteça

vir a ser leitor dos artigos que seguem: foram todos publicados no jornal barcelense A Voz do Minho; são de texto menos pesado que o da Monografia a Galegos. Reuni esses artigos porque a Monografia se esgotou. As pessoas de Galegos não puderam entender bem a Monografia (é uma sopa com muita "sustância" que poucos "stâmagos" suportaram), mas entenderam bem estes artigos. Exigem os artigos menos de mim do que a idealizada nova Monografia que me PROPUSERAM FIZESSE (a máquina, hoje, está a pregar-me partidas). Também os artigos saíram com gralhas, mas não é preciso que rectifique.

Aos curiosos direi que escrevi o seguinte:

C/ a S.ra D.ra Lança Cordeiro-1967 Ou 1966, 1 Colecção de Pontos de Exame-
A Minhaa Sexta Classe. Língua Pátria.
Uns 10 anos depois, um Guia do Sini-
nistrado do Trabalho.

A seguir, a Galegos, Sta Maria Barcelos, que, de 160 fui apertando e ficou com 32 páginas apenas. Alguns artigos de Direito, nem todos com Separatas. De 71 a 96 publiquei mais que mil artigos em vários jornais de terras como estas: Viana, Vilaverde, Braga, Barcelos, Sertã, T. Vedras e uma ou outra mais, tudo em menor escala e menos valia que os trabalhos do ex-condiscípulo e amigo, Silva Araújo. Mas também já o compensaram: tem seu nome gravado na Gr. Enciclop. Port. e Brasã. Parabéns.

Em 1967 foi um texto de suas 90
pgs que me atrevi a fazer circular pe
los então meus alunos, mais de 400. Matéria bem
difícil - A Religião e a Moral. O Autor teve
aplausos, mas de sacerdotes não se lembra
de os ter tido, sinal evidente de que lhos não
mereceram. Mesmo assim, ainda às vezes se
distrain a ler alguma daquelas 90 folhas que
já não saberia repetir.

Ultimamente começou a elaborar um Dicionário
de Galegos (de Coisas e pessoas de...);
e portanto autonomizou umas folhas pa-
ra Santo Amaro; e quanto aos Azevedos;
e meteu-se também nuns Estudos sobre o
Tombo de Galegos. E dos tais mil e tal
artigos fez estes ou aqueles recortes
que colou sobre folhas A4, e destas, cons-
truiu 12 volumes a 60 para 80 fls. cada
um. O trabalho que isso deu nem digo nem
o conto. Perguntam-me quando publico.
Mas não tenho intenção de publicar nem
seguir os Estudos acerca do Tombo. Falta um
Latim (Exerc.c/ Soluções), de 67.

Dedico este trabalho, assim: 1º a
Deus. Depois, a minha Mulher e aos
meus Filhos, a meus Pais, em Galegos
e ao sr. dr. Vale Lima, de A Voz do
Minho, em que, primeiro, saíram.

24.2.97.

e 20.3.97



UNIVERSIDADE DO MINHO
BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA

Exmo. Senhor
Dr. Francisco Alves de Almeida
Rua D. Carlos Mascarenhas, 70-2º E
1070 LISBOA

Sua referência

Sua Comunicação

Nossa referência

Data

BPB-117/96

Assunto

021642

30. OUT. 1996

Em resposta à prezada carta de V. Exa., aqui recebida em 23 Out. 96, informo que é com todo o gosto que a Biblioteca Pública receberá a oferta da colecção de artigos publicados na imprensa local, bem como os Apontamentos da autoria de V. Exa.

Sendo esta a mais importante biblioteca do Norte do país (excluindo, naturalmente, o Porto) temos sempre o maior interesse em receber documentação sobre a região, nomeadamente quando se trata de colecções de artigos escritos em diversos jornais, por isso mesmo de difícil localização e compilação.

Relativamente à questão do tombo de Galegos, Sta. Maria, transmiti a informação à senhora directora do Arquivo Distrital de Braga.

Pedia a V. Exa. que, quando nos enviasse os livros referidos, os fizesse acompanhar de uma nota bio-bibliográfica, para uma completa identificação do doador desses documentos.

Renovando os meus agradecimentos pela iniciativa, aproveito para enviar os melhores cumprimentos.

Henrique Barreto Nunes
(Assessor de Biblioteca)

COLEÇÃO ANDORINHA
ARTIGOS DE DIVERSOS JORNAIS, DATADOS DE 1991 até 1996

ÍNDICE A:

Artigo: Título abrev. | Jornal em q saiu | Em q data es

				tá: fls.
C.S.	Para al ^{da} da Ciência	Cardeal Saraiva	290182	2 do vol.
		(Ponte do Lima)		(ver fls 31)
	Em torno da vida nas aldeias=C Sar		241179	" 39
H.A.	Um rio e suas ilhas=Not de Fam.		140173	<u>Fam. da Aldeia</u>
V.M.	Coisas de...	A Voz do Minho=	100273	3
Cal.	Último Quadrante	Calipolense	230673	
	"	"	020773	
		Pseudónimo		
		Pedro Afonso		4
	"	"	22 XII73	5
	O peso internacional do chinês			6
C.V.	O Rito Bracarense	Cávado	020677	7 - v. 62
	A nova farda do Cont de trabalho=CV		070777	8
	Achegas...O caminho p. Sant'Iago .Barc		261177	10 <u>Tr. p. p. p.</u>
	Geografia de D Ant Barroso ...V M		051177	9 - <u>p. p. p.</u>
	Lisboa=da oitava Colina V M	230280		11 - <u>2x - d. m.</u>
	Carta ao Dir e ao sr Marq de Azevedo			
		V M	060178	" <u>Tr. p. p.</u>
	Correspondência	=Alb Sordo Card Sar	160384	" <u>Tr. p. p.</u>
	A Hist não abona S Torquato V M		210178	12 <u>Tr. p. p.</u>
	O Dr Bellard da Fonseca e a Crít.da Arte			
		CV	090278	13 <u>Tr. p. p.</u>
	A Monog de Manhente	Barc	130578	14 <u>Tr. p. p.</u>
V.M.	Políticos no interior das Igrejas J Barc	150678		15
	Um amargurado abade de 1872 J Barc	200778		16 <u>Tr. p. p.</u>
	Para a Hist Rel. dos Limianos C.Sar	110878		17
	Sobre a falada <u>descristianização</u> Barc	071078		18 <u>Tr. p. p.</u>
	Contra o fil. francês, <u>Descartes</u> C Sar	131078		19 <u>Tr. p. p.</u>
	Sob a Mon de Vieira do Minho J Barc	191078		20
	c arta de Lisboa	Guarita, Dez/78		21
	Um leitor, <u>Editorial</u> J Barc	121187		22 <u>Tr. p. p.</u>
	S Romão da Ucha (escreve Hélio)			
	A Carta de M Azevedo VM	200179		23
	Um barc <u>ilustre J. Peres</u> de Vila Lobos			
		= Barc	030279	24 <u>Vila</u>
	Nos 69 anos do C. Saraiva C Sar	160279		25
	As escolas:evol,revol ou destruição C Sar	241178		26
	Em t. da pop. festa do Carnaval V M	230280		27 <u>Tr. p. p.</u>
			(v fls 11)	
	como:degrão:a:g:se:faz:Híst:::J:barc::100480:::28: - v. 16			
	(como de grão a g se faz a História)			=
	Mataram o Arcebispo, D Romero C Sar	180480		29
	Nós, T. os Santos, Fi. defuntos C Sar	21 1180		30
	Livros e Livreiros Badal	040780		"
	Coisas V M	020880		31 (ver Fls 2)

Nota: CV= O Cávado(Braga)

C.Sar =O Cardeal Saraiva(Ponte de Lima)

barc=Barcelense(Barcelos; J Barc Jornal

de Barcelos; VM= A Voz do Minho(barcelos e Espo=

sende. badal=O Badaladas (Torres Vedras, a

de Lisboa): A Guarita=Freg de Vila Cova em Barcelos

Artigo in Jornal que data que folha

alg mitos das Ciências=CV 041280 32
 alg notas s.Cat alemães VM 041280 33
 Falar verdade e mentir Barc 051280 34 (1)
 " (3) " 21|281 35
 A Família e a opinião pública Barc 020581 36
 A Propósito de S André na reg de
 Barc. V M 180781 37
 Para a Hist de Barc=
 =as anexas= J Barc 200881 38
 A propósito de 2 novos livros in O compadre alent
 200182 40
 Para a hist da Matriz de Barc-Barc 101081 39
 Da Fil e do Filósofo
 (hist da Fil de F Almeida) C Sar 22048341
 A Propósito dos Pontos de Vista C Sar 150783
 S. carta do Reitor de Alvarães C sar 100284 42
 Pontos de Vista (37) C Sar 100284
 Rito Brac -Vaz CV 310584 43
 P.de Vista(36)C Sar 130184 44
 Alg nota s. o tema Religiosas C Sar 17028445
 Os cadastros das n freguesias a.1500 CV 15038446
 P a hist dos Limianos C Sar 16038447-v.13
 (Rebord paróq sueva?)
 Rito Brac Vaz CV 290384 48,49 5121
 C para os m leitores C dsar 060484 50 (ajustos)
 Sermão=Quaresma =1537 Baarc 070484 51
 Oponho-me ao Rotary CV 120484 52 14. (11)
 S. hist Crist portugueses C Sar 130484 53 -2
 Falta cor dos leitores Barc 140484 54 -3
 P Hist de Barc=Ext das M P =1758 J Barc 26048455
 "Oponho-me" (resposta CV 030584 56
 Na Páscoa de 84 V e Ob de Garibaldi C Sar 040584 57. 203
 Cantinho da Angelina Barc 190584 58
 P Hist das freg V Verd 200584 59 -v.2
 Hom do N tempo Con Vaz Cabouqueiro..CV 120784 60,61
 Rito o meu recado...CV 190784 62
 Coisas V M 280784 (só parte) 64
 Cartas de Longe P Brito Barc 190185 65
 Rito Cv 250485 66
 Rito ,,Ainda.. Cv ?20585 66
 Documentos Os usos e cost =Livros V M 080586 67
 O Papa J. Paulo=um hom. tremendo
 (Editorial) J Barc 130286 68
 Questões do n tempo Barc 170695 69
 fim (também do 12º Volume)
 (encadernado e fotóspad02p09ã.Ana.....
 em Barcelos=Dez/96)

DO VOLUME XII: INDICE TEMÁTICO (FLS 1 a 69.

<u>A A</u>	<u>B</u>	<u>C</u>
Abades intrusos, vol 12.	Bracarese, até Rito	Caeiro, escrita e
Aldeia: sua ciência	p. 15-12.7 e "3	arte 12.4
seus actos 12.2	Barroso-Geog. ou Cam	Cam. para Compostela
Albano Sordo defende-se	nhos 12.9	Costa Fern]D.ra: tez
12,11		se s. Manhente 12.14
Azevedo defende-se 12.11	Bellard: advog; o	Comeram as Igrejass
12.23	Artista 12.13.	Merece bio
AB: Amargurado 12. 5 (1870)	grafia	mais comiam se o hou-
	D	vera - 12,15
Anexas 12.38 (nunca houve	D. Francisco, arceb. 123	
tantas)	Baptizavam. Não bapt	
Alvarães, Reitor e Monse-	ou desbapt 12.18	E CARNAVAL a @RAAAA
nhor 12.42	Descartes errou 12,19	é de 365 dias nas
Álvaro Gomes-filósofo	De Colab a Editorialista	discotecas 12.27
e escrito 12 51	Carlos Gomes	
Acácio Torres/e Vaz 66	F 12.68, 12.22	G refuta 12.41
	Falcão Machado 12.33-	Galegos e Vilar (conv)
	Faria Brito ditou	Ginzo 122381
	Cartas de Longe 65	Garibaldi de Felguei
		ras, Vida e Obas 57

<u>H</u>	<u>I</u>	<u>J</u>	<u>L</u>
Homem tremendo 68-		-	Liv de Usos 12.67
Helio, abade da Ucha 12.22			Livros publicados por
			país: 12.31
Hist.-come	-	-	Lektors, seu correio?
ço-a por ONDE?	-		São mudos 12.54
M 12.28	N	O	P
MONizes tomaram			Peso da China
Paame] 1839 12,15		8ª Colina tem	1/4 do do Mundo
Macedo de Gal, Dr de leis		razão 12.11	12,6
12.28			Pontelimeas 12.
Man. Igreja 12.63			17
Q	R	S	T
	Remelhe= Barroso	S. Torquato fica	Peres de Vilar 24
Qua: drante 12.4 e 5		-Toto 12.9	
fase d e		ram mudos 12	
Marcelo 5		Salvador do Campo	
		tem monog. 12.21	

XII-2

Para além da ciência

(Continuação da 1.ª página)

dos Astros, têm de concluir, céptico: as explicações actuais dos fenómenos de cada saber não são ainda as últimas explicações e vão surgir outras, sem respeito por quanto já se disse, demonstrou, etc. Então que vale todo o nosso saber — a que, vaidosamente — nos atrevemos a chamar de Científico?

* * *

Saiu em Braga uma Separata de Revista com este título — O Culto da Mulher em Portugal.

Pode-se sustentar, (provar, demonstrar) que os Portugueses reverenciam assim tanto as portuguesas, 50% a «cultivar» (culto), respeitar, as caras-metades, 50% de nós todos? Ou o Autor que escreveu a Separata está a olhar as coisas com olhos cor-de-rosa?

Mas vejamos a Separata. Isso do respeito à Mulher, se o há, não nos é dado pelas Ciências. Então — se dantes não o havia (o culto, Romanos, diz o Autor) — que causa, além da Ciência, o causou, gerou, produziu?

«Botai» contas à vida: o que é que mais influe (causa) na vida dos Homens, as ciências ou antes, coisas que nada têm a ver com elas? E por causa das Ciências que na Polónia se dá o que dá? Que em Portugal se deve já tanto milhão de

conto? Que os alunos não estudem? Que há filmes imorais? Que se rouba à mão armada? Que se consome droga?

* * *

Vêm-me 2 livros. Aviso que o Autor deles é o pároco da Matriz de Barcelos, o Dom Prior. Chamam-se eles O Problema do Homem e a Realidade Divina e outro: Últimas Sementes de Esperança. O 1.º é a 3.ª edição do saído em 54. O 2.º e o 3.º volume de uma série de artigos de jornal.

Falo deles por 3 coisas: a 1.ª é que tomáramos muitos de nós escrever como o Autor escreve (só tem o defeito de não ser barcelense); a 2.ª é falar ele de coisas que são para Além das Ciências, tais como: milagre, graça, Cristo, etc.; a 3.ª é que os livros são notícia e pode ser que algum dos leitores queira apreciar o literato (artista) que o Autor é (e aqui tão perto de Ponte). E pronto: acabei o apontamento do Para além da Ciência — que é decerto mais que o já abarcado pela dita.

Em torno da vida nas aldeias

(Conclusão da 1.ª Página)

não é crível que todos os votantes P.S. aceitassem o ateísmo do P.S. Até o P.C italiano fala em riscar o ateísmo do programa; o Gonzales pretendeu fazer o mesmo na Espanha.

De facto a vida da nossa gente é contraditória, incoerente: por um lado, como na Pousa, erguem uma belíssima igreja nova em honra de Deus e por outro confiam aos ateus a governa-

ção. Certo que os ateus até podem saber guiar melhor no que toca à vida material: o perigo está em que obriguem a ver tudo só com lentes para a matéria. Porque se somos só matéria, para quê padres ou freiras ou igrejas ou capelas? Os ateus estão errados: é impossível demonstrar que não há Deus nem alma; as teorias deles põem de patas ao ar toda a história das freguesias: já antes do ano 1200 tinham igrejas e párocos, iam à missa, se casavam na igreja, recebiam sacramentos, rezavam e morriam na certeza de ressuscitarem (ver monografia da Pousa — sua história religiosa). Mas os marxistas é que inventaram a pólvora, pensam eles.

E paro aqui porque esta conversa não acabaria mais.

Por Francisco de Almeida

não castigue alguém antes de ser ouvido. E' também por isso que o Processo penal ordena ouvir os possíveis delinquentes. Por isso também a regra de que em crime ninguém pode ser advogado de si próprio.

Pergunta-se: e ser-se ouvido é bastante para assegurar ao suspeito a sua eficaz defesa? Aqui não me consta que a Escritura responda e, em boa verdade, se não foram as fra-

(Continua na 3.ª página)

Quem, alguma vez, tenha observado a foz de certos rios, no Verão, reparou que a água não cobre todo o leito.

Daqui o surgirem pequenos espaços em seco, ou seja, outras tantas ilhotas: areia rodeada de água por todos os lados.

Decerto, mais notou que as ilhotas do ano passado não eram as mesmas do ano presente.

Pois bem. Comparo os dois Códigos — o Penal e o de Processo Penal — a 2 rios, com suas grandes ilhotas.

Este último Código — o de Processo Penal — nasceu há 40 anos, mas fizeram-se surgir nele ilhotas diferentes das que tinha nos princípios. Com esta diferença: nos rios, a ilhotas nova vê-se; no Código, entende-se. E' um problema de lógica especial, lógica jurídica.

Isto sai melhor com um exemplo:

Fez-se queixa contra António de que ele furtara 20 contos. Aquilo segue e António irá dizer da sua justiça — vai ser ouvido.

De notar é que até a Escritura manda que se

COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo Dr. Francisco de Almeida

Há dias ouvi um que dizia: «homem, mas como é que ele pode gastar os 30 contos que ganha por mês?»

— Ora, isso não é grande coisa! De um sei eu que tira 50. E não lhe bastal

— Nál Isto anda muito mal governado: eu só ganho 2 contos...

Leio em jornais diários de Lisboa a notícia de que 5 sacerdotes bracarense foram castigados pelo seu prelado e tal notícia não teria obtido o tom sensacional que logrou obter se não fosse este acrescento: que eles não acataram a punição e recorreram para Roma.

Como é evidente, quem prevarica deve ser punido. Não é bem clara a falta ou faltas que tenham cometido e até se o que fizeram é falta. Pontos de vista.

Seja como for, não terão sido ouvidos, o que é absolutamente impensável. Nem Deus puniu Adão ou Caim sem os ter ouvido: — que fizeste?

Deve anotar-se, contudo, que 2 dos castigados são homens de muito valor e prestigiosas figuras do clero de Braga. São irmãos: o Cónego António Luís Vaz e o padre Júlio Vaz. Qualquer deles é bem adulto: mais de 50 anos de idade. E prestaram à diocese de Braga grandes

serviços: o 1.º foi director do jornal diocesano «Diário do Minho». O 2.º foi o melhor redactor que esse jornal teve. Ambos foram, durante muitos anos, professores do Seminário ao tempo do falecido D. António de quem foram grandes auxiliares.

Morto este, deixaram — ou foram forçados a deixar — o jornal e seguiu-se uma série de incidentes dos quais o dito castigo é o pior.

Os de Braga para quem os padres Vaz são muito conhecidos, devem andar — muitos, pelo menos — bastante desorientados com a reviravolta que se deu...

Seja como for, tenham ou não razão, não são pessoas — nem os outros três — para vergar a cerviz sem motivo, ou enquanto não forem convencidos de ter errado. Não vallessem, eles tanto como valem!

Estará porventura o prelado a ser enganado por algum perverso conselheiro? Ou ignorante? Ou prepotente? Ou será que algum dos conselheiros só sabe o Direito Canónico, comentado pelo Dr. Martins Gigante? Será muita coisa, mas não basta.

O prelado tem de ser visto com olhos de fé (para os que a têm)! é o bispo da diocese. O que não quer dizer que seja infalível.

Francisco de Almeida

QUADRANTE

chama dialogar — nunca fez mal a ninguém. **23.6.73**

Falando ainda de problemas reais e mais concretos, digo ter-se constatado o seguinte (para resumir, que isto vai longo):

— Há uma tremenda onda de queixumes de alguns patrões dirigidos aos trabalhadores: que não rendem, que se vão sem dar cavaco, que só vêem direitos nunca deveres. Verdade? Bataim inquéritos para ajuizar.

— Só que as queixas dos trabalhadores não são menores: que não pagam os salários, que roubam nas horas prestadas «a mais», que despedem «à bruta», que só vêem no trabalhador a máquina. **23.6.73**

— Os entendidos: é que não há preparação para as leis que se fizeram. Um até dizia: o órgão mais em causa é o Tribunal do Trabalho, porque dita muitas vezes sentença contra aqueles para quem o direito «eram eles» e o mais, o torto. Percebe-se alguma coisa?

PEDRO AFONSO

83

Último Quadrante

Escreveu aqui alguém a dizer que se divide o País em três zonas, que são Lisboa, Porto e Província.

Acho bem isto. Como achei bem observado ser de extraordinário interesse e do maior alcance mostrar Vila Viçosa àqueles — sobretudo esses — que pela sua cultura podem levar muito longe o nome da nossa Terra.

E se há escolhas a fazer, dê-se prioridade à prioridade. E se há que gastar dinheiros, aplique-se no que é essencial. E se a Casa de Bragança não aguenta com tudo — e nenhuma obrigação tem de custear despesas de interesse nacional

(CONTINUA NA PAGINA 2)

el. 232 (P.P.C.) * Vila

ipol

23.6.73

trav

levar-me até lá? — Pois sim. — E aqueles dois? Apontou. — Está bem. Eu levo os teus amigos. Carro afinado, aí vão eles. — Eu chamo-me Constantino e estes são o Augusto e o Alberto. Não sabiam da história antiga de Augusto ou Constantino. — Ah! Conheço um Constantino que é rei de uma terra... — Tão pequenos e já o esforço do trabalho lhes pesa nos ombros, nas longas caminhadas, casa-trabalho, e se revela na cara ressequida, aos 13 anos — Ah Senhor, obrigados. Ficamos mesmo aqui. Estes vão ainda no primeiro Quadrante, sem preocupações pelos problemas que este fim de século há-de trazer a mais de 100 à hora. Santa ingenuidade para quem as interrogações do autor do livro Choque do Futuro nem existem nem contam nem podem ter sentido. Apesar

(CONTINUA NA PAG. QUATRO)

Seguia o meu amigo estrada fora e na paragem que fez para dar de beber ao carro, abordado um miúdo de sacola ao ombro: — O Senhor passa ali?... — Pois passo, moço. — E pode

Último Quadrante

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

de estarem plantados nesse — para uns feio, e para outros ri-solho, futuro. Estes são exemplo vivo para muitos que aí vagueiam cuja sorte, injusta, tanto bafejou.

★ Namorava-a há muito tempo e quando lhe mandaram, lá foi ele através dos mares até Luanda. Deixou-lhe muitas das coisas que preparara já para o «vinho» e lá fora, mesmo quan-

QUADRANTE

Era uma maçã vermelha. Pedrada, quase «no fim do tempo». Não havia «calmeiro» mas «calhou a sentir-se» em fogo quanto à pergunta: é casada, solteira ou viúva? — teve de responder: «solteira»!

PEDRO AFONSO

★ 2.6.73

2.6.73

2.6.73

ipol

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

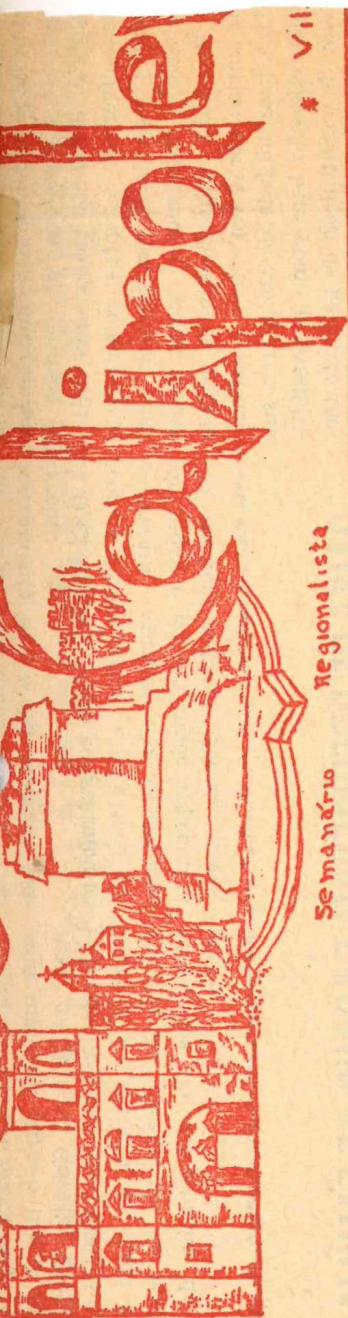
2.6.73

2.6.73

2.6.73

2.6.73

2



Ultimo

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

guns sectores privados, como bancos e seguros. Assim está certo. O aperfeiçoamento da legislação do trabalho há-de levar até esse ponto. Ou um «colaborador» deixa de o ser logo que o «outro» não queira colaborar?

Mas, enquanto tal desiderato se não obtém, certo parece que o conceito — objectivo — de justa causa de despedir tem de ser construído, também, com as dificuldades em obter novo emprego e com a tendência ansiada da estabilidade do emprego, além dos elementos usuais.

★
Dissemos atrás dos domésticos. Que é isto para os efeitos dos direitos a férias, indemnização, etc.? São todos os que tra-

mas empregada que, por acaso, opera numa habitação.

★
Há outros sérios problemas no trabalho: o daqueles que trabalharam para uma «firma» (mal dito), para uma sociedade que A e B entre si fizeram. Não pagam os salários nem as contribuições ao fim de 1 ano desfazem-na. Quem deve? Não A e B, mas a sociedade e os trabalhadores que pulem! Pois bem. As leis do trabalho têm dois discutidos artigos que permitem atalhar isso, mas só em processo penal. São eles: o 178 do Código de Processo e o 119 do das Custas. O 1.º diz que quem for gerente é tão responsável como a sociedade pela multa. O 2.º vem a dizer que a multa não consiste apenas nuns

200 ou 500 escudos de condenação, mas abrange tudo o que a sociedade deva: imposto, contribuições, salários, etc. Mas só um ou outro Tribunal tem posto esses dois artigos a andar: são eles dois ilustres desconhecidos.

Claro que os gerentes vão dizer: — Mas a sociedade é de responsabilidade limitada. Ela até faliu. Não vale nada o Código Comercial e a lei das sociedades por quotas? — Vale, mas não aí. Foi alterada pela solidariedade imposta aos gerentes em outras duas leis.

Que os gerentes atentem nisso para se não verem depois em palpos de aranha, aliás, justamente ali apertados, pois os salários são sagrados.

Para hoje, basta.

Pedro Afonso

Último quadrante

619
Califórnia de 22. XI.73

gem em 1979 seria de mais 6% ou quase 60%. Evidente que não pode subir indefinidamente.

★
Falar disto raz à colação a justiça de se terem concedido benefícios às pessoas que trabalham nas habitações de outros domésticos. O mesmo se diga dos rurais e dos porteiros em prédios urbanos. Também são gente.

Os problemas agudizam-se: numa região como o Alentejo onde poucos são donos dos postos de trabalho — e não só no Alentejo — vai caindo dia a dia mal, e mais mal, que o trabalhador esteja sujeito a ver-se, de um dia para outro, expulso do seu posto, despedido.

Certo que, não havendo motivo justo dado pelo trabalhador, lhe concede a lei indemnização. Mas nem sempre ou

Falando do 4.º Plano de Fomento: o Governo tornou pública a sua Proposta de Lei n.º 3/XI, relativa à programação que há-de cobrir os seis anos que vão desde 1974 a 1979, ambos inclusive. É um período que se adivinha de tremendas alterações: salários, produção, máquinas, emprego e desemprego, etc.

O Relatório explicativo que antecede a Proposta de Lei traça no n.º 7, d), do «aperfeiçoamento da política de trabalho»... e diz que, do rendimento global da Nação, os trabalhadores obtiveram, em 1965, de 93 milhões, 44, ou uma percentagem de 47,5 a qual, em 1971, saltou para 52,5% (são mais 7% em meia dúzia de anos, quase 1% ao ano).

É muito, mas ainda não basta. Por este andar, a percenta-

ção não convive: não dorme lá nem come e o ponto essencial parece ser que lá habite sem ser necessário, sequer a quase «comunhão» de mesa e habitação.

12-5
muito pequena e em termos de há 100 anos quanto aos rurais. E por outro lado, é injusta a indemnização que a lei estabelece: proporcional aos anos de casa. Ora a proporcionalidade é insuficiente. Basta ver que um homem com 40 anos ainda poderá empregar-se noutra casa, mas quanto mais idoso, mais dificuldade de obter emprego.

Daqui duas conclusões: ou a proporcionalidade se transformar em mais que proporcionalidade, isto é, se a 5 anos de casa, corresponderem 5 meses de indemnização, por exemplo, a 10 anos devam corresponder já 20 meses em vez de 10 e por aí adiante: indemnização progressivamente agravada; ou estatuir-se o princípio geral de que pelo contrato de trabalho, o operário adquira a posse do posto de trabalho donde só poderia ser afastado mediante processo capaz. É o que se dá com o funcionário público e al-

(CONTINUA NA PAGINA TRÊS)

pese internacional **dos Chineses**

12-6

522
por F. ALMEIDA

N. Fay 8/4/79

É facto ser o mundo dia-a-dia mais aldeia onde tudo se sabe de uma ponta à outra, devido a essa assombrosa rádio, televisão, etc.

Há 100 anos, a China era um cercado onde pouca coisa entrava: isolada do exterior; depois, obrigaram-na os ocidentais a abrir-se ao comércio: modernizou-se e tão moderna ficou que recebeu a ideologia marxista alemã e, com Mao, voltou a fechar-se. Como a URSS. Desde os tempos de S. Francisco Xavier que ela se tinha aberto ao Cristianismo estando por 1950 com 185 bispos. Parece que tudo desatou, ao menos na aparência, mas, em contrapartida, estão a reabilitar as antigas religiões de lá: confucionismo, budismo (do da Índia), etc.

São uns 800 milhões, de raças várias, muito inteligentes, interesseiros, trabalhadores — as formigas azuis. Grandes artistas de porcelanas, panos de seda, trabalhos em madeira, etc, como se pode ver no Paço Ducal de Guimarães. Em ciência atómica vão muito adiantados — e calados como os Judeus em Israel.

Têm uma cultura rica e muito antiga — de uns 4 mil anos antes de Cristo. Mas nem sempre conseguiram evitar governo de estrangeiros. Até os Mongóis os governaram no tempo de Marco Polo, seja, no tempo do nosso D. Dinis. São pacíficos, o que não evitou andarem às turras com povos a ocidente deles — como o demonstram as célebres muralhas da China. Ultimamente, querelas com a

URSS por uns palmos de terra que os Czares russos lhes caçaram e querem que a URSS lhes devolva, no que esta não embarca.

Dão 4 para cada russo, de modo que se os soltarem na estepe russa, a URSS pode ter que contar. Daí o namoro que esta lhe faz. Se ela passa a revisionista, poderá tê-los na Jugoslávia como no tempo dos Mongóis já estiveram — vai tudo raso. Será a repetição das antigas invasões. Com a morte de Mao, que mudanças irá haver? Nada pára: o mundo é mudança como já reconheciam filósofos anteriores a Cristo. Até chineses — que os tiveram e vários.

Pela civilização dela, pelas riquezas que tem, pela doutrina marxista-leninista-maoísta que lá nasceu pela enorme massa humana que lá vive, pela grandeza do território, pelo génio incentivo daquela gente, por tudo isso e a habilidade diplomática daquele povo, a China é hoje uma enorme potência mundial para a paz ou para a guerra — que pode declarar-se qualquer dia.

Se a China se decidir a utilizar o seu grande prestígio para bem da paz e entendimento entre os homens, poderemos ter mais uns anos de sossego — não enlouquecendo os de cá. Se não...

O Rito Bracarense

Porque não

uma Associação de Amigos
do Rito Bracarense?

21/6/77

512

Palácio
de B-posta

Recebemos a seguinte carta, que publicamos com o maior prazer. Omitimos o nome, porque ainda não temos autorização do autor para a publicar.

Como o leitor verá, se é sabido nestas coisas, o signatário é especialista e conhece a fundo o problema. Certos estamos de que as pistas indicadas devem dar-nos revelações, cheias de interesse.

Se concorda com a sugestão, leitor amigo, escreva.

Eis a carta:

Senhor Director
de «O Cávado»

Carta

No seu jornal de 12/5, vi a sugestão de o Rito Bracarense descender do tronco litúrgico oriental. Acho uma hipótese séria a investigar já que S. Martinho de Dume era um oriental contemporâneo de Justiniano I, desta forma: Justiniano, imperador desde 527 a 565; Martinho em Braga pelo menos desde 549 a 579 (Zernov — História do Cristianismo Oriental. 73 e M. Oliveira — Lenda e História, 67 a 71). Certo que os Orientais têm ritos vários (bizantino, copta, sírio, etc.). Só que Martinho era da Panónia, na zona do patriarcado bizantino, que o Justiniano até alargou às Espanhas, em reconquista.

Certo também que à chegada de Martinho a Braga, esta já tinha rito cristão — que o remodelador Martinho não deve ter deixado de retocar. Ora, com quê? Com o que trazia, aprendido na Panónia e Bizâncio, que se con-

servou mariano, apesar do ensino do patriarca Nestor (Nestorius), da afamada escola de Antioquia, deposto por 452, um século antes de Martinho ter chegado.

Infelizmente, que eu saiba, o Rito Bracarense não tem sido confrontado com o Bizantino do tempo de Justiniano.

II

Uma sugestão: não seria conveniente agregar os estudiosos do Bracarense — e os amigos dele — numa Associação que reunisse os esforços para a investigação do Rito? Verá e dirá em «O Cávado».

III

E não ficava nada desajeitado nela traduzir os textos de apoio para serem entendidos, tais como: as obras de S. Martinho de Dume; o De Virtutibus Sancti Martini, de Gregório de Tours; o De Viris Illustribus e Historia Suevorum, de Santo Isidoro.

Nota: alguns livros litúrgicos do Oriente cita-os Zernov a págs. 323 e na bibliografia final; a vinda de Martinho para o Ocidente pode não ser estranha a polémica pós-Calcedónia (concílio de 451) que veio a fraccionar os cristãos em Monofisitas e Duofisitas. E por causa de teorias (hoje não é assim) dividiram «a mortalha de Crito em tangas de algodão», disse o Junqueiro.

Os meus cumprimentos.

(Segue a assinatura)

A nova farda do contrato de trabalho

OV. 7/7/77

Muita gente sentiu na pele os efeitos do contrato de trabalho. Não venho dizer que é um acordo como diz o Código Civil. Também comprar um prédio é acordo e são-no o casamento, o arrendamento de casa, etc. Olhe o rendeiro. Sem falar já dos do MARN: fica na posse de uma coisa, do prédio. Ou o usufrutuário ou o inquilino: disfrutam, beneficiam por certo tempo de coisa cuja raiz é de outrem.

O resultado, a situação em que um dos contratantes fica é direito real, materializado sobre um objecto de que fica possessor. Ora o que resulta do contrato com a nova farda é assim. Querem ver?

Lê-se em A Vida Quotidiana em Bizâncio, de 1087-1180, escrito por G. Walter — trad. de Livros do Brasil, pág. 71, acerca dos funcionários: «Essas funções, esses cargos eram concedidos pelo imperador vitaliciamente... os cargos podiam ser comprados segundo uma tarifa oficialmente estabelecida. O preço era fixado na proporção dos emolumentos que... devia trazer ao adquirente».

Digam lá se o cargo não era coisa de rendimento, se a situação obtida não era real. É situação real a que resulta da «posse» do funcionário público: é a propriedade dele de que só é saneado por culpa ou nas «horas da verdade» como aconteceu logo a seguir ao 25 de Abril. Ensinava o Marcelo — e ainda não se conhece quem lhe substitua o ensino (e é um desaforo que os revolucionários aprendam ainda por esse... senhor), ensinava — seguimos — que em Portugal o cargo do pai até era herdado pelo filho.

E depois? É que se fosse não real, podia-se desfazer a qualquer hora. Pagava o prejuízo de violar o acordo, de despedir, mas só. Pois isso acabou com o célebre Decreto 372/A/75 (parece uma matrícula, mas não é): é

proibido despedir; se despedir não vale — logo paga e tem de receber o trabalhador de novo. É a célebre causa justa e o processo de «ciplina». Coisa semelhante já o Salazar mandou aí por 37 com a lei 1952: se V. vender o negócio, o que o compra adquire também os trabalhadores daquele negócio. Não sabia?

É então claríssimo que o trabalhador é agora proprietário do seu lugar na empresa: o lugar é dele, não do patrão. E assim, sem fogos de vistas, aparece o contrato de trabalho com nova farda — que não tinha: dá direito vitalício, como em Bizâncio, a uma «mina» ou propriedade nova. Bem preciso era porque as gentes são cada dia mais (daí o desemprego) e a Terra até baixou de hectares ao largarmos da mão aquilo do Ultramar e ainda com as nacionalizações (vulgo, reforma agrária) papando um só — o Estado, melhor, P. C. — milhões de hectares.

De maneira que se obteve o substituto da terra: os empregos passaram a ser propriedade. E com isso se cumpre também uma encíclica que estimulava virar os proletários em proprietários. Agora já ninguém a não ser o jornaleiro e a criada (até breve) é proletário. Todo o mundo tem ou terrinha (os «pontos») ou a fábrica ou o posto de trabalho sem falar no subsídio de estar queto.

Aí os nossos juristas — isto agora está mau, é certo — que há muito não dão vista àquela coisa chamada filosofia do Direito, ao contrário do que fizeram um João de Deus por 1260, um Barbosa por 1640 e outros como pode ver em Ferreira — Existência... da Filosofia Portuguesa.

Atentem na nova farda ou sucede-lhes como ao ferreiro: pagou o despedimento entregando oficina e tudo ao empregado.

A. TORRES

Geografia de

D. António Barroso

V. 12: 5.XI.77 933

Em 1971 publicou A. Luís Vaz uma vida de D. António Barroso. E porque nunca a vi à venda em Barcelos nem que dela falasse «A Voz do Minho» aí vão algumas notas. Traz 189 páginas, índices e foto do monumento em Barcelos.

Este nosso remelhense nasceu em 1854 e faleceu há 60 anos (completa para o ano). Os do

PELO

Dr. Francisco de Almeida

Porto não se esqueceram dele e o bispo de lá também se chama António. Aí são iguais.

Andou por muito lado a saber: Braga, Angola, Moçambique, Índia e Ceilão.

Percorreu em Angola caminhos por onde andei, ele a pé e eu em jeeps, etc.: Ambriz, Nôqui, Salvador, Bembe, Marimba, Cabinda, Golungo Alto. Alguns dos senhores leitores não de conhecer estas terras e recomendar as picadas, o Cuanza, a estrada e Malange, a "civilização de apito" em Cacuso e Salazar, os cafezais de Quipedro a Nambuangongo, a igreja baleada de Quicabo, as mulheres pelo Congo esventradas na «maca» de 61. Terão visto pontes idas pelos ares como a de Lifune viram os cadáveres insepultos da batalha a seguir ao Lifune cujas águas arrastavam os miasmas de revolta no Vale

de Loge, de ricos pomares, e do Toto, de famosa represa e funcional aeroporto na Fazenda do Cid.

Por essas terras, e Negage e Salvador andou a pé — e são tantos quilómetros! — o nosso Barroso. ~~Se~~ Bembe?

Em 62 quase só tinha restos da Missão. Mocimba? Pouco mais que o posto da administração e umas mulheres de cabelos encarrapitados e sujíssimos. Ali perto morava um soba, já velho, que vi de tanga à porta da sua cubata, rodeado pelas 12 mulheres dele.

Barroso viu restos de conventos. Em África! Nós só vimos coisas destruídas como aquela desgraça em Nambuangongo cuja carreira de lá a Luanda, diária, não mais se viu: foi-se com o soba Afonso que nos guerreava.

Mas voltemos à geografia.

Barroso baptizou pelo Norte de Angola, nos Dembos. A seguir, ordenado bispo, percorre, outra vez a pé, esse enorme Moçambique: L. Marques, Beira, Tete Gongorosa etc. Como foi que onde tantos outros ficaram vencidos e mortos pelas sezões, a mosca do sono que nem a bois perdoa, as águas inquinadas, os pântanos, os leões e hienas, víboras e selvagens, o nosso remelhense conseguiu passar no exame e sem quinininos? Que pêro!

Entregam-lhe a seguir Melia por nas Índias, nos tempos em que se lutava por ter lá um Padroado! Vaidades nacionais que os de hoje não têm. Nem brio.

Dão-lhe hossanas os intelectuais em Coimbra por 1900 e vexam-no, os mesmos 10 anos depois. Sai do Porto para Cernache ali perto do Zêzere, barragem do Bode onde nasceu Nuno Álvares. Depois nem cá o admitem e exilou-se por esses países da Europa. Por causa de Cônsul Brasileiro, tão carbonário decerto como Afonso Costa se exilou.

Por fim, regressou ao berço, ali em Remelhe onde descansa de muito que para seu Mestre ganhou.

ACHEGAS PARA A HISTÓRIA DE BARCELOS

O caminho para Santiago de Compostela

Vários são os padroeiros das nossas freguesias. Interessa-nos agora São Tiago que é padroeiro das seguintes:

Vila Seca, Creixomil, Feitos, Carapeços, Couto, Cossourado, Aldreu, Sequiade, Cambeses, Carreira e Encourados. 11 (v. 145)

Ora bem: as freguesias, desde Vila Seca até Cossourado, ficam quase em linha recta. Isto significa que os freires de Santo Iácob, nome que evoluiu para Iágo(b), e

veio dar Sanct-Iágo(b) ou Santiago, vinham de Compostela ao rio Lima e daí até ao Cávado pernoitando em Cossourado até Creixomil, sem passar por Barcelos.

Atravessado o Cávado, Vila Seca até ao Porto (ver os Oragos em Barcelos, de Ernesto Magalhães).

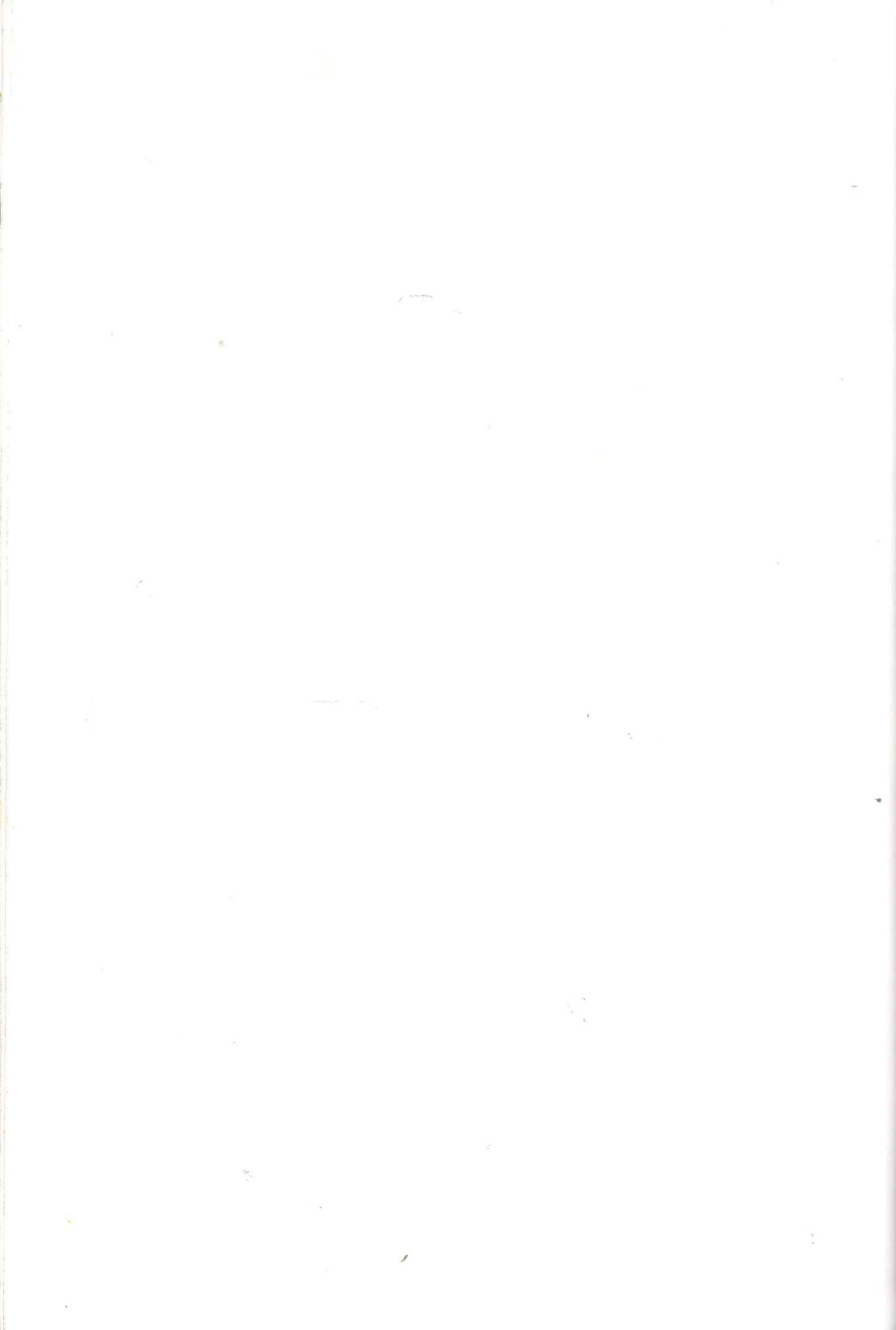
Logo, estas freguesias datam de tempos anteriores aos Mouros ou, pelo menos, dos tempos da Reconquista (pelo ano 800).

NOTAS: Em 1325, um cónego Anes deixou um legado (rendimentos) para a ponte de Barcelos (V. Armando de Castro — A Evolução Económica de Portugal, vol. IV—218 e m. art. na Voz do Minho de 6.8.77).

Do ano DCCCCVIII — 870 na era actual, há um documento no Portugalia Mon. Histórica, transcrito pelo Cón. Arlindo Cunha em A Língua e a Literatura Portuguesa, 3.ª edição, por onde se pode aquilatar como é que as nossas freguesias se organizaram.

Esta mesma obra trancreve, pag. 33, um documento do ano 1192, em que são referenciadas as freguesias de Oliveira, Carapeços, Aguiar e Creixomil. Fica ele para outro dia.

Francisco de Almeida



mais de actividade em periodos eleitorais.

Nestes contava-se um importante comerciante, proprietário duma loja de ferragens, da Rua Direita. Raul Ferreira Veloso, de seu nome, encerrava o seu estabelecimento todos os «CINCO DE OUTUBRO» desde que a data deixou de ser feriado nacional.

Um acto simples em tempos difíceis. *14/2 23/2/80*

4 — O antigo professor do velho Colégio D. António Barroso, Dr. Francisco de Almeida, é também um dos barcelenses que vive, aqui, nas margens do Tejo.

Fazemos um reparo, se é permitido a um ex-aluno, ao artigo do dia 9 de Fevereiro, neste jornal.

O Dr. Francisco de Almeida refere a «Revista do Minho» quando se trata de «Barcelos-Revista». Também não há duvida que A. Paes foi o primeiro barcelenses que se dedicou a enumerar os jornais que se publicaram em Barcelos. Foi pena que não compilhasse mais informações para as suas crónicas: Coisas Velhas.

Possuimos a «Barcelos-Revista» muito bem encadernada e sem falta de números... mas não está à venda.

1 — Barcelos vai continuar a ter seus naturais nas cadeiras de S. Bento.

O Eng.º Jorge Coutinho, do Partido Socialista, deixou a Assembleia da República. Nesta legislatura, a Aliança Democrática coloca dois deputados barcelenses: Dr. João Batista (pela segunda vez) e o Dr. Adalberto Neiva de Oliveira. A Aliança Povo Unido apresenta o Dr. Vitor de Sá.

2 — O Dr. Adélio Marinho de Correia, chefe do Serviço de Formação do Banco Fonsecas & Burdett e Assistente na Universidade Nova de Lisboa, continua as suas viagens de trabalho por países de expressão portuguesa. Foi, desta vez, à Guiné Bissau.

3 — Do alto desta colina, sempre que tivermos oportunidade, lancemos uma olhadela ao passado da gente de Barcelos.

Em todo o país existiu oposição a Salazar. Na nossa cidade, formou-se um grupo de republicanos que nunca se curvaram.

Os seus actos políticos circunscreviam-se, dadas as limitações, a actos de confraternização, assim como a «República» e um pouco

Azevedo caiu em contradição porque, por um lado, nos diz deverem admitir-se todas as opiniões em bendita liberdade e ao mesmo tempo reage opondo-se aos que aderiam à extrema direita. Não é assim?

Mais: a Laura é extraordinária. Pergunto: porque transforma o teatro em comícios?

Outra: actua no Monumental há longas semanas. Quantas há longos meses?

Ainda: com sucesso, mas orquestração? Sabe que há cerca de 1 mês conistou que o C. de Revolução ia proibir o Zero à Esquerda e isso foi o bastante para os bilhetes se venderem a 300\$00 cá fora e se formarem enormes bichas à porta do Monumental?

Ora bem: como é possível que a Laura atraia tanta gente e logo para coisas reacconárias? E a Esquerda verberou a Laura tal como fez o democrata Azevedo. Em que ficamos, meu amigo.

Francisco de Almeida

CORRESPONDÊNCIA

Recebemos do nosso prezado colaborador Sr. Albano Sordo a carta que se segue:

Viana do Castelo, 26-2-84

Exma. Senhora

D. Maria Carolina Dantas Soares Guimarães.

Digníssima Directora do Jornal «Cardeal Saraiva».

Minha Senhora *M. Artigo*

Em referência a «Algumas Notas Sobre o Tema: Religiosas», publicadas no referido Jornal n.º 3053. Eu antes de tudo quero dizer que menciono sempre com atenção os volumes onde vou colher tais informes, e se o Dr. Francisco de Almeida, tivesse passado uma vista de olhos sobre eles, concerteza que sabia que os originaes encontram-se guardados no tesouro da Igreja de Santiago de Compostela e no Cartório da Casa de Bragança em Vila Viçosa.

Supor que o conteúdo dos informes estarão na tese do Padre Doutor José Marques de Braga. Não sei; eu não preciso de mendigar isto ou aquilo, possuo alguns alfarrábios, que são o bastante para sustentar a minha paixão pelas velharias. Se alguém tiver dúvidas, eu ponho-os ao dispor de quem os quiser consultar. Mas se o Dr. Almeida consultar a segunda parte do 3.º Tomo e o quinto, Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa de D. António Caetano de Sousa e o primeiro volume da Corografia Portuguesa de Padre António da Costa Carvalho, talvez note a destrinça entre factos históricos e «esse conto».

Não me querendo tornar mais importuno subscrevo-me com profundo respeito.

Albano Negrão Gonçalves Sordo

A HISTÓRIA NÃO ABONA SÃO TORQUATO

A HISTÓRIA NÃO ABONA SÃO TORQUATO

(Cont. da página 1)

do tempo dos Visigodos a citar nomes de Santos; lá não vem o de S. Torquato;

Donde vem então o nome do Santo? Não se sabe. Mas sabemos:

a) que pelos anos de 450 já um bispo de Chaves escrevia livros; — b) que por 560 vivia em Braga um bispo muito sabedor, ao depois arcebispo, Martinho de Dume; — c) por 650 houve o S. Fructuoso e um pouco antes, o grande escritor Santo Isidoro, em Sevilha. E vários outros escritores cristãos. Nenhum falou em S. Torquato.

Mas, aparece-nos uma lista de Mártires em Lião (França) que já fala no Torquato (e mais 6 bispos), a saber: Torquato, Tisefonte, Secundo etc. Mais: que foram ordenados bispos em Roma pelos Apóstolos (só poderiam ser Pedro ou Paulo) e mandados para o que hoje é Portugal e Espanha. Vieram de barco até Cadiz... por cá acabaram seus dias: o Torquato, em Cadiz (Aci), etc. Então não foi por Guimarães? Mais ainda: os 7 bispos terão morrido to-

dos no mesmo dia — parece impossível.

A lista de Lião só data aí do ano 806 — já os Mouros cá dominavam havia uns 100 anos. Pergunta-se então:

1.º) Se nem dos Calendários hispanos o Torquato consta, como foi ele aparecer num da França)?

2.º) Porque é que só desde 806 se fala nele quando teria falecido quase 700 anos antes?

3.º) Como é que se conservaram os nomes de bispos dos anos 400 — e até de simples cristãos — e dos anos 500 e dos 600 e dos 700 e não ia conservar-se uma das primeiras glórias dos cristãos cá da Península?

A conclusão é que pode ter havido um homem cá, que o povo haja tido por santo (não se sabe). Alguém de forte imaginação inventou-lhe uma vida e fez dele São Torquato, bispo de cá, ordenado em Roma por Pedro ou Paulo. E também por coisas destas que custa a adaptar-se o Rito Bracarense.

Francisco de Almeida

V. M.º 21. I. 78

Aqui no nosso Minho há três devoções que a História não confirma. São elas: que São Tiago fosse sepultado em Compostela; que existisse São Pedro em Rates; que São Torquato tenha sido um dos primeiros bispos que houve cá.

PELO

Dr. Francisco de Almeida

Assentemos bem nisto que segue: 1.º) não pretendo escandalizar ninguém falando aqui destes problemas; 2.º) não podemos deixar de falar deles porque existem e a verdade deve respeitá-los; 3.º) no nosso tempo seria dar mostras de ser ceguinho escandalizar-se alguém com a verdade; 4.º) o Espírito Santo falou pelo Vaticano II e mandou limpar o pó que mesmo nos objectos religiosos se acumulou.

Uma recordação: D. Afonso Henriques prometeu pagar à Santa Sé umas moedas de ouro por ano. Depois não cumpriu. Para justificar isso, os de cá até inventaram esta: — não. Portugal fez-se independente da Espanha não por favor da

Santa Sé, mas do próprio Cristo. Assim: Cristo apareceu a D. Afonso Henriques e fê-lo logo rei de Portugal.

Há uns 100 anos, veio Hercúlo dizer que aquilo foi inventado. Deu muita guerra, mas a História não abona o falado milagre de Henrique. Mas vamos ao S. Torquato cujo tempo muitos visitaram ali perto de Guimarães.

Quem foi esse Torquato? Que rezam as crónicas? São verdadeiras ou inventam? É claro que isto é matéria difícil que só com respeito se deve tratar. Mas temos de saber se Torquato existiu ou não. Temos de fazer investigação do passado, de fazer história. Por pontos e para ser breve:

1.º) do século 8.º só existe o livro de orações, do tempo dos Visigodos, chamado Libellus Orationum. Dele não consta S. Torquato;

2.º) Existe o Calendário de Carmona (lista de nomes dos Santos), que o não traz e data dos séculos 5.º a 7.º;

3.º) há muitas inscrições

(Continua na pág. 4)

72-12

e a crítica da Arte

Perguntei aqui (*Cáado* de 11-8-1977) se afinal a Sé de Braga era misteriosa.

O que ela é, isso sim, é uma jóia de arte a impedir a materialização das mentalidades. E depois, quem sabe que mulher mandou construir aquela joia de bronze que é o túmulo do infante Afonso logo à entrada dela? Bem podia o Cabido pôr uma legenda que explicasse aquilo: até ali se tem o milagre do dinheiro francês.

Quem é Belard? Um ilustradíssimo advogado do Alentejo — que lá vive e trabalha — e a quem o hábito de esmiuçar as lei, criticar as provas, confrontar documentos, fez estoirar os pedestais que os nossos catedráticos de História de Arte a si mesmo levantaram. Este demonstrou que as obras válidas

não são feitas por quem tem as nozes, mas por quem tem os dentes — caco e idéias.

O caso foi assim. Há no museu das Janelas Verdes em Lisboa uns painéis tão artisticamente pintados que assombram o mundo todo. Encontrados no fim do século passado no chamado Mosteiro de S. Vicente de Fora, passaram a ser estudados pelos sabidos na matéria.

Surgiu o problema de saber quem eram as pessoas que estavam ali retratadas, sobretudo a figura central, que parece mais anjo que gente. Até que Belard, que não é catedrático de Arte, meteu bedelho, falou e pulverizou quanta sabença fora dita antes dele.

Aquela figura não é senão o português, cardeal D. Jaime, filho de D. Pedro, o das Sete Partidas,

sobrinho de Afonso V e do nosso Infante Santo.

Merece um reconhecimento nacional este Dr. Belard por, com tão poucos meios, ter mostrado que muito — e sério — se pode fazer quando se é diligente.

E aqui, aproveitando a lição, mas estranhando os factos, pergunto:

— quando é que os governos entregarão o ensino universitário a quem da poda sabe e não a canudados papagaios?

— quando é que os de Braga, e por essas terras fora, começam a olhar para as antigas pinturas com olhos de ver, reconstituindo a história de cada: quem figuram, quem pintou, etc.?

AC. TORRES

3/13/78

vistas e livros: Qual a c. r. s. a, ou causas, de tantas desvergonhas?

III

Ao menos, poder-se-á fazer monografia publicando o essencial do trabalho da Doutora e o mais capaz de a resumir é ela.

O resumo do que investigou é o seguinte.

—Em 1968, só 836 habitantes. Refere Gomes Ramires, a quem o Rei deu o Couto (1128). Discute-se a carta (documento) criadora dele é verdadeira ou não. Traz uma referência a *Goios* (pg. 10), ao *Facho e diversas às freguesias vizinhas de Manhente*. Não leu a monografia de Prado.

(Continua na página 4)

II

A autora escreveu-a como prova (dissertação) para se formar em história. Eu não a escreveria assim. Aborda diversos problemas de interesse geral e poucos em concreto de Manhente. Viu diversos autores que para esta história regional pouco adiantam e falto-lhe aprofundar os documentos (muitos) manuscritos que teve em mão. Tem apêndice documental que ainda não vi. Já era boa obra publicarem o texto, mesmo sem mapas. Ajudas não faltam (até uma rifa serve) e aquilo interessa a Portugal inteiro (mais que a de Galegos).

Reparem que um livreiro em Évora tem ordens de uma univer-

Falei dela na Voz do Minho e na minha Galegos. É da autoria da Dr.ª Costa Fernandes. Vi fotocópia do original dactilografado que me emprestou o pai da autora. Sr. Costa Fernandes É de 1968 e só é pena que essa fotocópia, que anda muito bem encadernada, não tenha sido exposta numa mostra da cidade para todos a verem. Já a mostrei a diversos, inclusive ao Sr. Reitor de Manhente. Era minha intenção ir a Manhente tratar de conseguir (ou não) que a freguesia edite aquela obra. Mas ou a publicam sem apelos ou demonstram que não há lá gente que se preze e preze a sua terra. É mesmo um desafio.

Tem 178 páginas em letra graúda

sidade americana para remeter à América tudo quanto sobre Évora se publique—e não discutem preços. Mas se uma terra pequena como Beja tem melhor biblioteca e melhor servida que a nossa vizinha Viana!... É se o Governo Civil de Braga prevê gastar em 78 apenas 100 ‘palhaços’ em re-

um (já então como agora!).

IV

Como era a Câmara de Manhente? E a bandeira da sua tropa? E as vestes dos seus meirinhos? E os marcos que delimitavam o Couto? (pg. 118 a 120). Desde quando há pesqueiras (açudes) no Cávado? (pg. 149). Como era o talho? (carnes—pg. 122).

Refere diversos reis de Portugal que decidiram sobre o Couto (desta D. Afonso Henriques, D. João I, a infeliz rainha que foi filha do infante D. Pedro, o de Alfarrobeira, etc.). Traz algumas divagações que podem e devem ser retiradas.

Quem foi Gomes Ramires? E Afonso Durães? E D. Quintina? Que relações houve entre Manhente e Várzea e Carvoeiro e Abade do Neiva e Palme e Tibães? (pgs 24, 8, 62, 69 e outras).

Diversos Papas legislaram sobre Manhente a começar por Martinho V. (pg 65). E diversos arcebispos dos anos 1400 e tal (pg 69).

Houve lutas com os Senhores de Prado que queriam mandar tudo em Manhente (pg 103 e outras). Até Viana interveio (115 e seguintes). O Reitor de Vilar era abade nominal de 13 paróquias. Não diz a autora quais (dava-se caso semelhante com o D. Prior de Barcelos).

Houve ali um Annes (Eanes). Este apelido aparece em Galegos no Tombo de 1518. Ali também há identificadas que feiras, que campos que bouças tinha Manhente em Galegos.

Merecem estudo a parte as justicas que houve em Manhente—e talvez o venha a fazer na revista Ciência Jurídica (Scientia) de Braga: para Juiz, ano a ano, os do Couto votavam 2, por braço levantado e depois escolhiam um. Há em Galegos processos em que intervieram 3 e mais juizes de Manhente (penhoras, etc.) sobre Santo Amaro, sobre os moinhos de Freitas e Castanheirinhos (Eirogo), etc. Eram obrigados a ir votar ou pagavam um carneiro cada

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
2.º JUÍZO

30
29
28
27
26
25
24
23
22
21
20
19
18
17
16
15
14
13
12
11
10
9
8
7
6
5
4
3
2
1

Políticos no interior das Igrejas

Vai para 3 anos que Paulo VI escreveu uma longa carta sobre o ensino cristão nos dias que correm. Anda aí traduzida por um grupo de Braga.

O núcleo é isto: João Baptista saiu a falar de Deus, Jesus também e depois o infatigável Paulo, Pedro e os mais até hoje. Fala do Primado — que em 1970 se esqueceu cá e 100 anos antes deu tremendas polémicas; dos jovens, famílias, catequese, grupos de base, missões lá fora e cá dentro, perseguições e ajudas dos governos, do mistério do mal, desânimos, correntes contra as missões, etc.

Uma questão: porque será que umas pessoas se interessam por problemas religiosos e outros atacam tudo isso (não ouvem nem querem ouvir; se ouvem, não aceitam; se aceitam, não aderem; se aderem, não praticam; se praticam, só o fazem na parte e no tempo que entendem?

— ★ —

Os políticos introduziram-se dentro das sés inglesas por 1500 e fizeram seus rebanhos seguir caminhos diferentes do de Roma. Depois, outros em cada sé fizeram sub-rebanhos. O cristianismo perdeu a unidade. Hoje as atitudes tomadas pelos ortodoxos e pelos protestantes achamo-las estúpidas. Mas a divisão continua apesar de não haver hoje ambiente para novos cismas.

— ★ —

A China obrigou após 49 seus bispos a estarem com o governo — e eram 185. Quem não obedeceu... foi de férias. E por cá falou-se há dias de uns iluminados padres — e freiras ao que parece — que foram casar-se aí para o reino dos Algarves.

Claro que a Santa Sé lhes permitiria casarem. Não querem assim, mas ser padres e ser freiras e casarem. O patrono será o tal padre da U.D.P. a quem uma bomba deu cabo das ousadias.

Estes não são Baptistas nem Paulos nem seguem os exemplos senão do piorio que houve por essa história fora. Mas vamos a um caso da nossa história.

Saibam que por 1700 e tal o formalismo era realmente demais. E que por 1834 os pedreiros livres atingiram os comandos do poder (não parece assim, mas às vezes há repetições porque o bicho homem é sempre o mesmo). E vai então, destituíram todos os bispos de Portugal. Como toda a gente padecia de bastante medo de não ter pão, os cônegos auto-sanearam-se e nomearam vigários capitulares (bispos substitutos) quem o governo quis.

E é por isso que encontro um Processo de Dispensa Matrimonial do ano 1836, a favor de 2 de Galegos, Francisco José Coelho e Maria Rosa (ela de 30 anos que menos de 24 era proibido), em que o dispensante se diz. «O Doutor António Bernardo da Fonseca Monis, cavaleiro da Ordem de Cristo, Cônego

da Sé de Lisboa, Vigário Capitalar».

Quer dizer: este padre cursou Coimbra à custa do povo, conseguiu ser cônego, vendeu-se aos do governo e por isso deixou Lisboa pela rendosa Braga, fez de bispo e deu dispensa que só a Roma competia. E invoca também: ele o Santo Concílio Tridentino porque... na cadeira de Moisés se assentaram uns, dizia Cristo há 2.000 anos.

E então é este Fonseca Monis vindo de Lisboa a cavaio quem actua por Roma, por Braga, etc.: acumula tudo. E o povo recorre a este usurpador pela mão do abade de Galegos Francisco Joaquim da Costa saneado em 1840 e pela mão do abade de Arcozelo António Enes Bandeira que foi o encarregado

(Segue na 3.ª pág.)

Políticos no interior das Igrejas

(Vem da 1.ª página)

pelo Dr. Monis de fazer a inquirição acerca do parentesco dos nupciais de Galegos.

E aqui está como por política uns infames padres saltam todas as leis, até as de Deus.

Pode não ser a última vez se vier a jeito. Frei Bento Domingues, do Tribunal Humberto Delgado, está por certo em desacordo comigo mas não tem mal.

NOTAS:

1.º — Há outro processo de dispensa de 1780 e tal cujo pedido foi ao rei e a Roma (e a era de Galegos e ele dos Griaos, Lama).

2.º — O Monis mandou pagar a multa de 5 000 reis; os de 1780 nada pagaram: o que tiveram é de fazer sacrificios que foram 16 missas, 78 rosários, etc. (mas já havia problemas entre eles). A multa foi para fins pios mas foi parar aos cofres do Estado.

3.º — O processo de 1836 tem 32 páginas e dele consta quanto à Maria Rosa quem foram seus pais e avós tanto paternos como maternos.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Um amargurado abade de 1872

4. Baza, 20/1/78 T. 3
Pelo que vejo de processos que em Galegos houve, a Revolução Francesa teve aqui reflexos sérios. Nunca ninguém contestava que o moinho de Freitas devia avença anual à Igreja por 1813, mas em 1817, o abade Macedo teve de meter nos eixos o negociante em Barcelos, João Gonçalves, que lhe devia as de 5 anos, ou 15 rasas de pão. E ganhou. O Gonçalves apelou, mas acabou por desistir. Como se explicam estas novas contestações?

Em 1872 foi a Junta a querer apropriar-se das esmolos de Santo Amaro, como já expliquei. E também em 1872 foi a mesma Junta — os mesmos Anjo e Pereira — a apropriarem-se indevidamente de uma azeitona.

O caso foi assim segundo alegou o abade de então, Macedo (António José):

1.º Num domingo apanhando o abade a celebrar a missa, foram-se com mais 15 ou 16 acólitos a Santo Amaro onde havia 6 oliveiras per-

tença da capela começaram a varre-las e a colher a azeitona, era o dia 24 de Novembro.

2.º) foi lá o regedor da freguesia e intimou-os a que parassem pois bem sabiam que aquilo não era deles nem da Junta. Mas não foi ouvido;

3.º) E lá teve o bom do abade de recorrer às justiças de Barcelos. Citados, embargaram, mas foram condenados. O advogado deles era o mesmo Santos de Barcelinhos e o do abade o mesmo e impoluto Castro.

447
Já se não conhecia que há um cento de anos uma dúzia de pessoas e a população não ia por aí além e por isso os vogais da Junta eram só dois, como os autos referem — uma dúzia houve a concluir-se com esses malfeitores. Até parece que estamos em 1974 ou 75!

Certo que elas podem ter sido exactamente os familiares e criados dos 2 galos da Junta, mas é quase impossível que fosse assim. Até prova não acredito.

Ora aí têm os meus amigos como não são para estranhar uns «progressos» que por estas terras houve há 3 ou 4 anos: histórias por fiar e que ainda hoje relatados de boca em boca, nos fazem rir pelo ridículo que as veste! E se puder ser, podemos garantir que se repetirão e até piores: quem sabe fazer um cesto é capaz de fazer um cento. E questão de calhar.

Francisco de Almeida

Para a história religiosa dos Limianos

por Francisco de Almeida

DIGO limianos para que se não pense trato só da Vila: estimo muito as aldeias para lhes infligir tal afronta. Digo história religiosa porquanto já não é possível tratar a história senão por sectores, aspectos especializados. Claro que no real nada há separado, mas a ciência faz-se separando mentalmente o que na vida vai a esmo. Exemplo: no Lima corre água. Mas esta pode e deve ser estudada pelo físico, pelo químico, pelos ecologistas quanto ao valor para a saúde, pelos agrónomos quanto ao aproveitamento nas regas, etc. Tudo isso é demais para um homem só. Ora o mesmo se dá com a história. Quem são os que se dedicam à história religiosa dos limianos? Há alguém?

I

Acontece que todos os povos têm sua história religiosa. Prova-o qualquer Manual de História das Religiões.

Uma pergunta: desde quando é que os limianos são cristãos? Há aí a sul de Ponte o rio Neiva. Pois este nome tem de Naebia, uma divindade. Naebia era povoação no Itinerário de Antonino — Braga a Astorga por Limia. Que divindades veneravam os limianos até aderirem a Cristo?

II

No livro As Paróquias Rurais Portuguesas fala-se nos nomes das paróquias que havia na diocese de Braga pelo ano 560 (Paroquial Suevo). Eram elas: Item pág. (rurais): Pannonias, Laetra, Brigantia, Astiatico, Tureco, Auneco, Merobeio, Berese, Palantucio, Celo, Suplegio, Senequio.

Foi tudo tão alterado que de poucos sabemos onde eram. Limia. Viana, etc. nem sequer paróquias eram. Então em 560 os limianos nem cristãos eram?

III

A dita obra Paróquias traz no fim uma lista das terras onde antes do Conde D. Henrique — ainda Portugal não era reino — anos 1000 e tal — tiveram mosteiro. Interessa porque os mosteiros desse tempo pouco mais eram que uma casa de campo e foram quem ensinou muita coisa aos nossos antepassados, vejamos onde eram: Azere (nos Arcos), Banho e Palme (Barcelos), Capareiros, Carvoeiro (Viana), Crasto (Barça), Friestas (Valença), Labruja (Ponte de Lima), Paderne (Melgaço), Arga (Caminha), Calvelo (Ponte), Vales (Monção), Ditorino (Ponte).

Do elenco poderíamos organizar o mapa (geografia monastical), o que poderia dar-nos muitos esclarecimentos. Ponte entra com 3 unidades: Labruja, Calvelo e Vitorino das Donas (se o autor do livro não se enganou). Que métodos usaram aqueles santos monges para conquistar esta gente toda para Cristo? Foi toda? Mas destes mosteiros, relativamente alguns, pouco mais há que o nome. É preciso escavar, Arqueologia. São precisas monografias de cada mosteiro (saíu há pouco uma sobre Longos Vales). Há tudo por fazer. Mãos à obra.

Sobre a Falada Descristianização

pelo Dr. Francisco de Almeida

Pessoas com melhores qualidades de observação repararam em pequenas coisas que outras passam sem ver. Exemplos: o padre Zé Salgueiro, de Galegos, reparou numas pedras, em fiada circular, no caminho de Galegos para o Facho e em 3 sítios diferentes. Concluiu que são alicerces de casas anteriores ao tempo de Jesus Cristo e é capaz de ter razão. Outro exemplo: uma jovem casada de Galegos foi um domingo de Agosto à adoração. Viu tão pouca gente que concluiu estar a fé cristã a perder-se lentamente.

Vende-se em Braga um livro cujo título é: O Cristianismo vai morrer? Conclue que os dos séculos passados foram cristãos mas à força, muitos só de fachada e por isso não há agora descris-tianização mas tão só um Cristianismo mais interior. Conta até o caso de uma aldeia de índios no México onde se veneram 4 santos e 4 santas. Para eles, S. João Baptista é filho do Sol e da Lua e Jesus é apenas um dos santos a quem acendem velas vermelhas ou verdes e até pretas, estas para soliciar castigo do céu sobre este ou aquele malvado.

O autor do livro erra ao ser tão exigente e crítico com os chefes cristãos de 1400 e 1500. Houve abusos, como sempre há-de haver. Quem nos garante, porém, que

actuações que hoje julgamos boas e honestas não vão ser tidas por parvoíces daqui a 100 anos?

Em 1518 ainda as paróquias, tinham suas herdades. Veja a monografia da Ucha. As dos conventos foram abocanhadas em

(Continua na página 4)

SOBRE A FALADA DESCRISTIANIZAÇÃO

em comendas — também com seus tombos como refere Mancelos na Resenha Histórica e o vem referindo o Dr. Matos da Costa no jornal, A Guarita. Foram usos que nos parecem detestáveis e contu-do foram aceites.

No Tombo de Galegos vê-se um João Alves, de Fão, arrendar por 3 vidas terras da igreja em S. Pedro de Alvito, uns Eanes a empra-zar terras da igreja em muito lado, como uma Brinçuela, um Lourenço e um Gonçalves, todos Anes, em Galegos, um Afonso Anes, de Pra-do, a arrendar em Alvito, Rodrigo Anes, em Fornelos, etc.. E numa escritura de 1600 vê-se um abade de Galegos a empraçar terras da igreja a um Camelo, de Braga, comerciante, casado com uma Urcela, os quais a seguir, alegan-do não poder cultivá-las, as su-barrendam a um de Lião.

Era um cristianismo feito de papéis, rendoso para alguns, demonstrativo de grande parasitismo. Ainda bem que esse foi morrendo. Mas o certo é que, hoje, de forma

481
diferente, Cristo vive em muita e muita gente. Se a descris-tianização for real, mesmo assim o Cris-tianismo actual é de uma espan-tosa vitalidade sobretudo na Po-lónia e na URRS. O nosso precisa de umas chicotadas.

XL-18

Contra o filósofo francês, Descartes

@. Soc. 13/478 por Francisco de Almeida

ESTE homem que viveu vai para 350 anos ficou célebre por uma frase sua que diz assim:—Eu penso. Portanto, existo. Queria ele na sua dizer que não podemos duvidar de nós mesmos. Mas quem pensa? O corpo ou algo no homem que não é o corpo? E não será ao contrário, isto é, eu existo e porque existo é que penso? De que temos mais certeza, de existir ou antes de pensar?

Os materialistas—e aí eu concordo—dizem que é mais fácil convencermos-nos de que existirmos (pois não comemos, etc.) do que de pensarmos. E contudo, o disparate do Sr. Descartes (leia Dêcarte) correu mundo como se fosse a invenção da pólvora.

Mas Descartes nunca em Portugal teve adeptos por aí além: somos incapazes de seguir voos altos sejam de um Tomás de Aquino ou do Sr. Freud. Às vezes penso que é um mal. Mas talvez seja uma virtude nossa: o Português é muito realista e de pés bem assentes na terra não vai em futebóis e menos em teorias filosóficas ou de outro género.

Ao ler qualquer Manual de História das Religiões—e o Sr. Descartes queria fundar no *Penso* a ideia de Deus—fico pasmado de como nenhum autor português é citado sobre essa matéria. Ora nós estivemos em África. As populações de Angola e Moçambique são da raça Bantu. E nós nada sabemos sobre a religião dos Bantus. Como assim?

II

Em Manuel d'Histoire des Religions de Joseph Huby—Paris, 1913, lê-se na página 62 (traduzo): «Os Bantus teriam conhecimento de

Deus?—E responde: «em todos os dialectos deles Deus tem um nome».

E na pg. 63: «a magia não se refere a Deus» (entre os Bantus); e «em parte alguma há» (entre eles) uma imagem de Deus; e «em parte alguma se blasfema» (se amaldiçoa Deus).

Uma pergunta: como foi que estes sub-desevolvidos conseguiram chegar à certeza de que um Ente Supremo—e para os Bantus, criador, etc.—existe quando tantos homens de hoje sustentam que tal s.r. não existe? O Descartes quis demonstrar que existimos se pensarmos. Então a criança que morreu sem ter chegado a pensar, nunca existiu, o que é tremendo disparate em que nenhum dos nossos rurais—apesar de rurais—embroca. E aqui está como os humildes «passam a perna» aos sábios.

III

Ora não há ninguém capaz de convencer lá por dentro um homem dos nossos campos de que Deus não existe. E' que o pão aparece feito na mesa do burguês da vila, mas ele, o lavrador, viu a semente que foi sua germinar, crescer e parir outras sementes; viu o boi cobrir a vaca e nascer-lhe um bezerro meses

depois. Ele sabe que não sabe nem pode alterar o curso da semente até dar a colheita nem alterar seja o que for no mecanismo vivo que a vaca tem e a faz, queira ou não, parir bezerro. E comenta o lavrador—que não é o estúpido que os literatos pensam: se não foi Deus quem fez o bezerro e a espiga, lá os que dizem que não foi Deus é que não foram: esses existem e pensam, mas tanto é que eu vejo que não sabem fazer.

IV

O Descartes enganou-se e atrás desse cego correram e correm outros, muitos. Suponho—mas não quero profetizar—que isto acontece para bem dos homens desta forma: há só na URSS 119 línguas e daí que s-ja humanamente vantajoso exigir-se uma dominante, o Russo. E' já uma unificação dos 260 milhões que lá vivem. Ora desde Descartes passando por Lenine e outros, teremos que as antigas religiões (dos Bantus, Peras, Indianos, Chineses, Árabes) vão cair deixando os povos quase no estado zero no que toca à ideia de Deus. Mas como ao chegarem a esse fundo zero, os homens ficam sem amarras, sem esperança e para mais confrontados com outros que tais que sem dó nem piedade nem temor de ninguém os fazem engolir as próprias fezes e comer o pão que o diabo amassou, necessariamente se matam—do que não são culpados—ou se voltam para o fundo de si mesmos. Mas aí encontram Deus. Logo, há males que levam ao bem e contra o raciocínio de Descartes.

v. 1993 : O livro de Descartes -

sobre a Monografia de Vieira do Minho

Escreveu-a em 1923 o vieirense Padre José Carlos Alves Vieira para apresentar ao Congresso Regional de Braga. Tem 562 páginas e índice faltando-lhe um índice ideográfico e a resenha bibliográfica.

Na 1.ª parte fala das excelências de Portugal e do Minho — para o que transcreve versos de mais de 40 poetas e frases de escritores, até ao geógrafo francês Reclus (*Geographie Universelle*). Difuso

demais, mas perdoa-se-lhe pelo entranhado amor a Portugal e ao Minho.

Na 2.ª parte, sempre acompanhada com muitas gravuras, usou como depois veio a fazer o nosso Dr. Teotónio que é porcorrer e descrever freguesia por freguesia.

Bem poderia ele, que se queixou de não ter a ajudá-lo uma monografia sequer sobre algum aspecto de Vieira, dar-nos os relatos do que os jornais de Vieira arquivaram — e circularam lá diversos como se pode ver em *Imprensa Bracarense*.

Mas as monografias estão ainda agora a ser feitas sem esse precioso auxiliar do qual Falcão Machado nos deu achega em «A Voz do Minho» de 23-9-78.

A da Ucha não refere um só jornal.

Também é certo que a grande monografia só pode construir-se sobre monografias parcelares como a que Matos da Costa escreveu, no *Barcelense* sobre a nossa Banho e se perdeu porque não fez daquilo separata (livro).

Bastante interessa a Barcelos a de Vieira: pelas descrições que faz e porque algumas vezes refere Barcelos.

As fontes do Autor — que bastante escreveu em livros, jornais e traduções (página 540) — foram no essencial estas:

— Grandes jornais como *Economia*, *Comércio do Porto*, *Diário Ilustrado*, etc., além da *Voz de Guimarães* e *Correio de Vieira*.

— As Histórias de Portugal de Herculano e Pinheiro Chagas (volume 14), além da celebrada revista *O Ocidente* e *Gazeta das Aldeias*.

— Contador de Argote — *De Antiquitatibus C. Bracarenses*, 2.ª edição que bem merece ser traduzida e a *Revista Domingo Ilustrado*

— Monografia da freguesia: *Pincães*, seu povo e seus costumes (pg. 388), de Jacinto de Magalhães, que critica.

— *Memória Genealógica...* sobre *Marinhos-Falcões* por José Augusto Carneiro (ver *Falcões* no *Cabido* de Braga por A. Luís Vaz) e *Árvores do Costado* — por Barbosa Canais.

— *Almanaque de Ponte de Lima* para 1909 (isto dos *Almanaques* também se não tem aproveitado; há lista deles na *Imprensa Bracarense*).

— *Inscrições*, sobretudo duas de S. Bento da Porta Aberta (também o Dr. Teotónio faz preciosas transcrições — e agora o Sr. Padre Hélio na da Ucha).

— *Memória sobre a Ermida da Senhora da Lapa*, do ano de 1694 que transcreve.

— Recolha do que diz a Tradição em cada freguesia — o que é também uma fonte preciosa (Teotónio ouviu, ver o que conta de Fornelos), mas precisa de ser depois confrontada com documentos — a procurar, que os há quase sempre.

— Tombos de 2 freguesias e numa delas, um de 1798 (tempo da rainha D. Maria I), que traz anexa certidão do de 1548 (pg. 399).

— Pena que não transcrevesse o *Regulamento das Viseiras* (pastorícia na Serra da Cabreira), não referisse S. Geraldo em Rio Caldo nem Frei Bartolomeu do Arcebispo e o Pastorinho, não aprofundasse sobre a cortesã D. Maria Pais Ribeiro, nada dissesse fundido no *Liber Fidei* ou ligação de Vieira a Braga — e refere um prazo a pagar ao Cabido e outro a S. Pedro de Braga (que o Marquês de Pombal afundou como pertencente à Universidade de Coimbra (ver *História Abreviada dos Seminários de Braga* — Monsenhor Ferreira).

Não é tão científica como a do Dr. Teotónio e contudo, oxalá o baírrismo ali demonstrado levasse outros a reunir para as suas terras os elementos que sobre elas há, mas dispersos.

Francisco de Almeida

CARTA DE LISBOA

12-21

391

1
E já 1979 quando esta vier à luz do dia. Que todo o vilacense na terra ou dela ausente consiga singrar o melhor possível durante estes 356 dias!

E que leia e guarde as Guaritas onde o Dr. Matos da Costa escreve a Monografia da terra já que poucas são em Barcelos a ter um jornal próprio e um Matos da Costa a estudar-lhe a história.

E que não se esqueçam de pagnar por que as monografias já escritas em jornais sejam de novo publicadas em volume próprio de modo que os da terra e os do concelho pelo menos venham a ter acesso a elas. As juntas não podem já dizer que só têm cotão no bolso. Estou a falar da Memória Paroquial, de 1758 na Torre do Tombo (inédita), no Depoimento do sr. Arcipreste Rios Novais no jornal «Diário do Minho», de 1952 e da Monografia do P.e Bernardino, de 1929 — do que, tudo, falou Matos da Costa em «A GUARITA», de 11-78.

2
De certo Matos da Costa seria mais eficaz se publicasse os textos para o povo ver como é que foi. Voto nisso: os Tombos de Vila Cova, da Comenda de Banno e outros. Como é que um Rios Novais publicou livro sobre Salvador do Campo?

Ponte de Lima anda a pedir se voltem a publicar livros sobre a sua história. Por exemplo o chamado Ilucidário Regionalista (é Elucidário). Barcelos teria bastante a reeditar, por exemplo o Compêndio de Grandezas e Cousas Notáveis d'Entre Douro e Minho, de 1608.

3
Ofereceram-me uma revista em que li o seguinte drama: Alexandre é soviético e foi encarregado por outros de ir levar uma mala de bíblias a certa terra. Tomou o comboio e mesmo cheio de medos lá embarcou. Mas porque julgou que os acompanhantes eram curiosos demais, resolveu descer do trem na estação anterior à da tal cidade e ir a pé o resto do caminho. Já tinha andado bom pedaço quando um carro da polícia lhe parou ao lado a oferecer boleia. Aceitou. Os polícias discutiam até que um disse: «pobre Alexandre e as tuas bíblias quando desceres do comboio»!

Perguntaram onde queria descer-se do carro e ele disse «já ali àquela esquina». Lá o deixaram e foram à cata do das bíblias. Mas o das bíblias era este a quem deram boleia!

4
Ai esta Lisboa! Quase tão extensa como de Esposende a Barcelos, vejam lá! Tanta casa, tanta gente! Muitos são os rendeiros de casas que estão comprando aquelas em que vivem. Um caso: 5 divisões, 350\$00 de renda por mês, comprou-a o rendeiro por 169 contos. Precisa meter já mais 100 para obras. Quantos reformados aqui há que podiam ter vida mais alegre se voltassem à freguesia! Mas habituaram-se a Lisboa e tal e tal.

A melhor coisa é o passe social. Com ele, entro em qualquer autocarro, desço além, tomo outro, passo ao metro, sempre mostrando apenas o passe.

Poupa-me centenas, mas a Rodoviária, coitada, quanto não perde!

Adeusinho.

JERÓNIMO

te-se, é uma grande consolação e um incentivo para quem escreve, quantas vezes também roubando tempo ao seu descanso ou à sua profissão!

Até para poderem dar a sua opinião, mesmo discordante.

V. M.

UM LEITOR

72-22

Leio sempre com muito gosto os escritos do Dr. Francisco de Almeida cuja vida profissional se centra em Lisboa.

Sendo natural do Concelho de Barcelos, tem sempre mostrado grande interesse pela nossa terra e, principalmente, pela sua Galegos.

Exercendo as funções de Juiz, que lhe ocuparão uma boa parte do tempo, ainda consegue algumas horas para manter a sua, quase semanal, colaboração nos jornais de Barcelos.

O que não é nada fácil dada a sua operosa actividade jornalística e os vários aspectos e questões que aborda.

Há dias, ao ler n'«A Voz do Minho» de 24 de Outubro de 1987, a secção «Coisas de Longe e de Perto», da responsabilidade, do Dr. Francisco de Almeida, vi lá referido o meu nome, o que aliás já acontecera em número anterior.

Referia esse meu querido amigo um tema que eu havia abordado em dois números do «Jornal de Barcelos».

Vi essa referência e fiquei contente!

Não porque o nome visado tivesse sido o meu.

Mas porque significa que um Juiz que trabalha em Lisboa, embora sendo de Barcelos, não obstante ter a sua vida profissional muito ocupada, apesar de manter uma assídua colaboração escrita com quase todos os jornais de Barcelos, ainda consegue tempo para ler os jornais da sua terra!

Que compensação para quem escreve!

Sem procurar saber se achou o artigo bem ou mal escrito, sem cuidar de averiguar se o tema está bem ou mal tratado, só o facto de se saber

em Lisboa, longe de Barcelos, uma pessoa extremamente ocupada, culta e inteligente, que lê o que se escreve. só isso, repe-

Um exemplo para certas pessoas que deveriam interessar-se pelos seus jornais e ler os seus escritos.

S. Romão da Ucha

P. Hélio

V. M. 18-XI-78

Começo por dizer que sou o autor do Livro «S. Romão da Ucha, no passado e no presente».

Não sou colaborador de jornais, como a muitos podia parecer.

Contudo, hoje, peço licença, para ser o cronista.

Preciso de agradecer — a gratidão faz falta como o pão para a boca — a muita gente, mas perdoem-se se só falar em alguns, pois é impossível nomear a todos.

Admiro e fico sensibilizado com o Sr. Dr. Francisco de Almeida, por todo o interesse e trabalho por estas Terras de Barcelos; natural de Santa Maria de Galegos, autor de vários trabalhos e bom profissional.

A Crónica, intitulada «Algumas curiosidades reveladas pela Monografia da Ucha» foi-me dirigida para ler. Pede-me para escrever e criticar. Mostra grande interesse pela Pousa.

Peço-lhe desculpa pelo incómodo que lhe estou dando, pois a cópia de documentos no Tombo é muito trabalhosa.

A Pousa, Santa Cristina de Ulgo, na idade média aparece S. Cristina de Algo da Pousa ou simplesmente só Santa Cristina de Algo como no Tombo de 1548. A freguesia da Pousa, actualmente, compreende também S. Salvador da Reguela.

Obrigado da minha parte, aos Jornais de Barcelos: «O Barcelense», «A Voz do Minho» e «Jornal de Barcelos», pelas referências à minha Monografia e felicitações para seus directores e correspondentes.

Reconhecido ao Diário do Minho, o único Jornal Católico Diário de Portugal e ao Vilaverdense, pelos comentários feitos.

Ficaram para o fim os da Casa.

Devo o desenho da capa ao estudante finalista da Universidade do Porto, o Sr. Júlio Amaral Magalhães exemplo para quantos desejam um País melhor pois trabalha de dia em

escritórios de fábricas de Louça, na freguesia de S. Martinho de Galegos, para conseguir acabar o Curso.

Ao Sr. Ernesto da Costa Macedo, professor e estudante, não esquecendo o Sr. Manuel de Jesus dos Santos Mesquita, um abraço de simpatia.

Peço aos amigos de S. Romão da Ucha, aos grandes bairristas do concelho de Barcelos, às gentes da cidade e a quantos desejarem conhecer a vida de S. Romão, padroeiro de tantas Comunidades, que auxiliem, adquirindo a Monografia.

E pena que tantos trabalhos — fruto de imensos esforços — fiquem encerrados nas gavetas, por falta de dinheiro. O Sr. Dr. Francisco de Almeida e outros estudiosos, sabem disso.

Se a História da Pousa nunca vier a ser publicada, já sabemos os motivos.

Por agora basta. Só direi ainda mais o seguinte:

A tese do Sr. Dr. Francisco de Almeida, dos dois padroeiros da Ucha, tem o valor positivo de me obrigar a estudar; contudo de momento e por ter investigado com grande cuidado e por respeito à verdade tenho a certeza absoluta ser sempre o padroeiro quer de Terroselo quer da Ucha, o grande S. Romão Oriental ou seja de Antioquia.

O documento de S. Romão de Terroselo é do Censual do bispo D. Pedro, logo, anterior à monarquia Portuguesa.

Esta história aprofundada, vai dar pano para mangas.

É interessante saber-se, que embora Terroselo durante tantos séculos não tivesse casas, quando se queria dizer que alguém era atrasado, ou fazer pouco, se nomeava o seu nome.

Dois trabalhos se impõem: estar atentos às escavações que se fizerem nesse lugar e tirar o pó de documentos passados.

P. Hélio Gomes Ribeiro

Carta do nosso Colaborador Sr. A. Marques de Azevedo

SR. FRANCISCO DE ALMEIDA

A sua carta — a que só por mera cortesia me vou referir pois nenhum motivo se me apresenta a obrigar a uma resposta — trás ao meu conhecimento as críticas que lhe mereceu o «apontamento» que, sob o título «BENDITA LIBERDADE!», publiquei neste Jornal a propósito das duas maiores manifestações que se realizaram no 1.º de Dezembro, uma em Lisboa, outra no Porto. Acolheu-as sob a epígrafe «CARTA AO DIRECTOR E AO SR. MARQUES DE AZEVEDO». Porquê (também) ao Director é que eu não compreendo lá muito bem, uma vez que Este lhe não poderia dar o «gosto» de ver explicadas determinadas expressões», nem tão-pouco responder às nada menos que 6 (seis) interações em que as consubstância (e mas faz) por serem elas de minha lavra e responsabilidade, tam-

bém. Faço este reparo por achar oportuno deixá-lo, aqui, registado. Claro que, pela razão acima apontada, não vou responder a tão curiosa epístola, uma vez, até, que se me afigura saída duma leitura do meu citado «apontamento» feita «contra-luz», isto é, em termos mais chãos, uma leitura feita pelas «costas» que — como é sabido — deforma, sempre, o fundo. Como de facto. É que tudo aquilo que narrei (talvez lhe soasse melhor apontei) mais não levava no sadio ventre que não fosse a intencção — que, aliás, sobressai no próprio texto — de realçar as incomensuráveis virtualidades da Democracia, de que a bendita Liberdade é a trave mestra, e daí, a ilação errada em que se traduz a «contradição» que diz ter-lhe encontrado, «salvo (mesmo que foi) o devido respeito»... É que tais

(Continua na pág. 4)

eventos, como tantíssimos outros que têm tido luz verde após o 25 de Abril, não seriam possíveis sob o negro regime fascista que naquele mesmo dia deixamos sem saúde, antes, como toda a gente sabe — porque o senti — com indiscriutível alívio e não menos indiscriutível satisfação e alegria. Dada, pois, a «panorâmica» que envolve o meu «apontamento» e a sua «Nota de Culpa», perdão, e a sua carta, esta podia muito bem ter ficado a dormir a sesta comodamente na gaveta, já que a «desopilação» que, pelo visto, se estava a tornar necessária, havia sido feita...

Parecia-me a mim. Não o entendi, porém, assim. Estava no seu pleníssimo direito. Por todo o exposto, falece-me, confesso, o ânimo para me dar a «saborear», uma a uma, as tais 6 (seis) interrogações postas, até mesmo porque se não procurou enquadrá-las, como, aliás, seria de esperar, num conceito de apreciação mais justo, mais exacto, mais isento e, porque não, mais honesto e, até mesmo, mais elegante, pois só artificialmente, como transparece, e atrás denuncia, elas poderão ter emergido do meu «BENDITA LIBERDADE!», onde se não ofendeu, nem «verberou» ninguém, muito menos essa extraordinária Actriz que é Laura Alves, a cujas qualidades de excepcional senhora da

Cena eu sempre rendi a minha mais sincera e entusiástica admiração. Por aqui, por esta sintomática «transplantação» (ou interpretação, se prefere) da expressão «dessa extraordinária...» se pode concluir quão «ciada» se apresenta a singular epístola que, em hora NÃO, o devaneio crítico (traícoiramente quero crer) arrancou à sua operosa pena. E é tudo? Não. Eu começo o meu «apontamento» incriminando formalmente Salazar. A chamada «CARTA AO DIRECTOR E AO SR. MARQUES DE AZEVEDO» não me podia desmentir, senão tê-lo-a feito, não o duvido já, mas verdade é que também me não «louvou» (mais que não fosse como me parecia justo, a título de «atenuante»), tal como no caso da «identidade» que descobriu existir entre mim e os 9 (nove) prelados moçambicanos, sobre o conceito de Democracia... Que os leitores nos julguem. Para finalizar, porque não tenho o prazer de o conhecer pessoalmente, quero agradecer-lhe o simpático tratamento que me dá ao terminar a sua carta.

Lisboa, Dia de Reis — 1979.

A. Marques de Azevedo

N. R. — A carta do nosso colaborador não foi possível inserir no último número, por falta de espaço, do que pedimos desculpa ao nosso amigo e colaborador Sr. A. Marques de Azevedo.

Um Barcelense Ilustre—

JOÃO Peres de Vila LOYOS

Tão ilustre foi que o escritor do Porto, Arnaldo Gama, por sua vez filho dum pontelimense, fez dele com verdade e muita arte a figura principal do romance o Sargento-Mor de Vilar. Eu ia apostar em como ninguém nestas 89 freguesias de Barcelos ouvira alguma vez a história deste João Peres, um rural de imensa bondade e

POR
Dr. Francisco de Almeida

brios. É por isso que vou dizer duas palavras sobre este homem a jeito de biografia pequena e enquanto não se possa saber mais do que aquilo que dele nos conta o romance. Sigo a edição das Obras de Arnaldo Gama da Lello—1973, 1.º volume, obra que traz valiosas Introdução e Notas do neto do escritor, Sr. Fernando da Gama. Ora, pois.

I

João Peres era o 2.º filho, por 1750, do então sargento mor de Vilar, família de lavradores desta terra que havia 4 gerações herdava o cargo de sargento-mor de 2 coutos, Vilar e Manhente, quer dizer: das freguesias de S. Veríssimo, parte de Galegos, Manhente, Areias e as outras do couto de Vilar. Tinha pelo menos mais 2 irmãos: um mais velho, que o

pai destinava para 5.º sargento-mor da família, ele e um 3.º que veio a morrer nas Américas e lhe deixou 60 mil cruzados. A João Peres destinara-o seu pai para padre e por essa razão o fez assistir às aulas de Latim no convento de Vilar, convencido que foi pelo «flexível vergasteiro zurzido pelas mãos de minhoto» que o pai de João Peres lhe «aplicou sobre ombros».

II

Mas aquilo entrava-lhe mal e o pior foi quando chegou à declinação das formas da palavra alteruter: «um dia que o padre-mestre lhe quis aplicar uma dúzia de palmatoadas para lhe avivar a memória» o João rasgou a grámica e desesperado, atirou-se da janela para se ir deitar a afogar no Cávado. Não conseguiu e depois de matutar 3 dias, fugiu para o Porto aonde assentou praça como voluntário. Estava-se em 1772.

III

Durante 23 anos, nem ele quis mais saber de Vilar nem o pai quis saber dele. Era valente e entrou em diversas batalhas e pelo seu valor em combate, o foram promovendo até ficar capitão, não tão imberbe como agora, na feroz campanha do Russilhão. Finda a guerra, já comandante no Porto, isto pelos anos 1795, no Porto se casou, teve a filha Camila para ficar viúvo não chegou a 2 anos, depois. E nestes transes, resolveu ir ver Vilal e seu mundo; os pais, os amigos, os do convento e as papoilas.

IV

Já só encontrou o pai e este de todo incapaz de envergar a verde casaca de sargento-mor. Foi en-

(Continua na página 4)

Um Barcelense Ilustre

(Continuação da 1.ª página)

tão que decidiu pedir baixa do serviço no Regimento e a reforma e empunhar a vistosa farda de 5.º sargento-mor da família já que o destinado pelo pai fora assassinado ali para a Pousa (caso que encomendo ao Sr. Padre Hélio averiguar na monografia desta terra que traz em mãos). E a Camila? Tinha-a ao cuidado de parentes da falecida mulher mas precisava agora de outra casa que lhe educasse e porque fora companheiro de armas e unha com carne para o também 2.º filho do fidalgo de Encourados, ele, Fernando Silvestre, lhe sugeriu que a levasse para o solar de seus pais onde a fidalga D Luísa lha havia de guardar e fazer crescer a primor.

E assim se fez.

V

Investido no cargo do pai, dono das terras algo vastas que dele foram e herdado do irmão e para mais aureolado de herói, patenteado de capitão, gozando merecida reforma militar, era dos homens mais possantes das redondezas: quem recalcitasse já sabia que ou tinha as costelas varejadas ou ia parar à cadeia de Manhente.

Até que em 1809 vieram os franceses da 2.ª invasão: enganaram os nossos convencendo-os de que pretendiam entrar pelos lados de Monção e afinal entraram por Montalegre. Até Braga que foi um rápido, destino ao Porto: tomar o Porto era ganhar metade de Portugal.

—Arriba, Jabel, que aí estão os franceses!—gritou João Peres à cozinha.

—O cônego é jacobino, fique nesta, Sr. João Peres—bradou o morgado de Adães. —Jacobino, isso não, por alma de meu pai. Medroso, covarde, isso sim... Com um milheiro de diabos... Entende?

Muito bem o desenhou Arnaldo

Nos 69 anos do «Cardeal Saraiva»

(Continuação da 1.ª página)

C. Sar. 16/2/79

quem fornecia Ponte de lonças grossas (alguidares, etc.) que para lá seguiam em carros de bois. Demoravam a noite inteira no percurso quer seguissem por Barcelos, Anhel, Freixo, Ponte ou Prado, Corvos, Ponte. Causava sensação aquele petiz à entrada de Ponte que eternamente «vertia águas» para um lago. E a beira-rio? E os enormes plátanos! E as histórias das corridas a guardar as loiças quando sem aviso o rio inundava a feira? E aquelas outras das cheias com água até ao 1.º andar das casas?

Tinha havido o ciclone e os pinhais ali perto da Correlhã estavam cheios de árvores caídas e moídas do caruncho, mas o monstro do eucalipto de Freiriz, esse aguentou.

Anhel. Ali estava a ponte e o Neiva e a azenha, mas os autores de O Rio Neiva não lhe deram grandes honras, ao contrário do que fez a Revista do Minho, de Barcelos, com fotos e tudo.

Freixo tinha então sua feira à qual concorriam também os de Barcelos. Certa vez, conta um de Galegos São Martinho, estando ele a dormir na sua tenda, acordou com as palavras de 2 ciganos a dizerem um para o outro:—este já está gordinho, bom para a faca! Correu com eles, mas à cautela, desistiu de voltar a Freixo. Era também em Freixo que os soldados da G.N.R. faziam parar os carros a descer de Ponte para verem se contrabandeavam milho para Barcelos. Anos de ração e fome em que a ração se pagou em Anhel a 150\$00 e era depois roubada por assalto ao caminho daquele que a comprara.

Anhel, Sandiães, Rebordões, Cabços, eu sei lá! Havia um de Sandiães que namorava uma pequena barcelense. Vinha a pé namorá-la! Em Anhel deu com um carro cujo dono o convidou a subir. Aceitou, até que a conversa foi cair sobre a namorada e este perguntou quanto quis sobre a pequena, família e bens. A certa altura, o do carro fez desvio e o enamorado seguiu a pé. Quando ele, namorando a pequena, soube por ela que aquele ali era pai dela e ao recordar-se que foi no carro daquele que percorreu quilómetros desde Anhel a perguntar coisas sobre ela... ia perdendo a fala.

Diz Fernão Lopes na Crónica de D. João I, volume II, cap. 14, que Ponte a levou Gomes, de Lira, a aderir a Castela contra D. João I, ao contrário do Castelo de Faria (Nuno Gonçalves) em Barcelos. A periferia raiana ainda se não apor-

tuguesara qu'foi assim por o Lira vir de sangue castelhano? O Lira era providente: espiões por todo o lado como se viu em Guimarães (mas o rei não era menos rato) e grandíssimo armazém de presuntos que comessem, sendo sitiados, e de lenha que queimassem. Comoventes as andanças daquele limiano e franciscano a viver em Guimarães, chamado Gonçalo de Ponte e as artes e juramentos do valoroso escudeiro, Estêvão Roiz. Já nesse tempo—há 600 anos, era perigoso meter na governação quem não fosse português provado. E quem sabe se lá para o ano 2050 não terão findado os países, ficando tudo sem fronteiras, com um só governo no mundo? Já não eram possíveis as guerras dos 2 Supers. Obstarão as línguas, já que só na URSS se falam 119 línguas. Voltávamos ao Latim como dantes ou a outra.

Terá algo a ver com isso uma transferência do Vaticano para o Brasil, coisa de que para aí algué n falou?

Em 2050 haverá menor população (parece que ao tempo do 1.º fora, Ponte era deserta) não só pela emigração como por as muhe enfiarem estéreis. Todavia, tudo mais rico e daí que vão ser realidades umas auto-estradas em Ponte: Para Braga, para Viana e a 3.ª para Barcelos. Nesse tempo, os nossos filhos hão ditar e logo a máquina apresentar escrito com o faz agora a dactilógrafa, ninguém conseguirá ser ateu apesar de se ir verificando a profecia de Fátima de que a URSS semeará seus erros, não haverá jornais em vilas, mas as cartas com sugestões, reparos e tudo o mais para o jornal, não precisam de selo.

Alguém me pergunta: mas esta jiga-joga louca ainda existirá daqui a 70 anos com tantas atómicas? Certo que eu e os leitores não existiremos e 70 anos passam depressa, tanto mais que deve ser pela essa de este ano haveremos de sofrer a repetição do terremoto de 1755: para algo hão-de servir os graves estudos de sismologia.

O panorama ao fazer destes 69 anos do «Cardeal» não será brilhante, mas isto vai melhorar.

XI. 25

Nos 69 anos do «Cardeal Saraiva»

por Francisco de Almeida

AINDA nenhum limiano se lembrou de rabiscar um livrinho em que faça a descrição da vida deste vetusto jornal? Vai sendo tempo. Interessa como evoluiu a terra, quantas freguesias nele tiveram voz e que voz, quantos casos se contaram, as descobertas arqueológicas como a relada há dias do Penedo S. Gão, as anotações de arquivos históricos como os do pároco Cardoso em Anais. Mas existe quem possua os quase 2.900 números deste jornal? Oxalá. Do Jornal de Barcelos faleceu agora

um colecionador, Antero de Faria, que possuía todos os números desde há 30 anos para cá. Um banemérito! Isso é absolutamente necessário a quem pretenda fazer a história da freguesia, como me dizem agora para a de São João de Freixo. E já que falamos de Freixo. Era eu pequeno e fui a Ponte. Pasmemo ver a feira nada menos que no areal do Lima. Não havia ainda o plástico e por isso eram as freguesias barcelenses, sobretudo Arcias e Lama,

(Continua na 2.ª página)

As escolas: evolução, revolução ou destruição

n.º 125

12-26

24/XI/78

C. Sarain 24/XI/78

por Francisco de Almeida

VÃO os leitores estranhar se fale em destruí-las. É isso o que alguns teóricos advogam e dizem porquê. Já lá vamos.

Se, ao contrário — e tem vindo a acontecer — se criam mais e mais escolas em vez de as destruir, isso significa que tanto os particulares como os governos estão cónscios de que as escolas são precisas.

Precisas para quê? Elas são acusadas pelo sociólogo Ivan Illich de:

— Serem mito político, seleccionarem (dividirem) em vez de unir, não prepararem para a vida, serem alienantes e criarem divórcio entre educação e instrução. E por isso ele advogou se destruíssem no que foi por muitos refutado. É que ninguém nasce ensinado. No mundo de hoje, fechar as escolas faria enterrar muitas das maravilhas que o homem criou: nem sequer se poderia pilotar um avião quanto mais construí-lo! A ruptura de civilização que se deu desde os anos 1500 deveu-se exactamente à recusa de seguir doutrinas de outrem na ânsia de inventar as «minhas». Qualquer história da ciência o confirma: o progresso foi-se fazendo por monografias e especializações, cada um tentando achar algo novo.

Mas por isso mesmo: também os caminhos percorridos, no que toca às escolas, têm vindo a cada passo a ser alterados. Não é verdade que só por 1836 se criaram em Portugal liceus com novas matérias? E já foi tardia essa introdução. Manteve-se a escola, mas deu-se-lhe outro miolo. É isto fazer as escolas evoluírem. Atentas as lições da história, parece estúpido que elas não evoluam.

Os leitores já ouviram decerto falar de uma quase revolução que surgiu em França em 1968: os escolares revoltaram-se. Já ouviram falar de greves dos alunos, etc.

Na França, os alunos conseguiram com isso os chamados 10%: eles podem exigir dentro desse limite, alteração aos programas escolares.

Acho bem: os programas não podem ser quaisquer, mas que sirvam para fazer a jovem pessoa do aluno crescer harmoniosamente. Em rigor, devem adultos e jovens ser ouvidos. Se aquilo é para eles!... Mas os técnicos também o são de previsões e planeamento e para tanto nem sempre o público tem dados.

A solução será a de haver 3 ou 4 disciplinas de base e 8 ou 10 de opção donde possa este escolher A,

B, D, F e um outro, outras matérias. Só que... fica mais caro.

A não ser assim, não se indo alterando à medida que as solicitações se façam sentir, teremos a explosão (revolução) como advogaram os das teses chamadas C.A.L., e por exemplo no que respeita à educação sexual: que o «casal» é alienante, traduz uma relação de propriedade e por isso um roubo.

É um extremismo, mas não deixa de circular por aí a propaganda respectiva.

O problema capital está em que andam a deriva as ideias sobre quais devam ser os alicerces, os princípios sobre que assentar os programas, sobre como fazer alterar o acesso à Universidade que para o rural é de 1 em cada 100 mas que na cidade chega a ser 80 em 100, etc. Pretendemos a felicidade e não se sabe como.

Os dilemas não são de agora, sempre os houve como Platão mostrou há mais de 20 séculos. Acresce que cada nação tem seu Direito e suas escolas diferentes. Há Direito Comparado, logo, Escolas Comparadas, que não somos únicos no Mundo.

Se fôramos chineses e sequazes de filósofo Confúcio, advogaríamos se deixasse o povo na ignorância (e é verdade que alguns dos que têm estudado, seriam mais felizes se fossem operários). Se fôramos bramanistas da Índia, iríamos advogar que as raparigas casassem aos 13 ou 14 anos em vez de se ilustrarem na escola (e é verdade haver quem sustente ter-se de voltar aos casamentos precoces por se ter criado — filmes, T.V., etc. — um grave desfasamento entre a maturidade psíquica e a biológica).

A conclusão será que não é fácil ter as «devidas» escolas. É uma dialéctica muito viva entre forças diversas, uma a querer destruir e o resto, mantendo-as, a querer ditar-lhes o caminho. Melhor será escolhê-lo todos e andar: ou evoluem ou estoiram.

M TORN DA POPULAR FESTA DO CARNAVAL

983

Digo popular porque sem ser orquestrada, brotava espontaneamente do gosto de todas as populações, grandes e pequenas, em se divertirem. E digo festa porque naquela terça-feira anterior à Quarta das Cinzas, paravam as enxadas no campo e as carroças nas vias porque havia ajuntamento na vila, aldeia e cidade para folias — que nem só de sermões viveria um homem.

PELO

Dr. Francisco de Almeida

Mas isso mudou e o Entrudo acabou: pelos anos 1300 havia 36 Dias Santos e hoje é o que se vê. E não tarda que feriados sejam só os Domingos e algumas festas políticas — o 25 de Abril, o 1.º de Maio, etc. *V.M.: 23/2/80*

O Carnaval era a porta de acesso à chamada Quaresma (quadragesima, 40 dias de roxo, imagens de santos cobertas, enfim, luto em sinal de penitência). A Quaresma foi, e já não é, uma instituição social com seus compassos de marcha e de pausas. Era eu pequenino e ouvia contar que as famílias usavam de rigor extremo ao entrar da Quaresma: carne nem cheirá-la e para tanto, potes, panelas e púcaros era tudo bem lavado e esfregado com cinzas para lhes tirar qualquer cheiro de gorduras. Uma abstinência a rigor.

E havia os róis da desobriga de que ainda me recordo lá na aldeia e dos que eram rondados por não

cumprirem os preceitos cujo cumprimento as confessadas facilitavam. Assim é que fiquei tão escandalizado quando pus a primeira vez os pés em Lisboa que ao perguntarem-me na aldeia que tal era a capital, a minha resposta foi que ou Lisboa estava certa, mas rasgava-se a Bíblia ou esta falava certo e Lisboa era um pântano. E custou caro a uma colega de Lisboa convencer-me de que Lisboa não era tão pantanosa como parecia.

Na Quaresma prestavam-se contas a Deus e daí que ao toque das almas, pelas 9 da noite escura, meu pai ainda tivesse ouvido vozes femininas que por penitências botavam vozes a pedir orações pelas almas. Eram, dizia ele, mulheres que haviam sufocado filhos ao nascerem e coisas assim.

Que longe estamos disso nesta época de defesa do aborto a pontos de se conjecturar que na Alemanha e Itália quase não terão gente nova daqui a 15 anos!

O Carnaval passou a ser objecto apenas para os Etnólogos (relatores de usos velhos). Na Bibliografia Analítica de Etnologia Portuguesa (Benjamim E. Pereira, 1965), vem um título dos estudos sobre o Carnaval, de páginas 283 a 291. Aí se fala que dantes havia uma Quinta-feira de Comadres na região do Porto, se chorava o Entrudo contando os pontos ridículos deste ou daquele na região da Guarda,

(Continua na pág. 6)

Em torno da popular Festa do Carnaval

(Continuação da pág. 1)

se quebrava a loiça toda no Carnaval e se dava a roupa usada à criadagem na região do Porto, se expulsava o Entrudo a toques de buzina em Famalicão, se levava o Entrudo a enterrar num vistoso carro de bois, não sem que ele deixasse vultoso testamento a favor das solteiras, das obscenidades gritadas no Entrudo com buzinas neste nosso Minho para o qual um Colaborador do Jornal Cardeal Saraiva (Ponte) pede uma Revolução Cultural (desfasado por que o Mao já foi esquecido).

Havia as festas da Serração da Velha em muitas terras e a queima do Judas, figura esta que ainda vi arder, rodopiar, deitar lume por todos os poros e por fim morrer de um estouro, obra que o falecido pirotécnico Luís Robalo, de Roriz, se deliciava de apresentar em Galegos. *V.M.: 23/2/80*

Como nasceu o Entrudo? Das bacanais romanas de há 2.000 anos como dizem?

As festas de massas cilindraram todos os Entrudos, País além. E a última lei dos Tribunais até com as férias do Carnaval acabou. E que bom? Nada.

Francisco de Almeida

Dr. Juiz Francisco de Almeida

Amanhã comemora o seu aniversário natalício o nosso estimado colaborador e distinto Juiz em Lisboa, Dr. Francisco de Almeida que, há largos anos, nos vem distinguindo com preciosa colaboração que, sem dúvida, muito tem enriquecido «A VOZ DO MINHO».

A S. Ex.ª apresentamos os nossos cumprimentos desejando que na companhia de S. Ex.ª Esposa e Filhos a ventura continue a ser visita do seu Lar nesta quadra de felicidade que representa o seu aniversário. *18/2/80*

Ao Ex.º Sr. Dr. Juiz Francisco de Almeida os nossos parabéns e de todos os que trabalham em «A VOZ DO MINHO».

Região do Minho

12-27

Como de grão a grão se faz a História

I

Dr. F. de Macedo

IV

434

Em 19/8/72 escrevi em «A Voz do Minho», nossa contrerrânea, a seguinte nota sobre distinguidos filhos de Galegos: Doutor Francisco Luís de Macedo, a quem faleceu o filho Francisco Filipe, que foi sepultado na igreja de Galegos em 1833. E depois: «o Dr. Macedo é o único diplomado... ficando para ulterior investigação o determinar donde era este casal (Macedo e mulher), porque foi que em 1833 esteve em Galegos e ainda que profissão exercia o Dr. Macedo».

r. Bastr

10/4/80

II

J. Bastr. 10/4/80

Na minha Galegos, pg. 24 (e 31) disse acerca do filho dele: «Por Filipe, suspeito que era liberal fugido da guerra no Porto...».

III

Informa-me agora a Sr.^a Dr.^a Maria Georgina Ferreira do Arquivo da Universidade de Coimbra que: — a) Francisco Luís de Macedo se formou em Leis em 8-VI-1807: — b) há no arquivo certidão do baptismo (era o registo civil da época) deste Francisco Luís — o que não existe no arquivo de Galegos; — c) é filho de Manuel Fernandes e de Maria Josefa de Macedo.

Ligando os fios da meada: afinal este doutor em leis, fosse advogado, juiz ou outra coisa, é pelo menos filho de gente barcelense: pai, da Lama e mãe, de Galegos.

Provo pela ficha — resumo de um processo do arquivo de Galegos, que é assim: Manuscrito de 27 folhas, ano de 1781, cujo título é «Sentença Apostólica de dispensação matrimonial». Requerentes: Manuel José Fernandes — é o pai do Dr. Macedo — e Maria Josefa de Macedo — é a mãe. Outros dados desse processo: abade em Galegos — Padre Baltasar, na Lama o ab. Vasconcelos, em S. Verissimo o cura Manuel José de Macedo, também natural de Galegos e decerto parente da noiva, em Manhente o padre Martins (quando é que publicam o trabalho da Dr.^a Costa Fernandes, hein?), de S. Marinho o reitor Cunha Barros — que todos intervieram nesse processo.

Diz o processo que os requerentes eram pobres e miseráveis, vivendo do trabalho e deviam, dos bens que tinham, a fortuna de 525 mil reis — porque pobre era todo o não-nobre e miserável significava então menos horror que agora.

Conclusão: as raízes do Dr. Macedo são barcelenses. Subsiste ainda: mas o Fernandes e a Josefa foram viver para o Porto? Se não, como diabo tiveram eles a ideia de formar o filho, que pelos vistos foi logo o mais velho? E talvez único ou por isso mesmo. Ora não vi ali outro licenciado e o mesmo se deu nas vizinhas. Licenciados, doutores por Coimbra, só os filhos dos nobres e dos ricos comerciantes do Porto e Braga e assim. Mas este Dr. Macedo é filho da plebe. Como conseguiu arribar a doutor já em 1807?

Talvez eu responda daqui a anos porque a minha vida puxa-me a outras tarefas.

Proposta: bem precisávamos de uma galeria (monografia) de barcelenses saídos da casca, ainda que colhida do *Barcelos* do Dr. Teotónio aprofundada. Vejam-me aquele padre apóstata em Abade do Neiva, contemporâneo deste Dr. Macedo! Apóstata mesmo? E ex-cónego de Barcelos? Seria o cúmulo.

FRANCISCO DE ALMEIDA

Suam Populorum Progreso e outras e daí que um padre Camilo Torres se apoiasse nelas para se tornar terro-rista com este raciocínio: quem go-verna são os ricos e defendem o que têm; governam à força esmagando os que não têm, isto é uma guerra injusta; logo, temos direito de nos defender contra esses governos fira-nos. E fogo à peça como manda o Sr. Sartre.

Formaram-se diversos grupos «Ca-milo Torres» e também os ditos cris-tãos pelo Socialismo. Até cerca de 450 bispos latino-americanos se sen-tem algo divididos acerca de como agir, sobre o que é ou não é lícito no terreno da revolta. E a verdade é que os chefes das revoltas raro apanham uma bala — é o povo quem derrama sangue. A violência é le-gítima moralmente correcta perante Deus ou não? Dai as teologias tan-to da miséria como da revolução ou violência, problema que se não põe à consciência de um Fidel de Castro em Cuba nem aos extremistas opo-si-tos.

Mas qual o futuro de Cuba? Há quem acuse os bispos latino-americanos de não atacarem as acções violentas dos governantes e ricos de lá que abusam em se cha-mar católicos. É como cá: muitos se fizeram e disseram católicos apenas para melhor poder comer as papas na cabeça dos outros. Ora havendo facções em luta, qualquer delas há-de querer ter os bispos e o Papa a seu lado: já assim aconteceu a Pio XII que era assediado por Hitler, Roosevelt e até Estaline.

O arcebispo Romero parece que se entusiasma por uma das facções se bem que não temos dados sufi-cientes para valorar as acções dele. Seja como for, era um homem co-rajoso, audaz, claro e morreu varado como chefe. O tempo há-de clarificar os mitos e os erros deste homem co-mo Louvã-lo caso o mereça.

É todavia pena que nem a pessoa sagrada do pastor salvadorenho te-nham respeitado, fossem quais fos-ssem os agentes do homicídio.

Mataram o Arcebispo, D. Romero

■ por Francisco de Almeida

LONGE estamos daquela época em que Cristóvão Colombo descobriu um novo continente, a América. Do-minaram-na desde então duas raças: a saxónica a norte e fez Canadá e Estados Unidos; a latina ao Centro e Sul onde Espanhóis e Portugueses ensinaram suas línguas, que vêm do Latim e por isso se chama América Latina.

É desta América do Centro que agora trato: abrange o México e as pequenas repúblicas das Honduras, Guatemala, Salvador, Nicarágua, Costa Rica e Panamá.

Há aí alguém que não tenha ouvi-do desde há tempos falar com insis-tência nestes nomes? Ninguém. No panorama das revoluções a queimar os povos seja na Coreia ou nas Fili-pinas ou no Camboja, no Afeganis-tão, na Pérsia, Etiópia, etc., não fal-tou o cortejo de lutas nas repúblicas centro-americanas. Ninguém falava delas, falam agora todos para com-pensar. A situação só é comparável à que estas terras viveram há 160 anos (por 1820) quando esses terri-tórios, de colónias, passaram a Esta-dos por influência tanto da América do Norte como da Revolução Fran-cesa.

Não têm grande gente, não. Uma estatística de há alguns anos dava os

seguintes habitantes: 1 milhão ao Panamá, 1,1 milhão à C. Rica, 1,4 mi-lhões à Nicarágua, 2,6 ao Salvador (o mais pequeno em território mas com bom mar), 4,3 à Guatemala.

Para os que não vissem guerras de cowboys a dar-lhes alguma ideia de como foram as guerras entre brancos e indígenas, direi que aquelas terras eram habitadas há milhares de anos como o demonstram os estudos de Arqueologia Americana e a celebra-da civilização dos Maias. Impres-sionantes os monumentos que esta gen-te aqui construiu bem como o siste-ma astronómico, religioso, etc., com os quais até russos de hoje andam às voltas.

Ora o homem branco, o nosso por-tanto, ocupou terras e fez-se latifun-diário como ainda ontem o podia fazer em Angola nos enormes espa-ços, bons e incultos, que se esten-diam logo à saída de Luanda. Ocu-param, cultivaram e deixaram aos descendentes. Então os indígenas eram poucos. O panorama mudou como se pode ver pelo exemplo ter-rífico da Venezuela, que é rica ao contrário dos diversos que nos ocu-pam: desempregados — 50%, mortali-dade em crianças — 25%, filhos sem pai — 50%, filhos abandonados — 200 mil por ano, crianças que chegam ao

fim da primária — 28%, são donos de 8 décimos da terra — 2,5% de pes-soas ou sociedades.

Em ambientes destes tudo tem sido possível: tanto fazer aquela gente baptizada — às vezes pouco mais que isso — como protestantizá-la (no que Americanos e Ingleses se têm afadigado) como levá-la a aderir a Marx só ou até a Marx e Lenine.

Mas como o fundo tradicional é católico — daí o êxito há tempos do Papa João Paulo II em Puebla como há anos de Paulo VI em Modelim — os destes sítios tomaram como para eles escritas as encíclicas Ecclesiam

(Continua na 4.ª página)

1980

Nós, todos-os-Santos e Fiéis Defuntos

por FRANCISCO DE ALMEIDA

NO 1.º de Novembro de cada ano, em todo este Vale do Lima, como aliás de Melgaço a Fafe, se podem observar montes de pessoas que vão e vêm dos cemitérios. Isto é só nos países cristãos ou em todo o Mundo? Sabido é que o corpo de Lenine foi embalsamado e é objecto de visita diária das gentes da URSS e dos turistas. *E. Sar. 21/XI/80*

Disse «nós» porque os vivos estão perante os já falecidos como os limanos da margem direita do rio para com os da margem esquerda: os que já penetraram a porta da sua morte, vivem do lado de lá. É esta convicção e certeza que leva muitos portugueses a ir ao cemitério lembrar os que ainda ontem eram aqui actores: filhos, pais, maridos, doutores, operários — há de tudo.

Mas desses falecidos só uma fatia era fiel, quer dizer, católico a sério. Dos outros cabe a Deus o juízo de aprovação ou reprovação de quanto por cá fizeram. De todos eles, fiéis ou infieis, há-de haver enorme percentagem que tiveram aprovação: por causa de quanto sofreram como donzelas espezinhadas, jovens desprotegidos, mães que tudo deram ao marido e filhos, pais que a vida matou por amor dos seus. Como não havia Deus de premiar a vida de tão sacrificadas criaturas? Creio assim que esses anónimos são hoje da companhia de Deus — que por cá porventura desconhecera — isto é, são Santos. E para que não fiquem sem festa, os da banda de cá festejam-nos a 1 de Novembro.

Isto dos Fiéis Defuntos e Santos leva-nos àquela miserável situação de a nossa vida, nós, não durar sempre, o que não poucos causa enorme desespero. Cada geração é como o campo, anual, de milho: nasce, cresce e desaparece e o mais que a Medicina tem conseguido não passa de atrasar a morte. Da morte trata a Etnografia para nos dizer como se morre em cada povo (há regras de os Esquimós abandonarem os velhos na neve, há hoje a moda de meter os velhos em asilos). Trata a Demografia para saber se há mais velhas que velhos e porquê, trata a Sociologia para informar quem governa, se os novos, se os velhos, etc.

Na obra Limites para a Medicina há curiosíssimas posições e bibliografia sobre a Morte: nos anos 300 a 1300, dançava-se nos cemitérios! A seguir foram os pintores a dar-nos o rei e o papá, como o artesão, sempre agarrados ao seu esqueleto (a lembrar que cada um de nós traz a morte agarrada a si como carraça — e todos sabem quantos casos há de se sair de casa e ser morto pelo comboio dali a uma hora). Nos anos 1800 surgiu a ganância da cura — e vá de correr Mundo, como Antero de Quental, para não ter de morrer — o que só era possível aos ricos (privilegiado). Vai daí as massas fo-

Livros e Livreiros

Terminou em Lisboa a conhecida Feira do Livro que é uma iniciativa a imitar por todos a terras onde haja festas como as de S. Pedro em Torres Vedras: levar os livros à população que não sabe o caminho das livrarias.

O livro guarda, armazena, muitas informações conforme a especialidade em que se integra. Tão preciosos eram no passado que a História da Filosofia Portuguesa do Dr. Lopes Praça, agora em 2.ª edição, nos informa que um convento de Portugal se defendia contra o furto de seus livros com um diploma legal a excomungar quem lhos levasse.

Até o judeu convertido em Apóstolo, Paulo, pedia numa carta: «manda-me os meus livros e pergaminhos».

Agora já não é tanto assim, mas ainda há anos se avaliava da cultura de um fulano pelos milhares de livros que tinha na biblioteca, errado critério como é evidente. Mas quem poucos tem não pode ser muito sabedor.

Não se pense que só os Portugueses lêem pouco: ainda há uns 6 anos a França se queixava de só 1 de cada 52 franceses comprar 1 livro por ano. Pergunto então: o dinheiro certo que se vai gastar com os funcionários do recém-criado Instituto do Livro não era suficiente para subsidiar algumas centenas de edições por ano? Ai! E os empregos aos afilhados?

Vejamos alguns países e quantos livros edita cada um. Ano de 73, Afeganistão, 33 livros apenas; em 74, na Birmânia, 1164 livros contra 6982 em 77 na Checoslováquia e 10921 em 75 na Coreia do Sul (não há número para a do Norte), 7068, também em 75 na Dinamarca e 1765 no Egipto em 74, 2247 nas Filipinas em 75 e 26427 na França em 74. Agora sem o rigor dos números, que, vão de 74 até 77: 366 no Gana, 2613 na Grécia, 8603 na Hungria, 12708 na Índia, 3353 no Irão, 1907 em Israel, 9187 na Itália, 34 570 no Japão, 11552 na Polónia, 6122 em Portugal, 35 526 no Reino Unido, 8011 na Roménia, etc. Advirta-se que aquilo que é livro em um país (um folheto de algumas páginas / noutro ainda não é livro — e até por aqui se falsificam as estatísticas. E também que os pequenos países tem menos compradores e é por isso que vale a pena ser escritor numa

América mas passará fome quem escreva em Portugal.

Paulo, Sotelo, S. 1983

Noto todavia que há um tipo de livros que são muito baratos face aos restantes tipos. Por exemplo, comprei um que trata matérias do Japão e muito barato: a biografia de uma rapariga japonesa convertida. Como se conseguem preços tão aliciantes — só 50\$00?

Algumas notas sobre esse livro: no fim da II Guerra, o Japão ficou destruído e por isso são milhões os que não têm casa e se agrupam em aldeias de barracas (em Tóquio, a capital). Uma dessas aldeias chama-se *Aldeia das Formigas*. No fim da guerra vieram as danças e cinemas. A nossa rapariga bem gostava de pôr seu ruço, etc., até que... umas freiras da Espanha que lá missionavam foram muito perseguidas durante a guerra. Não refere porquê. Um dos habitantes da Aldeia dava por «Mestre» e tinha enorme aversão, mesmo ódio, aos cristãos: veio a converter-se arrastado pela sacrificadíssima jovem convertida que se fez trapeira como os trapeiros da dita Aldeia, de filha de catedrático que era — um cristianismo convincente que não sei como no Japão deitou tão fundas raízes. Ali se fala das lutas entre a burocratíssima Câmara de Tóquio e o Mestre, a jovem e o missionário polaco, Zeno, aquela a querer catrapilar as barracas todas e estes a defender os trapeiros que nelas habitam. Ali se topa a mentalidade aberta e sacrificada do missionário francês Bellard, a esquisita do americano ou inglês para quem os trapeiros são todos ladrões — como vem nos jornais de lá e o desconchavo do hábito lavado da Madre face aos trapos que os trapeiros vestem.

Será que este livro é assim barato por o Japão ter dado ajudas para que circule em Portugal? Não creio. Mas que ajudas damos nós para livros nossos serem traduzidos e circularem noutros países a fim de que seus povos nos conheçam? Olhem-me para a França com a Aliança Française e a Inglaterra com o Instituto Britânico. Aprendam com eles porque isto do livro tem interesse nacional. E quais livros ajudar a serem baratos? Outra questão política!

FRANCISCO DE ALMEIDA

COISAS DE LONGE E DE PERTO

V. A. Costa

Lê-se em escritos muito anteriores à nossa era que houve uma guerra entre dois povos de língua grega chamada Guerra de Iroia. E deu-se o caso que os atacantes enganaram os da cidade desta forma: fizeram um grande e belo cavalo de madeira que girava sobre rodas, deixaram-no junto às muralhas e fizeram a parate de que se metiam nos barcos e regressavam à Grécia. Assim livres do cerco, os estúpidos troianos levaram o cavalo para dentro da cidade, beberam, dormiram e só acordaram com os gritos dos que morriam às mãos dos gregos escondidos no bojo da besta. Um desastre nacional porque os dos barcos estavam de volta!

Pois bem. Ainda em 1825 a basílica e convento de Vilar por ter mudado o emprazamento do seu casal ao Outeiro em Roriz, que era de 1733 e chamado Prazo Vieira, mandou pelo Reitor, Vieira de Brito, fazer nova Vedoria porquanto estavam interessados na renovação desse Prazo Manuel da Costa e mulher Maria Maciel, ambos de Roriz. Os bens ficaram na Leironha, sítios de Carrarido e Agra de Pareces (fl. 4, v.º e 6 da certidão do Arq. Paroquial que não sei como foi aqui parar e não a Roriz).

Por curiosidade aponto alguns nomes referidos na Vedoria, proprietários: padre Francisco Soares da Costa (de Roriz diz o testamento do abade João de Macedo, 1831) que era abade de Alvíto (fls. 4,) Manuel M. Zembelo (5),

31. 6. 79

Proz. de Roriz

Joana de Gouveia (7), Sargento-mor António de Miranda (4, v.º) e padre Francisco de Carapeços de Bente (5, v.º).

O convento não evoluiu nada porque na Renovação impôs sobre os emprazados (11 parcelas com a área de 93.055 varas ou 10,23 hectares) além da mesma renda (11 alqueires), Mais 15 cláusulas tais como serem «obedientes e bem

PELO

Dr. Francisco de Almeida

V. A. Costa 2/8/80

mandados» (12, v.º) e «gratos» (13, v.º), isto depois da Revolução de 1820, muito mais profunda que a do 25 de Abril.

Não se deixaram apanhar atraídos certos padres e frades de agora. E assim que temos em Braga segundo me contaram há dias, um Padre Sousa Fernandes (que até conecti a cursar Direito em Lisboa) com a curiosa atitude de andar sempre de gravata menos quando fala em comícios: só os da FEPU e aí, de cabeção.

É assim também que leio referências a um superior dos Dominicanos segundo as quais o aborto, se provado isto e aquilo, pode ser feito sem peso de consciência. Quer dizer: o nosso frei é protestante, lê a Escritura a seu modo, risca o «não matarás», opõe-se a toda a História e escritores católicos e elegem-no... superior do convento. Depois há os padres da santa U. D. P. Mas espero ver pior se Deus não travar isso.

Para além da ciência

por FRANCISCO DE ALMEIDA

29. 2. 82

Esta palavra «ciência» parece-me ambígua, quero dizer, de significado indefinido, menos claro, logo, confuso.

Porque o lavrador sabe do seu ofício, tem ciência; o médico sabe (quando sabe) do seu ofício; o padre sabe do seu mistério. Até o pequenito da escola tem de ter seu saber para passar de classe.

Estou a recordar-me da minha 1.ª classe, certo dia de Junho, há anos. Fomos fazer exame (de passagem) a uma terra vizinha da minha aldeia, na frente de professores estranhos. Saímos de madrugada (por sinal nem de sol estava), e lá nos apresentamos ao carrasco. Por mim, enanei-me lá não sei em que e fiquei tão oborrecido que até chorei. Pobres pintos! Louvado seja Deus que um dos examinadores era uma Dona não sei que que logo se pôs ao meu lado, me sossegou — que aquilo até estava bem — e a borrasca passou.

Quanto saber aqueles pequenitos não tinham já! Que o saber não está nas coisas, sim na cabeça de nós, sujeitos.

Que é então a Ciência? A do médico não é a do padre, a do padre não é a do juiz ou a do advogado, a do engenheiro não é a do economista, etc., etc. Não há ciência, mas ciências ou ramos do saber. A ciência é um estado do sujeito, do indivíduo; cada ciência ou ramo,

um mundo e o mundo dos mundos dos saberes humanos — que ninguém abarca sozinho — é que se poderia chamar A Ciência.

Logo, dizer «além da Ciência» vale o mesmo que «para além de todos os saberes ou sabedorias, de todos os homens e em todo os espaços e em todas as épocas». E quem é que, mesmo de Letras pode conhecer (saber) tudo quanto disse Cícero, Platão e todos os mais?

Por isso é que sábio se chama — só — aquele que sabe cada vez mais (mais fundo) de cada vez menos (menos coisas); por exemplo: ao Prémio Nobel do Átomo (que nem se vê) chamamos sábio. card Sax 29/2/82

Ora bem: tudo isso leva-nos a uma conclusão miserável e é a de que, afinal, não sei quase nada. Dai que oia dizer a cada passo a gente enfonhada em estudos: é menos o que sei do que o que não sei. Logo, o orgulho da sabença esvai-se como o ar do balão quando se o pica com alfinete: murcho, como a bexiga do porco quando posta ao funheiro.

* * *

Outro negócio. Para Além da Ciência é o título de um livro que aí corre. Vi-o, folheei, mas não o li. É preciso curiosidade, que não tenho, ou necessidade, que não sinto.

Querem os autores (estrangeiros) dizer que todos os nossos humanos saberes, mesmo os mais fundos, estão muito aquém daquilo que o Átomo por exemplo, ainda tem para descobrir — para nos revelar. Que será então? Que mais haverá além dessa força monstruosa que dá as bombas? Eu sei lá! Perguntem aos autores do livro — que afinal, são uns quantos Meta-físicos, navegam além da física, do átomo, da matéria, das forças, etc., etc.

Quem já viu as desilusões e desmentidos porque passaram tantas teorias acerca do Homem, da Terra,

(Continua na 6.ª página)

12-31

Alguns mitos das ciências

Uma coisa que desde há muito me aborrece é que a História ensinada nos liceus não contenha «histórias» ou casos. Os Ministérios querem que os rapazes fiquem com umas linhas gerais de tudo e por isso há que suprimir no ensino as «VIDAS», os casos de coragem, os casos de traição, etc. Não foi assim que se fez a Bíblia: ela não relata todos os casos que se deram, mas descreve, às vezes em poucas palavras, o caso, a história, como aquela de uma esposa, Susana, que ia sendo apedrejada por falso testemunho que lhe levantaram. A História de Portugal, sem os casos concretos, pode ser de todo falsificada e então em vez de ser um saber científico, pelas causas e porquês e para quês, é puro relato de mitos. **CV 4 X 11 80**

Um rapaz vai para Coimbra estudar Direito. Dantes dizia-se «estudar leis» e era mais sugestivo: conhecer as leis do País. Mas não é isso que as faculdades ensinam e antes — Teorias sobre as leis — direitos, personalidade, etc. Se perguntarem que é um «direito», que é Direito, não é assim fácil responder. É pena que seja assim. Vejamos como as Ciências se formam.

Antigamente houve uns fulanos que se dedicaram a descrever Viagens, Roteiros — era só escrever o que viram, ouviram dizer e, às vezes, imaginavam de outras terras e povos. A certa altura, um grupo de homens começou a estudar tudo o que se movia, tinha vida e chamaram Biologia às suas observações. Outros estudaram os Costumes dos povos, viram que eram diferentes e chamaram a esse estudo A Moral. Outro quis saber porque é que a certa acção chamamos «boa» e à oposta, má. E à vontade do freguês?

Estudaram os animais e viram: uns de 4 patas, outros a voar, outros a nadar e por isso formaram grupos, sub-grupos, e por aí além, até perguntarem se eles não derivam todos uns dos outros e todos de um só, primitivo e o homem de um deles. A T.V.

(Continua na 7.ª pág.)

Alguns mitos das ciências

(Continuação da 1.ª pág.)

anda a meter na cabeça dos ouvintes que a «vida» veio do mar, o que é outro mito com fins obscuros. Pelo menos não lhes convém o relato bíblico a dizer que apareceram cá por obra de um Criador.

O Método de ensinar Direito está errado, porque antes de haver a Ciência do Direito já o Direito existia. Ora vejam. A vaca dá de mamar ao bezerro, mas isso não é «direito». Todavia, ela não armazena feno, nem faz casa nem testamento. Ao contrário, no homem: compra e vende nas feiras, nas lojas ou em qualquer sítio: toma lá, dá cá. É um contrato, vai fazer sapatos para a oficina do Ti Jaquim, que fica com os sapatos e paga tanto por dia ao que fez os sapatos; mete a mão ao bolso e «dá» 100\$00 para se fazer uma festa lá na terra, etc. Cada uma destas acções fá-las a população sem curar saber o que isso seja. Os pensativos é que as contam, as separam por grupos e as baptizam: isto é casamento; aquilo é troca. Ao surgirem problemas é que escavacam mais. Por exemplo: António e Josefa casaram — é um facto, toda a gente viu, foi público, há documento. Mas como é, agora com o António a dizer que aquilo não valeu? Valeu ou não? Quem há-de decidir? Por quais critérios guiar-se? Ora mostra a Etnologia que a necessidade de Tribunais é tão velha como Adão. Moisés instituiu juizes. As acções das pessoas são fenómenos naturais, actos humanos. Vem a Psicologia e estuda se eles são sérios, voluntários ou forçados. Vem a Moral e cura só deste aspecto: se são louváveis ou reprováveis, se bons ou maus. Mas quando e porquê são bons? Vem o Direito, o legista, o jurista e examina se esses actos valem ou não valem (se são nulos). Válidos porque razões? Nulos por quais deficiências? Por exemplo: se Zefirino, sendo casado catolicamente no Japão, casar de novo em Portugal, segue-se que este 2.º casamento, a que todos assistiram, não vale e a noiva continua solteira! **CV. de 4.X.11.80 - art. n.º 84v**

Assim, é claro como água que os homens se entendem uns com os outros mediante regras que eles combinam (regras do jogo). A recolha dessas regras é Ciência. Mais funda, a que as compara entre si, anotando diferenças, dividindo. Mais funda, a que procura os porquês de esta regra ser assim e aquela outra, assado. E já filosofia saber se as regras ou leis obrigam e, porque é que obrigam as pessoas. Porque é que é proibido matar?

E immoral um Estado decretar a pena de morte? A vida dos homens tem-se tornado uma trapaçada. Ora muitas dessas trapaçadas foram provocadas pelos erros, falsidades e interesses dos cientistas e políticos. O Direito, as leis, são um dos sectores onde mais facilmente é possível instalar mitologias em vez de Ciência.

12-32

Já todos os senhores leitores sabem que o Papa começou em 15 de Novembro, uma viagem à Alemanha. Um dos fins é honrar a memória do grande alemão, padre monge, cientista e santo que foi Alberto Magno, do qual há dias aqui falou o Sr. Dr. Falcão Machado, com a oportunidade e proficiência que lhe são peculiares.

Que é a Alemanha? Direi que é o 3.º país a seguir a Portugal, na direcção Barcelos — Vila Verde, assim: Portugal, França, Alemanha. O país dos antigos alamanos, o território para lá do rio Reno. Muitos dos nossos emigrantes conhecem a Alemanha. É a terra dos antigos imperadores sacro-romanos, como o grande Otão; a terra que deu à igreja grandes e enérgicos Papas; a terra em que, no tempo de Cristo, a mulher adúltera era corrida a chicote, pelo marido, nua, até à casa dos pais dela (ver o escritor romano Tácito); a terra onde os imperadores fizeram de seus bispos príncipes, generais e duques — o que deu, pelos abusos, enormes polémicas com a Santa Sé; a terra onde nasceu o inventor da Imprensa — que foi Gutenberg, mas também o monge, doutor e teimoso Lutero, pai de todos os protestantes e de quanto ateu e agnóstico por aí desfilou. É a terra de Bismark, Mozart, Goete, Hegel, Mark, Fenerbach, etc. Uma terra fecunda como poucas no Mundo.

Vejam o que deles escreveu Le-

nine — vem no folheto *Lenine e a Religião*, 1974, pág. 127, sob o título «A organização das massas pelos católicos alemães: É sintomático ver... o partido, reacçãoário alemão do «centro», isto é os

PELO

Dr. Francisco de Almeida

católicos, organiza as massas populares... Na Alemanha os católicos não passam de uma minoria que, em dado momento, ena perseguida pelo Estado... Os católicos fundaram... a Aliança Popular da Alemanha Católica, que tem 750 mil membros. ...Quando combatem a social-democracia (eram os comunistas, digo eu), os católicos acusam ...os seus agitadores de viverem à custa da classe operária....».

Foi isto escrito em 1913. Pois os alemães (agora divididos em 2 repúblicas — a Federal e a Comunista, que se disfarça com o nome de R.D.A. — democrática!) só deram cartas ao Mundo enquanto unidos a Roma — até 1520, tempo de Lutero. Desde aí foi uma desgraça as guerras civis que tiveram, entre fiéis e infiéis a Roma. Desde 1648 até 1870 (império prussiano) quase se não falou deles, apagaram-se em benefício da França.

Não falarei do desgraçado Lutero já que os Luteranos são apenas uma das centenas de seitas

(Continua na pág. 4)

(Continuação da pag. 1)

protestantes (eles dizem: o nosso patriarca Lutero!), mas é bom recordar quanto mal fizeram os Alemães, neste seu filho, e os Monges ou Religiosos, neste seu irmão, a Cristo. Como disse Junqueiro: retalharam a mortalha de Cristo em tangas de algodão (fora os pretos).

Aquele povo do tempo de Lutero, fosse por ser ignorante, e se-duzido por Lutero, fosse pelo mau exemplo dos padres de então, fosse por medo aos princípios, fosse por querer eximir-se aos dízimos, o certo é que queimou as imagens dos santos, destruiu igrejas, nacionalizou os passais, fez acabar os conventos, etc. Tanto como na URSS de 1917. Não mais missas, não mais confissões. Os Alemães racharam em duas partes — católicos e protestantes (os que protestaram contra Roma). É um mistério como foi tal coisa possível! Mas não menor, aquele de uns gatos pingados, com Lenine, tomarem a chefia da URSS — decerto por séculos, que é o costume.

Viram? Ser católico, fiel à ordem de Cristo, custou a muitos

alemães antigos ser morto, espoliado dos bens, assaltando, maltratado. Os protestantes de então eram os comunistas do nosso tempo. Viram? Eram, em 1913, uma minoria e ainda o são em vários dos estados federados. Segundo o Almanaque Memorial de 1980 (da Bertrand) as estatísticas são as seguintes: Alemanha Federal: 61,5 milhões, 49 por cento de protestantes e 45,3% de católicos, 5 arquidioceses e 17 dioceses católicas, 278 universidades, 5 vezes o rendimento de um português; na Comunista: 17 milhões, 80% de protestantes e 7,5% de católicos, só 3 dioceses, e 3 administradores apostólicos, 53 universidades, 3 vezes o rendimento de 1 português (que é de 1500 dólares por ano).

Um grande povo, temeroso, disciplinado, o pavor dos Russos e outros. É este povo, outrora pacífico por obediente a Roma que, dela separado, pariu o Kaiser e Hitler e Marx. Vizinho da Polónia, tem um Papa polaco a peregrinar no meio dele. Oxalá reconheça que é mais seguro estar com Roma que com Lutero.

Francisco de Almeida

12-33

876

V-Nº 4. x 11. 80

4. x 11. 80 (v. ca. 1980)

1980

FALAR VERDADE E MENTIRA (1) «

(Continuação da 1.ª página)

em todo o Mundo, quase não há gente bem intencionada que não acredite num Ser Supremo, seja, em Deus? Então esses homens do Mundo são todos estúpidos? Galileu, astrónomo, como Newton e outros, foram crentes. Eram uns estúpidos esses gigantes da Ciência!

/ Há 30 anos que investigadores de Ciências na Alemanha, resolveram fazer uma estatística sobre se há Deus. Dos 423 interrogados, foram 400 os que responderam: sim. Quais então as razões de os nossos cunhalistas e soaristas serem homens sem Deus? Evidentemente que nada sabem disso.

Mas há quem acredite neles, como sempre houve quem credi-

asse nos ateus dos séculos passados.

Estes problemas, felizmente para as populações, raramente os sentem os operários ou as gentes do campo. Senão... matavam-se como se matou Quental. Mais: nem sequer na Polónia ou na Rússia, onde há tantos anos os liceus a rádio a televisão e os jornais só ensinam contra Deus, eles conseguiram convencer ninguém, a não ser os já convencidos. Quer dizer: o povo tem por verdade que há Deus e que os governos mentem ao dizer o contrário. Mas que ganham eles em mentir assim?

Falar verdade é eu dizer o que estou pensando (porque penso mais depressa do que consigo falar). Alisar a boca para não dizer o que penso (mentir) é tão criminoso, anti-natural, como usar a água de rega para afogar os animais (dos vizinhos, claro, que os meus não os rego eu assim). É evidente que não sentem tal obrigação de dizer a verdade nem os cunhalistas nem os eanistas nem outros que tais. Daí que metade do que por cá se diz sejam puras mentiras—nunca se mentiu tanto. Estamos numa civilização de mentiras. Se ninguém mente de graça, sem motivos (é mais difícil mentir que falar verdade), aonde pretende chegar essa cáfila de mentirosos?

Bem farão os povos, se, ao ouvi-los, «escrevarem» muito bem o que dizem, ficarem de pé atrás, a meditar no que será que eles têm no fundo do saco—e que não mostram nunca, não dizem.

Falar verdade

Fiquei pasmado com o programa de Filosofia para o 10.º ano do liceu, que, há dias, me mostraram. Assim, não vamos lá.

É tão vago que os alunos não aprenderão a distinguir, cientificamente, o verdadeiro do falso. Aquilo não é Filosofia. Quando muito, Sociologia, Antropologia ou coisa assim e disso já os rapazes ouviram de sobra. Por outro lado, certos professores viraram papagaios como uma, de Biologia, em Lisboa. Ao explicar as origens da vida, referiu 3 teorias. E um aluno:—Minha Senhora, falta uma, a da Bíblia. Embatucou, disse que era admissível também essa. Os colegas do rapaz, que não aceitam nenhuma das 3 teorias, disseram ao reflão:—és parvo, ela lixa-te!

POR

Dr. Francisco de Almeida

O certo é que as teorias da vida, fora da da criação, são insuficientes para explicar como foi que surgiram sementes ou ovos na Terra. Logo, afirmar que os seres vivos brotaram de seres sem vida é mentira que só por malvadez se afirma.

A qualquer dos pedreiros ou carpinteiros ou jornaleiros das nossas freguesias—que não já apenas aos letrados da cidade—alguma vez na vida passaram

mulher gerar novo ser da mesma espécie que a mãe? Que tem a mais um homem vivo, que pensa e fala, que o seu cadáver, que já não fala? Afinal, quem pode demonstrar que as doutrinas que os mestres católicos ensinaram, sempre, estão erradas? Como é que

(Continua na quarta página)

pela cabeça ideias, malucas, como estas: quem fez o mecanismo que faz o ovo dar um pinto? Quem fez o mecanismo que faz uma

E MENTIRA (1)

Quem fala, ou mente ou não mente. O que pode é ter o que diz aparências de verdade e no fundo de mentira. Escrevi que a verdade não está nas coisas. Essas «são» pura e simplesmente. O nosso pensamento acerca delas é que pode ser verdadeiro ou não. A verdade, antes de ser dita, está na nossa cabeça.

Antes de alguém estudar Lógica, tem de estudar os seres e sobretudo, o pensamento, o homem. Se o homem pode ser estudado como doente pelo médico, como ser vivente pelo Biólogo, como ser pesado pela Física, desde sempre atraiu a curiosidade de uns, mais observadores examinar como é que ele pensa e porque é que é capaz de pensar.

Contavam-me há dias que nas eleições de 5 de Outubro passado, em Galegos, apareceu uma senhora, professora, julgo que natural de Lijó, como delegada do clube cunhalista numa das mesas de voto. Ter-se-ia ela gabado de que, desta vez, as coisas iam ser catadas a pente fino. Tanto penteou que as mulheres lá do sítio a teriam votado de fundo para o ar se não fora a atitude, prudente, do presidente da junta a protegê-la e a facilitar-lhe a fuga. Esta simpática senhora ou é muito imprudente ou nunca viu uma linha de Lógica. Talvez as duas coisas.

Portanto, é de todo necessário fazer como os lavradores: sentar-se na parede ou num marco do campo e deitar contas à vida. Que é que me distingue do boi? Como é que eu consigo falar de tantas coisas sem as estar a ver? Como é que eu encontro e «vejo» a brancura, abundância, a justiça, que não apalpo em sítio nenhum? Como é

que eu consigo falar sem estar sequer com o trabalho de imaginar o que digo? Mas é facto que eu consigo, sem esforço nenhum, tudo isso. E é-me tão fácil, natural, pensar como beber um copo de água. E o lavrador conclue:—ná, eu sou um sujeito muito dotado! Por certo que aquelas pavas do Génesis, quando diz que Deus fez Adão, e depois lhe deu

(Continua na página 4)

(Continuação da página 1)

lhe soprou a vida, são mais que isso porque Adão ficou a ser «se-melhante» a Deus. Não deu tal sopro a outro nenhum ser.

De facto este poder de pensar dá que pensar: penso, disse Descartes! Mas quem há aí que não sinta que pensa? Até a dormir—portanto, sem querer—o fazemos!

Há assim em nós o poder de crescer, como as abóboras ou as cebolas, e o de sentir, como o gato e o passarinho e acima de tudo, o de pensar. Mas pensar é conseguir meter todas as coisas na minha cabeça: paisagens lindas como aquela do monte São Félix, quem vai para a Póvoa, e uma da Galiza tanto me gabava no verão passado; é ter na cabeça as coisas boas e más que na minha história ouvira eu fiz ou não fiz; é conseguir ver e entender as qualidades das coisas e entendê-

-las como se estivessem separadas quando, de facto, não estão; é ser capaz, de sentir e dizer:—eu tenho direito a isto! quando tal direito não o tocamos.

Pensar é a maior riqueza e glória dos humanos, homem e mulher, que às vezes se amam e às vezes se odeiam como ursos.

Sou capaz de maravilhas como ver uma moça e em seguida pensar: ela é linda! Onde arranquei eu este «linda» que ela é, mas fica no meu pensamento? Mais ainda: sou capaz de, por ver isto, aqui-lo e aqúeloutro cair, pensar; sem que ninguém consiga convencer-me de contrário, que tudo o que for atirado ao ar, necessariamente cai ao chão. Como é que se 2 ou 3 casos, eu «sei» que «tudo» cai? Mas sei mesmo? Como posso demonstrar que não estou a cair numa tremenda ilusão?

Francisco de Almeida

72-35

amparam e fazem crescer, que venenos lhe matam as raízes, etc..

Dai, outros problemas. 1.º) é preciso fundá-la por acto expresso, acordo público? Ou bastam sinais? — 2.º) o acordo de um par em se unir pode ser válido se não for para valer por toda a vida ou pode ser a prazo, enquanto ambos gostarem da união? — 3.º) Pode ou deve ser permitido romper o acordo outrora feito? Tem o nome especial de Divórcio. — 4.º) Pode contraír-se apenas em benefício dos nubentes ou com intenção de excluir toda a prole? — 5.º) Se ela aparecer, pode ser dizimada? — 6.º) pode sequer usar-se qualquer meio para que das «fontes» não brotem quantos frutos podiam brotar? *Boa 215/81*

Se dizes sim, à face de qual regra o dizes? E se não, que regra usar? Regra natural, filosófica, demonstrada ou de ordem transcendente, religiosa? Se religiosa: da lei cristã, budista, muçulmana ou outra? Ora logo aqui, há tantas sentenças quantas as religiões em que os crentes se agrupam. Quanto aos não-crentes, esses respondem não a tudo porque entendem que só o sujeito é senhor

(Continua na 4.ª página)

se si: se quer unirse em acto solene—que se põe por uns dias, também; por a vida, não pois é alienar a liberdade, etc..

Se as acções vão caminhando—sabes porquê, para os braços dos não-crentes, não há forças que as convençam a portar-se como Roma manda. Deste modo, os problemas são mais fundos e graves do que ao parecer supomos. E gritam: já não há o «pensamento ocidental» só; há outros: o oriental o, africano, etc., ou é de cor que insistem no respeito pela cultura de cada povo? Dai vemos, até na revista missionária dos Espiritanos, um bispo negro a denegar valor significativo ao acto de casamento na igreja: que o tribal significa mais (Encontro—Março de 81).

os filósofos da Moral investigam Muito avaro, portanto. O que

os donos e não pais e filhos. Os seus familiares só os pais são de um Estado; b) que os donos é um membro ou factor imediato re-a só em dois aspectos: a) que Ética. No índice ideográfico refer-tas. Vejamos um Manual de Filosofia Moral, também chamada

Da família não são muitos os

São factos: no Japão, como por todo o lado, as gentes não ficam solteiras; na Índia, como cá, os casais gostam de ter filhos; hoje, como outrora, há matrimónios que se rompem ao fim de pouco tempo; na URSS, como cá, os pais não deixam de ter amor aos filhos e vice-versa. A lei de Deus, mesmo a da razão apenas, não é impossível, mas nem todos os homens e mulheres conseguem passar sem pisar o risco aqui e além, hoje e depois de amanhã.

Que fazer? Nem todas as dificuldades do barco o metem a pi-que e que metam, ele pode sempre voltar à tona. Ora nós vemos muitos a falar, falar e é impossível que o bom senso do povo, a opinião pública, não diga o mesmo que o Papa prega. Ela guia-se por instinto, mas acerta. Como Deus consegue isso, sabe-o Ele. Deixem ouvir a opinião pública. E oiçam também as dificuldades dos «dissidentes»: às vezes até ofuscam a razão e os homens não são anjos. De resto, nem há mal que sempre dure senão a URSS já tinha pulado sobre os Polacos. E não pulou. Porque os soviéticos não acreditam no Governo e o Governo sabe disso.

Havemos de continuar.

A PROPUSITIU DE SANIU ANDRE

NA REGIÃO DE BARCELOS

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Como já noutra ocasião escrevi, folheando o livro do Dr. Teotónio, havia em Barcelos, há 44 anos (1937), 71 santos e santas com ermidas espalhadas pelos 363 kms quadrados da nossa terra. Esses títulos eram, por exemplo: Santa Margarida (1 caso, Ab. Neiva), Amaro (3 casos), Sebastião, (5 casos), António (8), N. Senhora (32); mas André, só em 2 freguesias.

O Dr. Teotónio refere os das romarias mais afamadas (vol. I, pág. 26); S. Brás, Socorro, S. Bento, Necessidades, etc. Donde nos veio o S. Bartolomeu para Espo-sende? E Santo Antão para Ginzo? Porque é que até ao Cristo, Salvador, se chamou São Salvador como se fosse um simples mortal? (Ver Lama, Regoufe, etc.). Já nem falo no complicado problema de saber desde quando freguesias nossas foram dedicadas ao apóstolo da Galiza (Compostela — São Tiago. E são muitas.

nas Índias — como foram — ao mesmo tempo que, por falta de dotes, se mandavam as pequenas para um mosteiro — e obedeciam bem ao Sr. Pai. V. N. 18/7/82

Por isso mesmo, tais mosteiros — sobretudo o de Vairão — tinham de cair em desgraça como já antes terão caído os (de) Cam-po, Alvelos e outros que Teotónio refere terem existido pelas nossas aldeias, o que me parece por um lado estranho e por outro, curioso, pois Barcelos nunca deu freiras que se vissem.

1881

Não é o pároco que está a mais e sim uma enormidade de capelas que os graúdos construíram. Por isso eu atrever-me-ia a sugerir-lhes o seguinte, após ler uma mensagem do povo de COSTA DA CA-PARICA: se a diocese de Setúbal, que tem 600 mil pessoas, só tem 60 padres (10 mil por padre), não é egoísmo uma freguesia do Minho exigir um pároco? Se des-ses 60 só 1 é natural da diocese setubalense, e vários são estrangeiros e 18% são religiosos, não é tempo de os bispos criarem uma

(Continuação da página 1)

(pág. 27). E no cap. 32: «Mos-trando assim que os dois irmãos, André e Pedro...» pág. 355) e «André e Pedro... nada era tão diferente como o comportamento destes dois irmãos» (pág. 370).

Quer isto dizer que nós, a Ocidente de Roma, temos a fé que Pedro ensinou como os cristãos da Roménia e arredores beberam a fé dos lábios de André, que por lá ficou. Ora da Roménia a Barcelos são muitas milhas de mar ou passos por terra.

18/7/82

Bem sei que muitas das capelas que temos, por exemplo na Lama, mais não seriam que jazigos de família à sombra de um santo e em chão sagrado. Por isso não eram do povo e sim do morgado. Por isso mesmo, só algumas como a de S. Lourenço em Alheira, o Santo Amaro em Galegos, o São Bento e poucas mais são anteriores ao ano de 1500 — quando começou a espalhar-se a febre dos morgados, como em Moure, e já que os filhos segundos e seguintes podiam ir erguer casa no Brasil ou

Escreveu o Dr. Teotónio (I, 77):

«O padre impera ainda no espírito... do povo crente». O nosso Dr. é bem fruto da sua época.

Como as coisas são e têm sido por aí fora! Por um lado, e por causa do Santo André, lembramos que o Papa quer que os povos recordem os antigos Concílios onde os filhos de Pedro (católicos) e os da Terra de André (agora cismáticos) se reuniram para discutir, em unidade, questões tremendas como as de saber se Cristo é ou não é Deus, se o Espírito Santo é ou não é ser criado, se Cristo tem ou não tem uma alma como nós, etc., tudo questões sempre levantadas pelas afadigadas inteligências gregas, e raiáticas. E o pior é que nos é impossível de

perceber porque é que tais questões fizeram correr tanta tinta, tanto sangue, tanto suor, tanto ódio e tanto o poder político. Não havia T.V. nem rádio. Nem sequer entendemos a violência com que, sem dúvida bem intencionado, agiu um santo que dava pelo nome de Cirilo, patriarca africano de Alexandria, no Egipto. Foi nos anos 350 e seguintes: o imperador a apostar (Juliano), outro a favorecer herejes, todos a prever que o Império se lhes dividia em partidos por causa das querelas cristãs. Teólogos e bispos mais afincados em pregar o que inventaram que aquilo que Deus lhes mandou pregar às populações: filósofos grandes, sábios sem dúvida, orgulhosos como poucos, jogadores, políticos, foram os que os imperadores elevaram a bispos e depois também depuseram e desterraram. Pouco melhor que na URSS actual.

central de gestão de pessoal como mandou o Vaticano II? Se entre os 600 mil só 30.000 são crentes, (ou 5 por cento ou 1 por 20) e ainda assim faltam ao bispo de Setúbal 20 igrejas novas, porque é que não vendem os barcelenses as capelas e oferecem o preço aos tão carecidos setubalenses que crescem qual mato bravo?

Só que, se assim for, adeus ao Santo António e outros na nossa terra. E é claro que nem sempre as igrejas bastam, às necessidades da nossa gente. Falem daí.

Francisco de Almeida

12-38

Uch. 20.8

Pannonias, por exemplo, a que chamavam «paróquia» não seria paróquia no sentido que hoje damos ao termo — o de freguesia.

Mas parece que naquele tempo de 580, o prelado de Braga precisava apenas de 29 colaboradores paroquiais (párcos). Era assim? Se sim, porque é que só havia ali 29 matrizes? Ora só na margem norte do Cávado conta, Barcelos agora com 47 freguesias (ver Dr. Teotónio, Barcelos — Aquém: Abade Neiva, etc). Vejamos anexas.

Regoufe foi freguesia pelos anos de 1220 entre Alheira e Alvito. Antes

Para a H

Barcelos

20/8/81

As Anexas

Cabe aos sociólogos determinar por que razões na margem norte do Cávado houve já tantas freguesias das quais umas desapareceram e outras, continuando vivas, andam contudo agregadas, anexas.

Alguns considerandos: houve dioceses que actualmente já não existem; houve concelhos que desapareceram (por exemplo em Portugal, desapareceu o de Prado e passou a haver um novo, o de Vila Verde); Elvas é diocese não extinta e todavia, há muitos anos que nem dela se fala; Castelo Branco é diocese viva, mas anda anexada à de Portalegre, etc. Pelo menos por isto: a população mudou-se ou a política alterou-se.

Outrora em Angola (14 vezes mais extensa que Portugal) só havia uma diocese e 1 Bispo — era Luanda. À medida que a cristianização progrediu, foi-se repartindo em novas dioceses — as malhas da quadrícula apertaram-se por causa da densidade dos cristãos ter subido. Braga, diocese, num documento dos anos 580 só tinha estas paróquias:

a) nas vizinhanças ou talvez citadinhas: Contum, Cellas, Coetos, Lemeito, Anoarte, Milia, Ciliolis, Ad Portum, Agilio, Carandonis, Tauuis, Ciliotao, Cetanio, Oculis, Cerecis, Petroneto, Eque-sis, Ad Saltum — são apenas 17 e gostava de saber que nomes têm hoje os sítios aqui enumerados;

b) nas zonas rurais: Pannonias, Laetera, Brigantia, Astiatico, Tureco, Auneco, Merobrio, Berese, Palantucio, Celo, Supelegio e Senequio — são 12 que com as anteriores somam apenas 29 num território que agora se divide nas dioceses de Braga, Bragança, Vila Real e Viana.

Certo que qualquer antigo centro,

V. Ucha de 1527 morreu e o território dela herdaram-no Alheira e Ginzo (V. Barcelos — Aquém, pags 86, 91 e 102 e 107). E Regoufe talvez fosse no alto de um monte, mais antigo que Alheira ou Ginzo.

Ginzo, por sua vez, talvez tenha sido território partido em 3 paróquias — Santo Antão, S. Salvador e S. Pedro Fins. (Barc — Aquém, pg. 101 a 105).

Vila Frescaína foi S. Simão, S. Martinho e depois S. Pedro. A 1.ª andou anexada à de Arcozelo ainda pelo ano 1500 (Barc — Aquém, 117 e 427). E parece que devia ser anexa mas era da de Vila Boa, aliás pequeníssima. Que política ou que direitos — em parte era isso fizeram S. Simão anexa de Arcozelo que vão de, V. Boa ou a de Quirás anexa de Galegos que não de Roriz como ficou após 1841? (Barc. — Aquém, 355). Anote-se contudo que as anexas daquele tempo podem não ter o mesmo sentido que agora têm: é que Quirás «anexa» de Galegos só significava que o pároco dela — que sempre teve até 1841 — era nomeado pelo Abade de Galegos como mostram os documentos desta.

Couto e Alvito (S. Pedro): por mais complicar, estas duas eram dependentes de Salvador do Campo (Barc. — Aquém 190 e 211).

Houve Echate que desapareceu e surgiu Feitos (e também Vilar do Monte) (pg 229, 230 e 407). Frágoso terá surgido das de S. Pedro, S. Vicente, Santa Maria e Cardoso (pg 237 a 239, 246 e 392 — Tregosa).

Desapareceu a de Sandim junto à Lama (pg 271), morreram Salvador e outra de Palme (pg 313) e Terroselo

que ficava junto à de S. Romão de Ucha (Monografia do Sr. P.e Hélio). Panque à direita do rio Neiva e Mondim à esquerda mandaram uma na outra conforme as épocas — o rio explica o porquê de haver 2 matrizes para tão pouca gente (pg 326 a 328).

Justificava-se então que a sede de um convento fosse paroquial (Banho e Palme) porque as populações tinham assim a vida facilitada num tempo de invernos mais chuvosos que agora, com caminhos não asfaltados e antes cheios de barrocas, água e lama. E as funções de culto nas igrejas são a horas e não quando lá se chega.

Donde parece que as razões de Barcelos ter quadrícula paroquial tão apertada (densa ou farta) terão sido: a) o grande fervor religioso das populações; b) as grandes distâncias que actualmente se têm de percorrer (se a pé) para ir de casa à igreja, por exemplo, a parte ocidental de Galegos; c) os maus caminhos de então — e apesar de os Visitadores pregaram muitas para que não se degradassem de todo; d) ter, como tinha, cada paróquia seu dote, obrigatório, em searas (rendas); e) ser o estado sacerdotal mais pretendido e por isso haver uma percentagem de sacerdotes que chegava a ser 10% da população (e agora não há 1 em 10.000). Afinal, em 81, quantos párcos há para estas 47 freguesias vivas de Barcelos? Ninguém se assuste por o número de «dependentes» ter vindo a aumentar. O actual pároco — pregador — em cada freguesia é quase só o Papa. E apesar de viver em Roma e poder vir a viver noutra cidade.

Como isto tudo vai mudado! Falem os sociólogos.

Francisco Almeida



Classificação _____ Obs.: _____

Rubrica do Docente _____

ОТЪСЛАНО

Outro abade de Barcelos: João
Añes, que interveio em Ab. Neiva

em Vianna. Um dos documentos dele, no espólio da nossa Matriz, é de 1563.

Outro abade de Barcelos: João Anes, que interveio em Ab. Neiva (por 1438). Ab. de Vila Seca em 1407; Luís Anes (já frisei que os

Anes aparecem no Lombo de Galegos—ano de 1518). Outro pároco de Barcelos: Gil Martins (1431). Uma dona de Gilmonde em 1378: Sancha Pires, sentença de 1385 (ano de Alubarrota. Uma benfeitora da Matriz [legado contra 50 missas por ano: Maria. 1375. Um testamento: Gong. Lourenço, 1372. *Osane. 70. x. 81*

...

É claro que isto interessa mais aos paroquianos da cidade (há quem?) e às terras até ao rio Fontelo; para além disso, era a Terra de Prado. Pegu aos licenciados barcelenses que, se tiverem de estudar algo, por favor aprovem a história, social ou outra, desta nossa Matriz, cabeça barcelense.

de 1400 há documentos destas freguesias: Vila Seca, Gilmonde, Barcelos, Milhazes, Fornelos e Courel, todos no maço 1 e são de facto 89, mas até ao ano de 1550. O maço 2, de 50 documentos, refere-se aos anos de 1500 a 1699. Um, refere-se ao organista Girão, do ano 1597. O maço 3 é de Sen-tenças: 29 documentos dos anos 1600 a 1799. O maço 4 é de Re-querimentos e certidões (121 do-cumentos) dos anos 1500 ao de 1899 (são 400 anos). Outra Ca-derneta (a 2ª) divide-se assim: Maços 5 a 12. Maço 5: officios dos anos 1718 a 1887, outros sem data.

03.000.70.X.81

A propósito de 2 novos livros

XI - 40

Época

264

Comp. Ant - 20.I.82

O escritor Rocha Martins, que vive na bela cidade de Barcelos pegada ao rio Cávado e paredes-meias da praia do Ofir ou tão que tem em redor dela as grandes povoações da Póvoa de Varzim, Famalicão, Braga e Viana do Castelo, todas num raio não maior que 25 quilómetros, mandou-me 2 trabalhos que editou, ambos de temas sociais e morais a saber: O Problema do Homem e a Realidade Divina, ano de 81-171 páginas e Últimas Sementes de Esperança 1980, 194 páginas.

Comp. Alentejano
DO 1.º LIVRO 20.I.82

Claro que o homem, cada um de nós, tem muitos problemas a resolver. E o que é pior alguns parecem insolúveis, outros deram toda a vida e esta é tal que não há quem possa gabar-se de não ter tido já problemas, dificuldades.

Porque é que os homens não de ter de passar seus dias sempre carregados de dificuldades? = pg. 5 =

Rocha Martins discute em que consiste o homem. Que é um homem? De facto, como um estudante de Direito, nós estamos cá sem ter sido con-

sultados (nem o padíamos ser) O facto é que estamos. Então para quê? É que não há aí nada, ao nosso lado, no quotidiano, que não exista para alguma coisa: a casa é para nos abrigar, a estrada serve para, a Câmara destina-se a, o Tribunal tem por fins, missão ou funções isto e aquilo.

E o homem, nós? Para quê? A isso, o autor, que também filósofo (discute), responde que não morreremos (pág. 71) porque mesmo «na humilhação da morte... (há) a certeza da vida» (pág. 105). E diz os porquês do que afirma.

E digo eu que, se o Dr. Cunhal conseguisse fazer um partido comunista sem aquela teoria dele de que Deus não existe, aliás de todo gratuita, até havia de ter mais gente ao lado dele. Só que, sem aquela teoria, que Lenine subscreveu, o partido já não seria comunista. Digo também que lamento ter os comunistas a afirmar tão sem provas — e contra as provas da razão — que Deus não há.

Como de lamentar é que rejeitam todos os livros que não sejam escritos ao jeito deles.

Convenceram-se de ter no papo o monopólio da verdade, do saber, de tudo? Se sim, estão doidos.

Ora o Homem não é explicável só pelas ciências: não é só problema para o médico ou o técnico da saúde nem só para o arquitecto que lhes projecta casas ou bairros. Não é só 5 tostões de carne, sangue osso e soco. Como diz o livro é objecto explicável, de todo pela supra-materialidade, é inteligência e ninguém a viu, é vontade e ninguém a pesou, é imaginação e ninguém a meteu a ferros O homem nem sequer cabe nele, em si

dos, enfastiados, sem ideal como no «cansaço da humanidade do século vinte» (pág. 95) tese que não partilho de todo. E já nem digo nada do 2.º livro.

ACERCA DOS LIVROS

Não me compete sugerir aos leitores que recortem dos jornais as notícias dos livros que se vão publicando. Que de vez em quando, comprem e leiam, ofereçam e emprestem e peçam emprestado, um livro: não sejam papagaios. O livro, as viagens, a rádio, a televisão e até as conversas são meios com que estamos sempre a aprender-se não por mos aspectos como o é a casca do sobreiro e se quisermos aprender, sei bem: muitos recusam ouvir. dialogar, aprender, mas o tempo, os Janeiros, há-de curá-los sem ser à padrada.

OS PAISES E OS LIVROS QUE PUBLICAM

A Albânia publicou em 1967 (últimos dados — não deram outros) 628 livros. Mas um folheto, a partir de quantas páginas já é «livro»? A Espanha em 77 publicou 24.896 livros, as Filipinas, em 1975, 2247 livros, a Mongólia, em 74 491 livros, a Inglaterra, em 75 editou 35.526. Singapura em 75, 577 livros, o Zaire, em 70, só 9 livros!

E Portugal? Em 1977, 6122 livros — mas na URSS, em 75, 76.660 livros (tem 26 vezes a população de Portugal, de várias cores, crenças, línguas e raças — é um mosaico que se desfaria logo sem a ditadura)

PEDRO AFONSO

So a realidade extra-humana, divina, o pode apreender, medir, abarcar: o porquê da «felicidade» dele (pág. 79) ou da infelicidade (até chega a enforçar-se) se a vida sem «fé no divino pode ter sequer sentido (pág. 63) e cita os sábios, etc.

Digam-me: porquê e para quê não se matam aí todos? Porque é que tanta luta política há? Que está pró contra e por detrás da Reforma Agrária? A ciência ou algo para além das ciências? Se calhar todos os leitores estão cansa-

Ju: Jaleca

as-
Senhor
nde de-

por Francisco de Almeida

A sequência de artigos do ilustrado colaborador, Baptista da Silva, vai já (o Cardeal de 24/6) no N.º 22.

Suponho que a linguagem as ideias — e muito sa- Autor se expressam / acessível, mesmo aos / etrados da nossa Ri- beira Lima. C. Sar. 15/7/83

Será a 1.ª vez que o campo pode ler curiosidades extensas sobre o que foi o viver — a história — do Cristianismo por muitas terras. Temo que a coisa se disperse.

Para a tese — Poderes do Papa, Vaticano e seus valores — o já exposto é introdução em excesso. Desculpe-me Baptista da Silva se for de opinião oposta.

Ao fundo do tema:

A História é um pouco no fundo está a terra mais antiga

e a seguir, outra mais nova, mais nova, até ao cimo que é a terra actual (o nosso tempo).

Sustento que já há muito se devia ter pugnado por que os populares, mesmo eles, que cristãos se dizem, soubessem (e para isso tivessem livros) alguma coisa da que foram os nossos Cristãos nos anos 100 (se os houve) 200, 500, 1000, 1500, etc. até nós. Ora para tal só temos 2 obras: a enorme, do Dr. Fortunato de Almeida (que o Dr. Oliveira Marques — História de Portugal — Marxist, não aprecia nada) e outra (1.º volume) do Padre Miguel de Oliveira, muito citada por historiadores civis. Para a região de Braga (a que Ponte pertenceu até há pouco) tem-se outras duas: Os Fastos (muito falados) e a História (Continua na 8.ª página)

Não quero prolongar por mais tempo, para além deste remate, esta pequena polémica (?) sobre o dito tema, não só porque (penso!) não é a função principal de um órgão regionalista, mas também porque a «luta de ideias», que creio culturalmente saudável e o único processo de fazer evoluir o conhecimento humano, morreu «asfiriado» às mãos do Sr. Francisco de Almeida. Senão vejamos:

1.º Praticamente não se referiu a nenhuma das teses da física ou da antropologia que eu havia exposto no meu artigo. Apenas o fez em relação à «Origem das Espécies» de Charles Darwin, baseando-se numa «fonte» que além de muito débil não põe em causa a sua veracidade (apenas diz que não está provado), fê-lo de uma forma completamente céptica em relação ao «conhecimento humano», neste caso, a Ciência. Certamente o Sr. F. Almeida também duvida

dos milagres da medicina ou não acredita na ida do Homem à Lua.

2.º O facto de um filósofo como Descartes (ou mesmo todos eles) morrer como católico, não significa que a sua obra (em parte ou no todo), não houvesse posto ou ponha ainda em causa princípios já convencioneados. Não vê o Sr. F. Almeida que o indivíduo e a sociedade são movidos pela contradição, é ela que lhes dá a vida e faz avançar, tal como em filosofia: a tese e a antiteze. C. Sar. 22/4/83

Apenas para ilustrar, um frade dominicano do século XVI — Tomás Campanella — influenciado pela Renascença, escreveu «A Cidade do Sol», hoje considerado filosoficamente como «socialismo utópico», foi acusado de herege e morreu como católico.

3.º Não falei em Deus nem na existência, mas muito somente na «Revelação de Deus» que foi escrita pelo «Autor,

(Continua na 6.ª página)

DA FILOSOFIA E DO FILÓSOFO

(Continuação da 1.ª página)

humano, da Bíblia», como diz. Não porque o tema fazer. Como ser pensante, o Homem deve pôr tudo em causa, incluindo aquilo que mais lhe cria convicção. Não temo, porque os romanos já não atiram escravos e cristãos às feras, os judeus já não crucificam e os Alemães já não condenam à câmara de gás. Não, porque de certeza que Deus não me perseguiria por esse facto, sabendo que pensar e pôr em causa fazem parte da dimensão própria do ser humano. Pelo contrário, sempre foram os homens que se (ab)usaram de Deus para mover perseguições, como o fizeram a Jesus. Acusaram-no, a ele, de basfêmia contra Deus, para o perseguirem, e com ele, todos os que se opunham à ocupação romana e à organização social judaica de então. C. Sar. 22/4/83

4.º e por último, não percebo porque me chama «ateu» quando poderei professar outra qualquer religião, ou mesmo acreditar em Deus sem seguir religião alguma?

As conclusões que expus foram retiradas do «conhecimento humano», de Darwin, de Pavlov e muitos outros. Certamente eles também eram ateus!?

Também não sei porque se refere a «Gomes e os seus...», quando o artigo foi assinado apenas por mim?

— Será porque, não tendo «estofo» suficiente para defender os seus pontos de vista, prefere recorrer à invectiva?

De qualquer modo, penso que não é uma forma muito digna para quem gosta de falar de uma matéria, como é a filosofia.

Ao Sr. F. Almeida, ao «Cardeal Saraiva» e a todos os seus leitores, os meus melhores cumprimentos.

CARLOS GOMES

Resposta a L. Gomes

XII - 41

por Francisco de Almeida

A) 10/2/84
Há tempos, quando regressava a casa para o almoço, vim encontrar no correio um pequeno livro de cento e poucas páginas. E um catrão do Padre Fernandes Gonçalves, reitor da freguesia de Alvarães, a dizer-me porque é que mandava o livrinho.

Alvarães — muitos a conhecem — é aquela industriosa e industrial freguesia que fica na estrada de Viana para Barcelos.

Lá se cria um famoso barro, o de Alvarães. Não conheço o Sr. Padre Gonçalves nem ele a mim. Mas pelo que diz lê o jornal *luminiano*, Cardeal Saraiva, porquanto escreve: Acabo de ler «Para o Dia Mundial das Missões... no Cardeal Saraiva»... quero referir que é a 1.ª vez que um leitor do Cardeal se me dirige.

Que livro manda? Este «Responsabilidade Missionária da Igreja em Portugal» que é separata de uma revista — nunca dela tinha ouvido falar — a qual dá pelo nome de *Igreja e Missão* (é de Valadares, Gaia). *Card. 24/10/2/84*

O bom do Sr. Reitor não sabe onde eu moro e por isso mandou para o Cardeal Saraiva, diz. Se assim foi, tenho de agradecer à gente do Cardeal

a gentileza de me fazer chegar aqui. E desde já o meu obrigado tanto ao Reitor como ao C.ª Saraiva.

B)
Há, porém, no livrinho algumas coisas profanas e religiosas que têm interesse para os leitores do Cardeal. Para quem deseje folhear a Separata, digamos os temas: — 1.º) as igrejas locais (de P. de Lima, por exemplo) têm de cuidar por que haja missões; — 2.º) É preciso que as terras que têm padres e religiosas façam chegar alguns deles, e delas, às terras onde mais faltam; — 3.º) Animação (agitação) dos portugueses para se darem conta das Missões; — 4.º) Como se faz missão no Brasil de 1982;

(Continua na 4.ª página)
Sobre uma carta
(Continua)

5.º) As dificuldades e problemas das Missões em Angola em 1982; — 6.º) — idem — em Moçambique.

O 1.º estudo é teórico, para especialistas, mas o 2.º é mais sociologia que outra coisa e muito bem feito.

C)
A partir dos anos 60, começou a agitar-se muito entre nós este problema: Distribuir a Riqueza. Significava isso

que da empresa que dá por ano 100 de lucro, erga o lucro que mais de 50, % mais de 60%, etc., passassem, através dos salários, para o bolso dos operários. A luta era então levar o patronato a abrir, o mais possível, os cordões à bolsa. Afinal, tanto se abriu, abriu, que os homens do capital (donos) até ficaram sem as empresas. Parece que foi um erro, mas isso só o tempo corrigirá — quando os operários verificarem que de teorias não podem viver: nem eles nem a mulher nem os filhos. Além de que tirar o seu a seu dono, sem lho pagar, é roubo mascarado. E todos os trabalhadores sabem isso. Senão, nacionalizem o que deles é, a ver qual a resposta... *Card. 24/10/2/84*

Pois bem: há anos que o leitor: Évora precisa de Sacerdotes, e Beja e Faro e Setúbal, Braga tinha-os (e Viana). Mas não foram para as terras do Sul. O artigo está muito bem conduzido e ilustrado com desenhos (gráficos) que o Autor informa feitos na Universidade de Évora. Quer dizer: estudo de alto nível.

Ficamos a saber que os Católicos por sacerdote (médias) eram estes: nas Áfricas — 3302 por sacerdote, nas Américas — 3121, na Ásia — 2213, na Europa — 1086, na Oceania (Australía, ilhas de lá) — 1013. Mas em Portugal — 1829 e no Mundo (geral) — 1834. Significa

que a densidade maior é noutros da Europa: Portugal tem até menos padres que o Mundo em média.

D
De 74 para 79 (e já vinha caindo desde 1961) houve cada vez menos ordenações de padres: os 2273 ordenados na Europa no ano de 74 caíram para 1697 no ano de 1979. Nas Áfricas foi ao inverso: só 248 no ano de 74 que subiram a 336 no de 79; na Ásia subiram de 432 para 555. Estas sub-

Reitor de Alvarães
a página)

das não compensam a quebra nas ordenações de europeus.

Outro fenómeno para a refacção acelerada dos padres a cuidar das populações foi o dos despadrados, a que esta separata chama desistências ou redução ao estado de leigo. A causa é geralmente um caso de saias, porque numerosas mulheres, e cristãos, não têm pejo em conquistar para marido um desses. O sexo é muito forte e sempre o foi. A seguir ao Concílio em Roma, aí por 63, houve debandadas enormes. Até jesuítas e até freiras saíram dos conventos. A onda está quase nas últimas agnias. Os que saíram são hoje deputados, professores, vendedores ambulantes e até desempregados. E dos que casaram, não poucos querem que o Papa

de mais padres, evoluiu assim desde 1961 a 79 em ordenações: 36, 21, 23, 23, 19, 9, 13, 9, 5, zero. Nem 1 em 1979! Inacreditável! Vejam o que terá sido Lisboa, Beja, Setúbal ou Faro.

72-42

Os Poderes do Papa e os Valores do Vaticano - (e não só)

C.S. 10/2/84 por António Baptista da Silva

O 3.º artigo do Sr. Dr. F. de Almeida, vem publicado no n.º 2972, de 11-6-82 e intitula-se «Em redor da nova Encíclica do Papa». Inicia-o, com um ligeiro intróito sobre a «nova fala de Roma acerca do tremendo conflito, que é ter e ser, bens e trabalho, patronato — operariado». A seguir faz três importantes observações. Não vou transcrever se não a primeira, pois sem retirar o valor às demais, é a que mais se coaduna com o ponto que neste momento se está ventilando. Ei-la: «Os maometas

mos, crenças, pelam-se todos por Maomé se não ter lembrado de incluir no Alcorão uma organização de chefias com uma supremacia — um papa deles. Linguisticamente, um marroquino não entende o megípcio a falar e as diferenças religiosas entre eles não são menores, ainda que pertençam à mesma seita. Da mesma falta de chefia suprema padecem os Protestantes (400 e tal seitas ou fracções), os Ortodoxos (cristianismo oriental incluindo o da URSS, os Budistas, etc.. É

(Continua na 2.ª página)

Rito Bracarense

Em conclusão: há larga influência oriental na liturgia de Braga, mas não através de S. Martinho de Dume

Cv. 31.5.84

Após este grande passeio através da história, a ele citado pela pergunta do Dr. Francisco de Almeida, podemos concluir: 1.º — a Liturgia de Braga, como todas elas, está muito influenciada pela Liturgia oriental; todavia, 2.º — não o foi através de S. Martinho de Dume.

Nascida no judaísmo, — no que era possível — a Liturgia Oriental ou médio-oriental aviventou ao longo dos

séculos a do ocidente. Exemplo flagrante disso é que Roma até ao séc III usava o grego na liturgia e foi satélite da Alexandria.

Ao contrário do que pode imaginar-se, a Cidade Eterna não teve, a bem dizer, criatividade litúrgica; essa é quase exclusiva das liturgias periféricas: Milão, Leão, Toledo, Braga, Gálias, Irlanda, Grã-Bretanha. Sobre tudo as Gálias. Todas estas liturgias iam buscar à Cidade Eterna

orações e textos seguríssimos de baixo do ponto de vista da pureza da Fé, mas, ao depois, rodeavam-nos da imensa riqueza cultural e religiosa de em de-redor.

Assim aconteceu com as orações da eucaristia e demais fórmulas dos sacramentos e sacramentais; assim, de modo particularíssimo, com a grande oração da eucaristia ou da missa, o chamado Cânon. Desde muito cedo, em toda a parte, menos em Toledo, fórmulas fixas se

perfeitamente documentadas em como o oriente influenciou — e de que maneira... — ao longo de séculos na liturgia de Toledo e, com ela, a de Braga. Esta foi trabalhada, portanto, por dois lados: Roma-Alexandria e Toledo-Bizâncio. Aliás é fácil detec-

tar cerimónias iguais na liturgia copta e bracarense, mas só o poderíamos demonstrar através de fotos. Esperemos que Deus faça o milagre de o podermos fazer em breve.

31/5/84

Cv. 31/5/84

A. Luís Vaz

introduziram nos textos onde era necessário todo o cuidado de baixo do ponto de vista da pureza da Fé. Enquanto o Império Visigótico seguia textos variadíssimos, até entre Santo e comunhão na Missa, salvo a fórmula da consagração, o resto do império, Aquitânia e província de Braga com todas as suas dioceses sofraganeas, seguia o Cânon romano embora inserido no contexto litúrgico hispânico. O mesmo acontecia com o resto das Gálias, Centro e Norte da Itália, Irlanda e Grã-Bretanha.

No mais e por toda a parte, a inspiração vinha do oriente e de tal modo, que os liturgistas de agora, ao pretenderem actualizar a liturgia gaulesa, em França, não acodem para os casos omisos à chamada liturgia galoromana, mas... à oriental!

Não se admire o leitor: tanto em Espanha como em França, vai um trabalho notável em ordem a restaurar a velhíssima — e riquíssima — liturgia primitiva da Igreja que é a Gaulesa e a Hispânica. Braga é que, acaso por ter tudo prontinho só lhe bastando sacudir do texto milenário a ganga do galoromano que o Vaticano II já banhiu, é que ainda se não decidiu a fazê-lo e é pena.

Finalmente: há provas

12-43

O, Poderes do Papa e os Valores do Vaticano - (e não só)

por António Baptista da Silva

Virmos tratando do Primado de Pedro. Ainda o não acabamos. A sua importância é de tal ordem que merece que mais se esclareça, o que já se confirmou com bastantes textos da Sagrada Escritura.

O Exmo. Sr. Dr. Francisco de Almeida que, quanto a mim e como já o disse, o considero o melhor de todos os colaboradores do Cardeal, escreveu neste mesmo jornal três artigos que merecem profunda meditação, melhor dizendo, deveriam a todos merecerem-na. Um deles é sobre o templo a Alá, em Lisboa, publicado no n.º 2967, de 7-5-82. Em relação a Cristo e Maomé, em certa altura escreve: «Diferenças: Maomé é mais novo que Cristo quase 600 anos; deu-se

Card. Soc. 13.7.84

PONTOS DE VISTA

(Continuação da 1.ª página)

baptizassem, etc. Foi exactamente o contrário que Cristo mandou fazer e é por isso que nem 50% do Mundo é ainda baptizado». Depois de algumas perfeitíssimas considerações e factos históricos, faz diversas conclusões. Das 16, não posso resistir à transcrição de algumas, pois de certo muitos leitores poderão não ter reparado ou extraviado os jornais. Nem todos fazem colecção, como deveriam fazer, pois o Cardeal traz, quase sempre, coisas nas quais penso bastante se deveria reflectir. «Con-

clusões: os árabes copiaram os padres cristãos e fizeram os chamados Ulemás; copiaram os fundamentos da crença; copiaram o que chamamos Igreja — a que chamam Comunidade dos Crentes (dito livro, pag. 12). Referem-se ao livro O Islamismo, em referência à vide Maomé. Já antes havia descrito «se lerem a Bíblia, hão-de ver que lá se diz que foi Deus quem mandou escrever. Ora os Árabes têm a sua «biblia» a que chamam Alcorão — que mais parece, a quem o ler, um Diário de Maomé que outra coisa». Voltando às referidas conclusões, le-se, na 6.ª: «falta-lhes uma autoridade central, um «papa». E continua: «reconhecem que muito do que crêem (ou as massas islâmicas crêem) é superstição (pg 39); não sabem o que é de conservar e o que é de desprezar (como se o que vem de Deus se pudesse abandonar; ou sabem que não vem de Deus o que Maomé disse ou se lhe atribue? Há Muçulmanos onde o governo é islâmico (impõe o credo de Maomé à força) e islamizados, não mais abandonam tal doutrina (no Afeganistão há 99% de Muçulmanos)».

Não vou comentar nada. Isso daria inúmeras páginas. Mas vê-se já por aqui algo de muitíssimo que se fez e se faz violentando as consciências e por isso e pela alta taxa de analfabetismo de muita daquela «a grande parte pobre gente, para que o número dos islâmicos seja aos muitos milhões (logo a seguir aos Católicos); estes mais de 900 milhões; aqueles cerca de 600. Mas as razões fir-

portante entre todas as demais. Isto foi como que um aparte, já que veio a propósito, visto não imos desenvolver a questão das religiões. Mas quis vincar o exposto por vir da pena illustre donde veio e reforçar, em boa parte, as razões da tese que estou vinculando.

O outro artigo referenciado vem no n.º 2970, de 28-5-82. As estatísticas ali, a serem verdadeiras (não quero com isto contradizê-las), são de pascar. Verifica-se, se assim for, como tantos e tantos portugueses caminham a passos largos para a perdição. E que pena, quando há tantos meios para assim não ser! Denotre todas as respostas, a que mais me preocupou foi a que se refere aos números tão elevados dos que não vão à Missa e se não confessam, pelo menos uma vez por ano. É que qualquer destas faltas, leva à condenação eterna. É a doutrina da Santa Igreja e por isso, católicos assim, enganam-se a si próprios, pois arriscam a salvação, como os demais que não são católicos ou são descrentes.

Card. Soc. 13.7.84 (Continua)

12-44

Algumas notas sobre o tema -- Religiosas

por Francisco de Almeida

1

Os nossos leitores apreciaram por certo os *Factos e Retalhos Históricos*, de Albano Sordo, em o Cardeal de 20 de Janeiro. Escrevo a 24 Evidente é que se trata de história muito local — a referente à Correlhã, freguesia que só conheço de passagem. Muito falada essa terra: até Alberto Sampaio a traz em *As Vilas do Norte de Portugal*, obra reeditada em 1979.

Ora bem: eu e os leitores de o Cardeal agradeceríamos muito a Sordo se demonstrasse, ligeiramente que fosse, quanto vai afirmando, por exemplo: onde pára o texto da escritura pela qual Compostela vendeu a Correlhã ao Duque e o decreto que fez dela Colegiada. Estarão na tese do P.º Dr. José Marques, de Braga, que agora se doutorou? É que ainda a não possuo.

2

Esse conto fez-me recordar os seguintes em Barcelos: Manhente, Palme, Vilar, Várzea, todos a menos que 5 quilómetros da cidade. O couto era, só, o mesmo que comarca, área judicial. E antes de ser couto, já era área monacal. Significa isto que D. Teresa ou D. Afonso Henriques se serviram da estrutura religiosa plantada na Correlhã para a usar como poder judicial, assim pondo à disposição dos povos da área justiça pronta, séria e gratuita ou quase gratuita, o que hoje se não consegue obter.

Mas justiça nas mãos de homens. Só às vezes o couto foi de religiosas.

84 pgs - 3 Card. Saz 17/12

Aconteceu-me ter visto aí um livro com este título: *A Mulher Eclesial*. Num jornal barcelense, relatava-se há tempos que os de Alheira, ali a sul de Sandiães, prestaram homenagem graúda ao falecido pároco, que os servira durante uns 30 anos. E esta curiosi-

dade: no tempo do falecido pároco, nada menos que 24 raparigas alheirenses se fizeram freiras, religiosas, número maior que o dos religiosos que viveram, alguma vez, na Cor-

relhã. Tudo isto misturado, me levou a procurar notícias sobre isso de ser religiosa. Alguns leitores hão-de dizer que é disparate tratar isso aqui, mas eu acho que o tema interessará a larga percentagem dos leitores e leitoras limianos e aí vão as tais notas. Até porque, na nossa acanhada e sectária cultura, as freiras têm sido assunto tabú, proibido, fora de moda.

4

Pensei eu: a mulher eclesial não é o mesmo que a mulher crente ou a mulher cristã ou a mulher católica ou a feminista ou a abortista (e noto que no Cardeal se teve medo de falar do aborto) ou a descrente. O autor do livro é um tal Thomas Dubay — que se assina como pertencente ao Russel College, na Califórnia (América). Parece que o autor entende que as religiosas americanas andam um tanto modernas demais e pretende mostrar que tal modernismo é disparate, face às Escrituras. Por isso sustenta que a freira é uma Mulher Sagrada. E também uma Militante (a favor dos assuntos de Deus), uma Mulher não dividida em seu coração (ao contrário da casada, presa ao marido e filhos), uma mulher disponível, livre, que pode ser mandada servir o povo quer em Ponte quer no Rio de Janeiro ou no Japão.

5

Já lhes tenho falado na Revista Além Mar e outras. De-las recolhi que no ano de 1980, as religiosas que há no Mundo (católicas, pois também as há protestantes e ortodoxas) somam 1 milhão (mil vezes mil) menos pouco. Por sinal, não sei quantas são as portuguesas, nem sequer as barcelen-

ses ou limianas, mas sei que as italianas são quase 150 mil, as austríacas 10 mil e as polacas quase 26 mil. Mais: em todas as nações livres há religiosas católicas, mesmo em Angola e em Moçambique, pre-tinhas, claro. Uma célebre: a Madre Teresa de Calcutá (in-

Algumas notas sobre o tema -- Religiosas

(Continuação da 8.ª página)

dia Oriental), que é de naturalidade jugoslava (reparem nisso).

O texto que o autor da *Mulher Eclesial* cita são palavras de Cristo, dos Apóstolos, dos Salmos, por exemplo, estes: — se alguém quer vir para o meu lado, renuncie a si próprio; quem trabalhar comigo terá a paga de 100 por 1; quem quiser passar acima da honestidade vulgar, desfaça-se dos haveres que tenha e seja como Eu: sem bens, sem consorte, obediente em tudo a Deus.

Ainda hoje estas opções, vitais e radicais, são tomadas.

Parece impossível, neste ambiente que temos, haver quem decida renunciar a tudo para ser só isso — uma religiosa. Fico hoje aqui, mas vou continuar noutro dia. Sem querer produzir um tratado, algo mais deva dizer-se de a Religiosa.

Anos de 1500

Ao dizer «Cadastrros» re-
firo-me aos afamados Tom-
bos dos bens paroquiais, qua-
se todos feitos há 400 anos.
Ao dizer «nossas freguesias»,
reporto-me a todas as per-
tencentes ao arcebispo de
Braga, hoje mais reduzido
em área que ontem, pois ela
se repartiu nos bispados de
Bragança e o de Vila Real e,
há pouco, o de Viana.

Vem este tema a propósi-
to de duas monografias re-
centes: a de Cabeçudos e a
de Antas, ambas sitas no aro
de Famalicão. De uma e de
outra se faz apreciação no
Notícias de Famalicão de há
cerca de um ano. O Autor
ilustrado, da de Cabeçudos
ripostou por lhe falarem em
mais documentos.

Felizmente, as freguesias
estão a acordar: para reco-
lha dos seus documentos (ou
a elas referentes) para os
monumentos lá situados, etc.
Se perguntarem numa fre-
guesia: — Que se sabe desta
terra e desta gente nos anos
de 1500, por exemplo, fica-
rão todos mudos, abades in-
clusive: salvo alguns.
Mas já não é assim numa

Cabeçudos, na dita Antas, na
Ucha ou a Pousa ou Galegos
ou Salvador do Campo ou Vi-
la Seca, todas barcelenses —
porque elaboraram sua mo-
nografia. A mais curta é a
de Galegos; as da Pousa e
Ucha e Vila Seca, todas
anunciadas em O Cávado,
são enormes.

A maioria delas é do pu-
lho de briosos párocos. Isto
significa que era útil insti-
tuir um curso, mensal que
fosse, nos Seminários, sobre
a História das freguesias
(paróquias): o que já se fez,
como fizeram a monografia,
o que devia ter e não tem
ou traz e não deviam trazer...
isso é hoje um trabalho de al-
to valor pastoral, suponho,
porque traz à luz do dia as ra-
ões da nossa gente — que
tem de duas sementes: a hu-
mana e a evangélica, conju-
gação desde a pia da igreja.
El está-se a esquecer que os
antepassados foram gente
por terem essa duas compo-
nentes, que não só uma, co-
mo a secularização agora
pretende.

Estou errado? Mostrem-

mo. CV 15/3/84
Um caso de estudo de
ombos criou-o o falecido e
brilhante famalicense, de
Joanê, como o cónego Rodri-
go ou o Padre Américo,
Padre Benjamim Salgado.
Criou-o a pedido do gabinete
do Vale do Rio Ave, do En-
genheiro Ribeiro dos Santos.

Não foi publicado, supo-
nho, mas só dactilografado,
em 23 páginas, encadernadas,
e isto feito em Riba D'Ave,
Fevereiro-1976. O exemplar
que possuo veio-o do próprio
autor a pedido meu.

É muita pena se nem
«S. Tiago de Antas» nem a
Câmara de Famalicão publi-
carem esse trabalho, cuja tí-
tulo é O Tombo da Igreja de
S. Tiago de Antas de 20 de
Setembro de 1555.

Está identificado. Não
concordo com tudo o aí afir-
mado pelo Autor, sem prejuí-
zo do mérito da abordagem
que praticou.

São nele referidos bens
da de Antas situados em fre-
guesias vizinhas, a saber: en-
mas o dito é já demais, pelo
que me fico por aqui. Sirva
este de homenagem a Ben-
jamim Salgado.

Acácio Torres

Gavião, Santo Adrião (Vila),
Outiz, Arnoso, Rebordões,
Cabeçudos (Casal de Sequei-
ros e Quebrada de Transfon-
tão», Ribeirão, Bougado,
Brufe, na antiga Gemunde,
Calendário, Mouquim, Louro
e Maia, pelo menos. Pena o
trabalho não trazer um mapa
desses povoados (nem eu o
sei fazer).

Ora nem a monografia de
Antas nem a de Cabeçudos
repararam nesta fonte para
a história de cada uma. Há
muito que publicar, já sei.
Mas onde pára o texto origi-
nal deste Tombo? Decerto,
como para Galegos, no Ar-
quivo de Braga. Mas como
foi parar a cópia de 1555, e
também a de 1795 (pgs. 5)
ao Arquivo da Câmara?

Do facto, o Dr. Baltasar
Alvares, lá referido, já apa-
rece a dar sentença para os
de Galegos, em 1542.

Falta confrontar este, das
do, em dois a três anos, lê-se
bem tudo.

Onde pára a escritura do
ano 1362, que o trabalho re-
fere?

Esse texto, os textos,
preçam de sair do buraco
pá a luz do dia.

A Não disse o que queria

Antas, com os tombos das
referidas nele (Gavião, etc.).
Não acredito por nada que
Antas fosse (mosteiro foi)
dos Cruzios. Se fora dos
cruzios, os bens iriam cair
— e não foram — em Santa
Cruz de Coimbra; se fora de
Templários, tinham caído na
Ordem de Cristo; se fossem
dos Hospitalários conserva-
vam-se como Leça do Balio,
até 1834.

Falta ver onde param as
escrituras ou sucessivos afo-
ramentos (cerca de 120 anos
cada, 3 vidas) de cada casal.
E as Cartas de Vedoria
(avaliação) antes de cada
novo aforamento.

Galegos tem processos
que correram no Tribunal de
Barcelos, uns, e outros no
Tribunal da Cúria diocesana
em que aparecem escrituras
de aforamentos, cartas de
Vedorias, escrituras de sub-
—enfitense, etc.

Por se tratar de sagrado,
aquilo era religiosamente pe-
neirado e a pente fino. A
abordagem do das Antas não
vai tão longe. CV 15/3/84

Que dizem os arquivos
paroquiais das Antas e Ga-
vião, etc..

O abade da de Salvador
do Campo, que referi atrás,
relata que demorou tempos,
mas leu o arquivo paroquial
todo. Mesm~~o~~ se bem rechea-

PARA A HISTÓRIA DOS LIMIANOS

Foi Rebordões uma Paróquia Sueva?

por Francisco de Almeida

①

Em 1968, o Dr. Almeida Fernandes publicou um livro sobre as famosas paróquias do tempo dos Suevos.

Parece-me útil para a nossa investigação local falar da vossa freguesia de Rebordões e pelas razões que passo a expor.

Num jornal, de Braga, A. Luís Vaz, melgacense muito culto e sacerdote, a cada passo se debruça sobre o Rito Bracarense. Ainda agora, 2/2/84, sustentava que no mundialmente conhecido Missal de Mateus, confeccionado pelos anos 1000, há textos que remontam aos anos 101 até 299. E é isto que me intriga e vem ligar-se à Rebordões limiana.

Card. Soc. ② 4/16/3/84

Para apreciar melhor a ligação de Braga a Rebordões (e ao livro supra), preciso era catalogar, ano por ano, o que neste Minho e arredores aconteceu pelo menos até à invasão dos Suevos na Galiza e Minho.

Sumariamente, tais factos são estes: ano 26 antes de Cristo — Augusto, general e depois imperador de Roma — acaba a pacificação dos rebeldes de cá (eram temerosos); 60 anos depois — 33 da era de Cristo, começa o Cristianismo a ser seguido por gente não judaica; 42 — talvez Santiago por estes lados — é o tempo do escritor pagão, Tácito; após 45 aparece o apóstolo Tomé entre os Indianos e Paulo percorre meio Mundo (Ásia Menor, Grécia) escrevendo depois, aos convertidos, suas cartas; em 67, Pedro e Paulo são assassinados — é o tempo do filósofo Séneca; em 81 é imperador Dominiciano, outro algoz; João, apóstolo, escreveu o célebre Apocalipse, este em 95, até que no ano 100 morre. E esgotado está o 1.º Século. Seguem-se os escritores que aprenderam com os

Apóstolos: Papias, Justino a combater Trifão (ano 153) e Frontão (ano 156), o imperador das vias romanas cá (Antonino, 161) e Celso (167), o hereje Montano (172), Ireneu, bispo do sul da França, a escrever (180), matam uns tantos em Lião (França), ano 177 e temos esgotado o 2.º Século. E neste século, Braga já tinha cristãos a escrever, como Vaz sustenta? Do ano 200 ao de 409 (Suevos) ainda há 209 anos, tempo para muita coisa.

③

Mas se se demonstrar que os bracarenses já escreviam textos (ou escolhiam os bíblicos e só, como Vaz diz) nos anos 101 até antes do ano 300, então também é impossível que não houvesse núcleos de cristãos — pequenos que fossem — em todas e cada uma das terras que hoje são freguesias limianas. Ora é exactamente de que houvesse tais crentes pelas aldeias aquilo de que não temos provas: documentos ou pedras. Como assim?

Se algum leitor for ver a História do Cristianismo, Minhoto, portuguesa ou geral, esbarra com isto provado: nos anos 250 (perseguição de Dácio) apostataram (é o medo) o bispo de Leão — Astorga, aqui perto de nós, e um do sul, Mérida. Nessa época, Braga, centro tão grande e culto, não tinha bispo? De todo o Minho e Galiza só havia bispo em Astorga e Leão, logo tão perto uma da outra? Mais: o bispo de Leão — Astorga já sabia apelar para Roma, apelou e ganhou. Os leigos e outros refilaram e em 254, já o metropolitano das Áfricas, Cipriano, reunia em concílio seus 30 e tantos bispos — também por causa do caso Astorga. Então a África já tinha tantos bispos e no nosso Minho nem bispado havia? É certo que na Vida de S. Frutuoso se diz que este (anos 650) se queixava de que

este Ocidente andava atrasado,

④

Como se explica então haver por cá um tal Prisciliano, já professor de Eloquência, nos anos 350? (ver Miguel Oliveira — Ha Ecl., 4.ª ed. p. 19). E que no sul, Elvira, já fizessem sínodo de bispos pelos anos 300? Porque foi que, se Braga tinha bispo, ele não foi ao sínodo de Saragoça (perto) do ano 380? Por ser priscilianista, hereje, e não lhe interessar? Mas ao de Toledo, ano 400, o de Braga já foi, embora objurando Prisciliano.

Parece assim impossível que o 1.º bispo da nossa região tenha sido o que foi a Toledo, de nome Paterno.

⑤

Nós sabemos, mais ou menos, a lista dos reis suevos que cá governaram. Se as famosas paróquias bracarenses só datam do tempo dos Suevos, então só datam de um dos anos entre 409 e 585 (acabou o reino suevo). Mas como entender um bispo no ano 400 sem ter paróquias e seus reitores (dirigentes, mestres, párocos)? Posso sustentar que cada uma das paróquias ditas suevicas, era nada menos que uma Missão — território e sua gente — como ainda hoje em Angola, às vezes com 50 e mais quilómetros de raio e mais de 100 mil pessoas. De facto, o Dr. Almeida Fernandes dá-nos estas localizações para 4 das tais paróquias Suevas: 1 a Sul de Barcelos (Pereira), 1 em Rebordões (Ponte), 1 em Valbom (Vila Verde) e a maior em Braga (a Sé).

Conclusão

Se Rebordões foi de facto sede de missão cristã, porque é que a escolheram a ela? Suspeito muito de que as paróquias como Rebordões são mais que 200 anos anteriores ao ano 409.

Logo Rebordões era centro cristão pelos anos 200 da nossa era, quer dizer: há 1780 anos! Honra lhe seja.

Rito bracarense

Meu querido Dr. Francisco de Almeida:

Foi para mim grata surpresa a sua presença amiga no último n.º deste jornal e sobre o tema em epígrafe. Tal presença nem sequer é de estranhar em quem está dentro dos problemas históricos e de quanto devemos — este Portugal que somos... — ao passado, à enorme carga catequética dos nossos textos litúrgicos, à massa anónima e rica de tantos princípios, decisões e normas que nos moldaram e fizeram de nós aquilo que somos. 29/3/84

Quer saber se posso demonstrar que Roma teve de vir a Braga buscar o argumento de tradição para provar que esta sempre admitira e acreditara na assunção da SS. Virgem. Já o demonstrei em «O Culto da Mulher em Portugal», mas espero repeti-lo no próximo n.º, se Deus quiser. É que hoje gostaria de lhe comunicar um texto importantíssimo, que é natural desconheça, mas do maior interesse para quantos defendem com entusiasmo a nossa liturgia milenária. Veio na revista «Acção Católica», da diocese, vol. LVIII, Janeiro/Abril de 1983 e é do teor seguinte. CV. 29/3/84

O Prefeito da S. Congregação para os bispos agradece e comenta o relatório sobre a Arquidiocese de Braga,

pois, que um aprofundado estudo do rito Bracarense e um paciente trabalho de formação tanto no Seminário como nas paróquias tenha como êxito a criação de uma consciência sempre mais viva do sentido e da importância litúrgica da Igreja local».

Felicito-o e felicito-me porque estamos no bom caminho. Roma aplaude e lou-

va o nosso entusiasmo e a nossa dedicação ao velho rito milenário. Como sempre, é ela, a guardiã da Tradição e da Fé que mais defende esta riquíssima elaboração litúrgica de Braga ao longo dos séculos.

Até à próxima, se Deus quiser.

A. Luís Vaz

entregue pelo Sr. Arcebispo Primaz a quando da visita *ad Sacra Limina* e, em resposta, entre outras coisas, S. E. escreve o seguinte:

«Uma palavra de apoio e de estímulo ainda às iniciativas já tomadas ou ainda por tomar no que diz respeito à conservação e propagação do venerável rito Bracarense, próprio dessa Igreja. O Concílio Vaticano II não deixou de afirmar a importância de tais expressões rituais: «A Santa Madre Igreja considera iguais em direitos e honra todos os ritos legitimamente reconhecidos, quer que se mantenham e sejam promovidos em todas as formas, e deseja que, onde for necessário, sejam prudente e integralmente revistos no espírito da sua tradição e lhes seja dado novo vigor, de acordo com as circunstâncias e necessidades do nosso tempo» (*Sacrosanctum Concilium*, 4). É de se desejar,

XII 49

Rito bracarense

(Conclusão da 3.ª pág.)

Atenas e os do Cairo e os de Madastra (Índia) em Londres — decerto porque lá andaram a estudar o orientalismo que o livro descreve.

Ora: que isolamento é este, nosso, português, que não andamos a par do que se descobre sobre nossos irmãos a leste de Roma? Ensina o Autor isto, curioso, pelo menos, embora não seja de advogar:

— a) «o clero paroquial (na Bulgária) é eleito pelos seus paroquianos»; — b) cada nação é sua igreja cristã, autónoma face a qualquer autoridade eclesiástica, mas porque a unidade é precisa, reúnem-se 14 autónomas em uma Federação (as de rito derivado do de Bizâncio, hoje Istambul); c) que afinal Lenine não foi o 1.º a subordinar o episcopado russo (como hoje na China) ao poder estadual: é que já o Czar (imperador) Pedro o Grande, o tinha feito pelos anos 1700 — e durou até 1917; — d) que o Autor reconhece que Roma e os Ortodoxos estão hoje mais aproximados do que nunca o estiveram desde há 1000 anos (cisma dos orientais) e isso derivado, também, do facto de muitos russos terem fugido aos comunistas e passado a viver na França, na Inglaterra e na América: e a conversar com os Ocidentais (nós).

A falar é que «a gente se entende». Todavia, não oiço nunca por cá nem rezar pe-

los Orientais nem sequer falar de como vivem sua adesão ao Cristo, nosso e deles:

— e) que, falando da Missa deles, a que chamamos «a sagrada comunhão», aflora os ritos (modos) que seguem — e com isto o Bracarense deve ter afinidades: 1) Rito Jacobita; 2) Rito da Caldeia (ou sírio oriental); 3) Rito Copta e etíope; 4) Rito Arménio. 5) Rito bizantino (que é o da Jugoslávia à Rússia).

E diz depois: os etíopes têm 17 variantes de missa, os caldeus — 3 variantes, os coptas do Egipto — só 3 variantes, os Arménios — 1 só rito que combina com o bizantino de S. João Crisóstomo e o de S. João, os bizantinos têm 4 variantes (Crisóstomo, S. Basílio, S. Gregório de Roma e S. João, o Apóstolo. Mas os jacobitas, para certa fase da missa, aplicam umas 70 variantes.

De que depende tudo isto? Da psicologia dos povos e da tradição de cada povo (sua história, eles dizem seus cânones). Recusam alterar nada nas liturgias deles, honra lhes seja. E tanto que a Revista Além Mar de Março/84 informa que na Índia há católicos (já tem 110 dioceses) de 3 ritos (um é o romano, latino).

Ora para o nosso rito, bracarense: vejo que é mariano — como os dos orientais o são; suspeito que, via Martinho de Braga, o bracarense terá bastantes de Constantinopla ou do Copta (Alexandria)

da Síria. Quero dizer: lamento que entre nós se não façam mais escavações no bracarense para o comparar com os orientais (ortodoxos) referidos: nem nas Universidades civis (Lisboa, Coimbra, etc.) nem na Católica. Onde: maior mérito ainda para o esforço do Sr. Cón. Vaz. O meu voto: que tenha discípulos.

Acácio Torres

C. Sax - 6.4.84

por Francisco de Almeida

Disse «meus» e vai parecer vaidade. Mesmo assim, digo meus: porque me parece que cada Colaborador do «Cardinal» tem necessariamente em filhos de tantas mães, um grupo de assinantes que prefere ler A e o outro, B, etc. Ora não conheço nem de nome os meus. Isto é que é riqueza: ter e não saber quais nem quantos!

Ora bem. Vi num jornal de Barcelos a Carta de um Emigrante: queixava-se de que por cá, alguns os tratam mal. Não fazem isso. Nem os emigrantes venham para a aldeia — e as estradas de Portugal — arrotar o que não têm nem são. Mas é verdade que onde trabalham, geralmente os estimam, o que significa: levam longe o nome honrado de Portugal. E não queiram pensar que eles têm obrigação de vir ricos, não senhor. Emigrante sou eu e de modo algum sinto obrigação de ser ou parecer rico quando vou à minha aldeia. Não raro o emigrante luta com dificuldades maiores do que aqueles que da aldeia não precisaram de sair. É por isso que, salvo erro desde o bom Papa João, se passou a dar maior atenção aos emigrantes — são de facto, exilados.

(Continuação da 1.ª página)

Ossos, em Évora, que são pelos prodígios que fez é que Cristo demonstrou ser Todo Poderoso: porque só Deus sabe os segredos de cada pessoa — e Cristo provou que sabia; só Deus pode fazer um cego-nato ver e Ele fez diversos verem, etc. Pois os doutores lusitanos chamaram-lhe hereje e ele defendeu-se com aquela Apologia, em Latim, mas o livro tem a tradução em Português. Os curiosos vejam a Apologia que vale pena e diz-lhes mais do que eu poderia dizer aqui.

Outro livro novo: a História de Espanha de 1344, volume. É falado do por Menendez Pidal nos seus Estudos (famosos) acerca da falada Crónica General de Espanha. Um dos autores desta (anos 1280) escrevia assim: como dizia o arcebispo por Toladino — refere-se ao arcebispo de Toladino que, contra o de Braga, tenta ser o Primaz, primeiro, bispo que houve na Península Ibérica — e não se consegue determinar qual é a 1.ª, se Toledo, se Braga ou outra Sé. A Crónica de 1344 é de autor português.

Um jornal de Vila Verde traz a carta de um leitor a falar do aborto e refere que sua mãe, agora de 83 anos, era tão doente que o médico lhe propôs abortar para evitar morrer, ela recusou. O miúdo nasceu e ela não morreu. Assina a tal carta com o filho que a escreveu. E se a avó ou a mãe de Mário Soares tivessem feito aborto? Não o tinhamos hoje a 1.º Ministro e Portugal poderia estar melhor. Ou pior. Meditem nisto porque nenhuma abortista ficará sem castigo, que a lei de Cristo é Não Mates.

Por falar no 1.º Ministro: não acho de entender porque é que quis ele fazer visita ao Santo Padre. Pior porque logo depois de fazer aprovar casos de aborto contra o ensino

do Papa. Essa visita deu e lhe dar que falar. Acho que, Mário Soares se prejudicou muito com isto. O Papa agora. Será que não soube resistir à teia de estúpidos ou mal intencionados conselheiros dele? E que casos queria ele tratar com sua Santidade? Quem souber que o diga.

Do Papa: vi no jornal Missões Franciscanas, de uma assinante alienígena, que os bispos e o governo da Coreia do Sul convidaram Sua Santidade a ir lá. Vai em Maio próximo. Em Junho, mesmo jornal, vai visitar o povo da Suíça. Se pudessem dar-lhes-lhe umas tintas do que é esse grande povo coreano, tanto pela Etnologia como por outras bandas. Só isto: fez em 1983, 200 anos que começou a haver católicos na Coreia. Só há 200 anos, apesar de o vossó Padre Barros, de que falei acima, ter andado a pregar por aquelas bandas, há já 400 anos. Do que é a Suíça já os leitores saberão o bastante.

A justiça que temos: em Lisboa há um juízo onde pendem processos por julgar dos anos de 69, 70, 71, e por aí fora. Mas se um trabalhador pedisse em 70, 40 contos, e em 84 lhe derem razão, quanto valiam agora os 40 contos de 70? 400 contos? Mas só leva 40. E aqui está como a falta de juizes (temos menos que 50% dos de uma Alemanha e nem sempre bem pagos) se traduz em ferrugem para os dinheiros do operário. Quem põe cobro nisto?

72-50

Sare. 7.4.84

1—Foi há 3 anos que salu um grande livro que honra a cultura portuguesa: chama-se Apologia, escreveu-o Álvaro Gomes em 1543, mas o manuscrito dormiu até 81 o sono dos justos, numa biblioteca da Itália. Como lá foi parar é que ninguém sabe. O Doutor Álvaro era um lisboeta que foi estudar para a Espanha, e depois a França, à custa da Coroa, rei D. João III. Nesse tempo, conta o livro, para alguém ser Mestre, Catedrático, Doutor, em Teologia, por exemplo, exigiam-lhe nada menos que 9 anos de estudo universitário. Será por isso que, na Apologia, o Dr. Álvaro mostra ter lido e meditado tantos escritos antigos: São Cipriano de Cartago, S. Cirilo da Turquia, S. Clemente do Egipto, Santo Hilário da França, S. Fulgêncio da Espanha, etc.. Doutorado, o rei mandou-o regressar a Évora, onde

o rei vivia. Já viram em Évora o famoso Palácio de D. Manuel ou o riquíssimo convento dos bois (os nossos, de Vilar), hoje pousada? *Lois*

2—Nesse tempo, pelo que se vê da Apologia, era uso haver sermões de arromba, durante a Quaresma. Ora a igreja mais perto do Palácio do rei era a dos Franciscanos (a da Capela dos Ossos). Que faz D. João III? Mandou ao Padre Álvaro que preparasse um sermão para iniciar a Quaresma, a pregar em S. Francisco. Obedeceu, pregou e nunca mais teve sossego na vida—um desastre! O rapaz só tinha 27 anos, um tanto verde, e deu em sustentar no púlpito a teoria,—tese, com que se doutorou: respondeu um dia inteiro às objecções de 32 Mestres teólogos da mais célebre universidade do Mundo que era Paris: a Sorbonne, ainda hoje muito «badalada».

(Continua na quarta página)

Concluo que os teólogos de agora são como os juristas: sabem as teorias, de Direito e da Teologia, mas não leram, uns, as leis e outros, a Bíblia. Tal não se dava com o Dr. Álvaro. Mais: lendo-se São Cipriano e outros, antigos, vê-se que o sermão deles falava, exclusivamente, conjugando passos da Escritura uns com os outros, por exemplo, para provar aos que ouviam que aquele Homem, ali com aquela Cruz, pelo que sofre mostra que é carne como nós, mas pelo que sabe do que tu estás a pensar, é Deus: porque nem o diabo, graças a Deus, sabe o que eu penso se eu não falar.

E aqui está como os nossos Passos entroncam no sermão de 1537.

UM SERMÃO DA QUARESM

(Continuação da página 1)

A tese, resumida: só pelos milagres que fez é que Jesus demonstrou ser Deus—logo, o Velho Testamento, só por si, não basta para provar que o Filho de Maria é Deus. *Sare. 7.4.84*

Saibam agora o resultado: foram acusá-lo à Inquisição e dizer ao Rei que o seu boieiro era um herejezito. Naquele tempo uma fama dessas podia custar o pescoço a um sujeito. Ai meu Dr. Álvaro, no vespertino que te meteste! Pregar na aldeia poucos censores tem, mas aos da Semana Santa em Braga, vão de longes terras muitos doutores ouvi-los. Era bonito, diziam. Mas se esses doutores fossem doutores teólogos como os de Évora em 1537, se calhar o bonito dava em desgosto por acharem a doutrina que se pregou errada.

3—Para se defender é que Álvaro escreveu esta Apologia, defesa de si. Aconteceu que o Nú-

cio a quem a ofereceu e pediu que a publicasse, afinal não quis fazê-lo e lá foram os papéis para Veneza. O Núncio teria razão: Luteró já tinha morrido em 42; os Mestres de Salamanca já tinham votado que o Dr. Álvaro estava certo: não era hereje.

4—Uma tese como a de Álvaro, à 1.ª vista, nada interessa em 1984. Só por ignorância é que surge tal desinteresse. Porque, se os judeus os declarou Cristo de sem perdão, ao recusarem admitir que Ele era Deus, que perdão há-de ter os incrédulos de 1984? A mim não me admira que os chefes do Estado de Israel não creiam, mas já não sei porque será que os homens e mulheres daquele povo (operários e assim) não crêem.

Claro que é problema dos descrentes não crerem; mas não só porque estão dispostos a tramar os que creram e aqui começa o caso a ter reflexos tanto sociais

como políticos. Por alguma coisa os reis de Portugal não queriam o povo dividido em 2 credos.

Não li a Apologia se não aqui e além. Bem escrita, mas de um modo que hoje se não faria: eu uso escrever por números, partes, etc.. Ele, tudo seguido, para mais, em Latim. O livro vem também em Português. *7/4/84*

5—É admirável nisto: transcrever passos e passos, de tantos autores (Santo Agostinho e outros) desde os anos 100 até ao de 1500, em abono do que diz.

Nenhum juiz, hoje, transcreve um milésimo dos autores em abono da sua sentença. É pena mas é também impossível, face ao volume (milhares, em Lisboa) de casos a resolver. Pior quando se entra num juízo com processos de 69, 70, 71 e por aí fora, sem sentenças. Concluo que os teólogos de agora são como os juristas: sabem as teorias, de Direito e da Teologia, mas não leram, uns, as leis e outros, a Bíblia. Tal não se dava com o Dr. Álvaro. Mais: lendo-se São Cipriano e outros, antigos, vê-se que o sermão deles falava, exclusivamente, conjugando passos da Escritura uns com os outros, por exemplo, para provar aos que ouviam que aquele Homem, ali com aquela Cruz, pelo que sofre mostra que é carne como nós, mas pelo que sabe do que tu estás a pensar, é Deus: porque nem o diabo, graças a Deus, sabe o que eu penso se eu não falar.

E aqui está como os nossos Passos entroncam no sermão de 1537.

7-4-1984

DE 1537

72-5.1

Oponno-me au Holary

O Cávado de 15-34 vai no 5.º artigo em defesa do Rotary. Mas se a defesa precisa de ser tão grande, grande foi o ataque:

Pergunto-me então: ataquem de quem, quem é esse maroto? E depois: — qual o conteúdo desse ataque? Isto porque saiu há tempos um livro estadual e que põe em letra redonda o que outro atacado escreveu pelos anos de 1540. Era o Dr. Álvaro Gomes, alfacinha, a defesa não é na Varanda de S. Bento, mas numa Apologia, os atacantes foram os que o Dr. Álvaro chama de ignorantes lusitanos e o ataque consistiu em chamar-lhe hereje.

Pelos vistos, os atacantes vir ao Cávado dizer isso do Rotary são muita gente! mesmo: que fica agradecido O censurado ao Rotary é ser por o sr. Benigno da Cruz ser

benigno com tão afincada de-
fesa.

Só que me parece que poucos leitores de «O Câ-vado» hão-de ser rotaristas. Ora os que são do club, exactamente porque o são, não precisam que lho defendam. E os que rotários não são, não hão-de ter paciência para se debruçar sobre «A Maçonaria e o rotary».

O que eu tenho visto do rotary é o que vem nos jornais, por exemplo: foi nomeado governador rotário do distrito 183 o sr. M. F. de F. — o Dr. Saraiva, o Dr. tal. Também os oiço dizer — e um clube já me respondeu certa vez — que são neutros segundo os ideais — rotários

[Conclui na Pág. 7]

—do fundador, parece que americano, F. de tal.

Ora bem: eu não acredito, não creio, em tal mentalidade. E não me leve o sr. Benigno da Cruz a mal: é que sou um tudo nada céptico, como me ensinou o vosso Descartes.

É certo que eu tenho visto o rotary da terra X ou Y lutar por esta ou aquela obra boa, mas não vejo que o faça nunca de bico calado (a esquerda sabe sempre o que faz a direita). Do mal, o menos é o dar publicidade até pode estimular para o bem.

Sou dos que defendem que um partido é aquilo que for o chefe e os aderentes — e não o que os estatutos dele rezam. Por exemplo: o de Cunhal é o que ele manda que seja — penso eu — e não o que vem nos cadastros. Assim, na URSS: têm liberdade aqueles a quem o governo não manda para os Gulags, mas não todos aque-

-me ao Rotary

C.V. 12.4.84

des a quem a Constituição soviética a dá (Declara). Em resumo: o rotary é associação como um partido o é. Composto de associados. Se eles forem maçons, o rotary será maçon na sua «práxis» — e logo ateu, jacobino, abor-tista, anti-clerical e o mais que vem de 1834 e 1910 e 1789 e de Voltaire e assim —

Em resumo, resumido: o apesar da proclamada mentalidade no papel — que o povo melhor é deixar que o Rotary seja suas obras boas traduz por «para inglês ver».

De modo que eu, que co-
nheço alguns rotários, sei
que, desses, uns são maçons
e outros, não, e juntam-se
eles num caldeirão como o é
o P.S. onde cabe de tudo:
maçons, submarinos, católi-
cos de rótulo como o cate-
drático de Lisboa que usa
vir corrigir os seus bispos.

Tolerância? Sim, desde que não vão ao bolso dos rotários. E os do Liga dos ateus militantes, tanto da URSS, como da Pólonia ou da Jugoslávia — até nesta ela existe — toleram o que não

Acácio Torres

existe — toleram o que não

Sobre a História dos Cristãos Portugueses

por Francisco de Almeida

Acabo de ler no «Cardeal» de 23 de Março, 3 apontamentos que me pareceram de destacar. São eles: o do Sr. Fonseca Lima — Cabaneiros, os de Vale Loureiro e de Bap. da Silva e o do Dr. João Marcos — Vendilhões. O primeiro, citando o antiquíssimo Pindaro, parece-me que o destrói porque, «se os maldizentes raro ficam sem castigo», então que sucederá a F. Lima que tão de rastos coloca os historiadores? Para mais, sem citar casos que decerto sabe e em que se apoia ao escrever, acusa à direita e à esquerda, adiante e atrás, de sub-opinion makers: acusa-os de conspirar, cochichar, envenenar, valer-se da confusão, ser como ratos no lixo, e egoístas e falsários e ignorantes, retrógrados, sem sonhos, doentes da pinha. Eu até acredito que haja pontelimeses deses. Mas gostava mais de casos que ilustrassem um tão severo juízo, crítico e social. C-508-13/4/84

Os Segundos Autores: acho de grande valor social que se honrem os que o Bem fizeram — e não co-nheci nem ouvi falar do Cônego Correia. Digo já uma opinião e é esta: falta-nos uma história dos cris-

tãos portugueses que os populares possam ler e entender. História assim finha de ser feita a partir de pequenas biografias desses cristãos — dos que deixaram rastos de Bem, para dar exemplo — e dos rastos de mal, para acautelar o futuro. Porque, como sustenta F. Lima, História que não sirva o futuro, é lixo. E agora pergunto: por essas freguesias, que casos houve de bem e de mal-fazer, de «amor e de malizer» que se possam compilar numa monografia da terra? É que quanto de bom temos hoje em cidades, vilas e freguesias, custou — se me não engano — muito pensar, muita corrida, muito dinheiro, aos que isso levantaram: estradas, pontes, edifícios, confrarias, associações (por exemplo bandas de música). E querem saber? — Usamos hoje o que eles deixaram feito sem honrar, nem lembrar, quem o fez.

Portanto, uma história popular teria de incluir o que de Deus, de Jesus Cristo e Sua Madre, dos Santos, dos Homens, deixaram escrito os poetas, os historiadores, os romancistas, portugueses, crentes e descrentes: para os povos terem presentes os

(Continua na 2.ª página)

Sobre a História dos Cristãos Portugueses

(Continuação da 1.ª página)

dois pontos de vista. Ora o de Valle Loureiro é um pedacinho de história de um cristão entre, e a favor, dos mais precisados limianos de quando éramos meninos, segundo diz.

Quanto ao Sr. Baptista da Silva: anoto o que segue: 1.º hoje já não é assim, mas recordo que há 100 anos o nome de Pedro era dos mais frequentes, exactamente porque nunca os povos deste Portugal deixaram de olhar o Pedro de Roma como o boca do Cristo, legado, substituto, capelão ou nome semelhante — ao contrário de muitos povos do Médio Oriente, Europa Central e Balcânica e Rússia; 2.º que o Primado de Pedro (e o Autor sabe-o, mas o artigo pode traí-lo não vem do Vaticano I (1870) e sim desde que Cristo «ascendeu» ao Céu, deixando Pedro e os outros como orfãos (governem-se, mexam-se, mas Eu ajudarei todos os dias). E é por isso que um ortodoxo ou um protestante, culto e sensato, se perguntará a si próprio: mas então, nossos Pais estiveram com o Papa (Primado) até aos anos 1000 e 1500 e só depois é que outros Pais descobriram a Pólvora de que o Primado não tinha o Primado? Como é isto?

O problema é que o passado, os documentos, a práxis antiga, lê-os cada observador actual como o co-ração lhe deseja. E os desejos de cada homem são o que o homem for: as pêras não nascem dos eucaliptos nem os venenos nos bicos das pombas — sim de cobras.

Por fim, dos Vendilhões.

Ora aqui está um Autor que se afadigou na leitura e análise da História portuguesa, tanto cristã como política (quero dizer, profana). Mas os vendilhões expulsos vendiam — pombas e assim, logo comerciantes. Parece-me ser abuso de imaginação chamar a «Igreja em Portugal» de vendilhona. Mais: a Igreja em Portugal não é o bispo de Lisboa ou os restantes 20 e tal: sou eu e os muitos por cento de portugueses católicos. Porque mesmo sem bispos, como a URSS esteve de 18 a 43, havia cristãos e Igrejas Russas. Senão veja-se Zernov em O Cristianismo Oriental — Livraria Arcádia, Lisboa, 1972 — 404 páginas. Ora eu aprovo o que o bispo de Lisboa disse sobre o Dr. Soares. E o problema do aborto é mais, muito mais, um problema de desobedecer a Deus — Não mata-rás — do que social e político. A Igreja não sofreu derrota nenhuma nunca — o que aconteceu foi que homens perversos, como Nero e outros, fofuraram gente honesta. E Afonso Costa, sabe-o o Dr. João Marcos, perdeu a cartada: ele lá foi e a Igreja — meus pais e eu, filho deles, que muito honrados são, cá continuamos. Mesmo na URSS, foi o perseguidor Estaline (e o Dr. Marcos sabe-o) quem repôs os bispos (pelo menos alguns) no sítio deles.

Concluo então que o Dr. João Marcos se equivocou ao chamar-me, e a outros, «Vendilhões do Templo». E estou disposto a provar-lhe que interpretei mal a História Portuguesa e a dos Papas que Roma teve.

12-53

D. Barc. 14/4/84 793

POR
Dr. Francisco de Almeida

Há tempos emprestei a revista Além-Mar e 1 livro. Mandei buscar o livro e veio-me a Além-Mar de Novembro. Não se pode emprestar livro a gente assim, e é pena. Além-Mar, vejo o Correio dos Leitores: — 1) de Faro — Maria: «desejo felicitar-vos, interessante revista»; — 2) de Fafe — João: «é lida, esquecida a um canto. Su-giro uma capa (para fazer 1 livro) que fique na «biblioteca de cada assinante»; — 3) de Vila Real (para nascente do Sameiro) — Maria: «por si, o mandato missionário não requer estudos... (e depois, contradiz-se) é preciso estar

em condições, de aprender linguas» (as dos povos para onde o padre, o irmão, a freira, portugueses, vão). Mas começa: «Que-ridos missionários»; — 4) de Porto — Laura: «a vossa corajosa mis-são»; — 5) de Viana — Porfírio: «devo dizer que gosto muito — é muito positiva e importante, me-rece o nosso carinho»; — 6) de San-ta Maria (conc. de Viana) — An-tónio: «leio-a com muito atenção, fico maravilhado»; — 7) de Torres Vedras (norte, mas perto, de Lis-

Temos uma amostra de todo Portugal. Gente que lê e diz com-sente a Revista, 4 mulheres e homens. Não é nada nos 20 e te-mil assinantes que a Revista ter-Mas é bom passar os olhos pelo depoimentos dos 3 sujeitos e da 4 senhoras ou raparigas. Um at-diz que o de a revista abordar te-mas políticos é que está muito ben-Nos jornais das grande cidade

(Continua na 4.ª página)

tudo, relatório, sobre si próprio: o que foi por exemplo, em 83, que teve a mais e o que lhe faltou. O Correio dos Leitores precisa-se.

Mudando de Rumo

Também é verdade que este apontamento pode ser tomado como a Carta de um Leitor.

Acima tratei dos leitores que só lêem, não escrevem artigos, leitores populares. Outra Carta é a que vi no J. de Barcelos, de 15/3, sobre a Confraria, e livros dela, em Santa Leocádia: livro do ano de 1884. É importante que se guarde. Mas onde param os an-teriores, por exemplo, o dos Es-tatutos que vigoravam em 1750? Há equívoco em pensar que a beneficência referida no de 1884 foi efectiva: diziam aquilo, só para o governo civil ver (e apro-var). Se assim não fora, nem os graúdos nem os abades de Gale-

72-54

Tenho feito por estimular uns quantos a escrever. Sim, mas de- pois ficaram calados. Em resumo: acho que cada um dos nossos jo-r-nais precisa de elaborar um Es-

LEITORES

gos teriam consentido ficar sem escola, lá, até cerca de 1940. O que sublinho é o trabalho de investigação que do livro de 1884 A. P. nos deu. Felicito-o por isso. Outra carta que retive foi a da Lama na Voz do Minho de 17/3, porque diz: «este ano o bi-centenário da Confraria... dos Passos... fundada em 27 de Julho de 1784».

Ora não posso crer que tenha sido fundada (criada) apenas há 200 anos. Cuido que o documen-to de 784 (se é como a Carta da Lama diz) só formalizou o que eu já me propusera: desde quando em Barcelos, desde quando em Manhente e até Galegos (que pa-rece que também teve Passos in illo tempore)?

Um jornal como o Cardeal Sa-raiva (de Ponte) tem vindo a dar relevo ao tema Educação Sexual (problema que a Santa Sé tam-bém já tratou — para deslindar abusos). O tal jornal também lá chapou o que a Novosti (sovié-tica) quis escrever sobre o tema. Só que ninguém me obriga a acre-ditar no dito pela Novosti. E lá na Rússia, os russos também não acreditam no que lhes dão a ler.

Da Nigéria: diz a tal Revista que de 75 para cá, muitos já que-rem ser católicos. Porquê agora? — Que isso passou a ser entre eles, chic, moderno! E vai daí... Até mandam um delegado, cada se-mana, e cada aldeia, à sede da paróquia para aprender de cor a Bíblia e vir depois ensinar os de seu lugar. Em Portugal não se conseguia fazer.

Política nova e real: a do tra-tado de 16/3/84 entre Moçambi-que e a África do Sul. Aquele Machel, seja o que for, mesmo marechal, teve uma coragem de negociar que não é nada vulgar — parvo não o é, e merece para-béns.

A nossa dificuldade agora (do Governo) vai ser a de decidir se faz como a Pintassilgo fez — e não dá asilo político ao comunista Saúde Maria, da Guiné, ou se res-peita mesmo os Direitos Humano-s — e lha dá, como a pedira. Um sarilho maior do que aquele em que se meteu o Sr. bispo de Se-túbal, que os soaristas vão tratar de amigo.

E pronto: para Correio de Lei-tores, bonda.

Para a História de Barcelos

Extractos das M. Paroquiais — 1758

1) S. Martinho de Galegos — Torre do Tombo, Lisboa,
Vol. 17, pág. 27, diz:

É terra pertencente à coroa de... — 150 vizinhos (fogos, uns 600 habitantes), com os lugares de Igreja, Campo, Bouça, Rial, Vilarinho, Baleira (?) de Vilar; 3 altares; tem S. Martinho e Santo António; Senhora da Conceição, irmandade de sobrsino, igreja de concurso, rende 80.000 reis; frutos à Misericórdia de Braga: 180.000 reis. Assinam: Padre João da Silva Coelho (era reitor de Manhente), P. Manuel Francisco, de S. Vicente de Areias (ver minha Galegos) e o reitor P. Luís Pereira da Cunha e Barros.

2) J. Sarc. 26/4/84 GOIOS

Vol. 17, pg. 311. São 2,5 págs. Vigário: João Álvares da Costa, 80 vizinhos, 290 pessoas (com os absentes) (de certo só os de sacramentos), tem 2 capelas, Orago da Expectação, tem Santo Amaro, procissão do Rosário — 1.º Domingo do mês, provide ad nutum do Ordinário com a de Pedra Furada, rende 700.000 reis, 40.000 para o vigário.

3) GINZO

Vol. 17, pg. 271 — 5,5 págs, 32 fogos, 13 casais, 6 viúvos, 14 solteiros, 20 absentes, 11 menores; lugares: Regufe... (ver Galegos), 3 altares, M.º Jesus, Rosário, S. Sebastião, capela de Santo António, rende 12.500 reis e ao todo, 24.000. Serra de Lousado «principia em Santa Maria de Abade... à S.ª da Portela... daí para nascente até ...Alheira e Igreja Nova... depois corre para sul até à freguesia de Galegos onde acabou... Sanuane, Pilar, Santo Amaro de Galegos. Pároco: Melchior Machado do Amaral.

4) GILMONDE

Vol. 17, pg. 255 — 3 págs.

Refere: Casa da Fervença, Cacavelos (ver em Galegos), 83 vizinhos, 305 pessoas de sacramentos, orago da Purificação, 3 altares, M.º Jesus, S. Francisco de Assis, Rosário, Santo António, Senhor dos Aflitos (crucificado), Senhora do Livramento, S. Sebastião, 3 confrarias aprovadas — uma é a do «Santo Nome de Deus a que vulgarmente se chama Sobsino», abade colado por Barcelos, rende 50.000 reis, 4 ermidas ou capelas, o Pilar é administrado por Manuel José de Sousa (de Barcelos); a Fervença: João Rosa Felg. Gaio; Manuel Vasconcelos — homem de letras. O Vigário — Pedro Diogo do Vale.

5) GAMIL

Vol. 17, pg. 53 — 4 págs — 49 fogos, 110 pessoas de sacramentos sendo menores 20; 3 altares, M.º Jesus, S. António, Rosário, S. Sebastião, Confraria do Nome de Deus, do M.º Jesus com 1 só mordomo, é ad nutum, pároco apresentado pelo abade de Pereira. O vigário — João Lopes de Araújo (com os de Goios e Crujeães).

Nota para Gilmonde, V. Frescainha, V. Seca, Milhazes e outras: ver Torre do Tombo — Corporações Religiosas — S. Francisco de Barcelos... e os documentos da Colegiada.

FRANCISCO DE ALMEIDA

"OPONHO-ME AO ROTARY,"

12-56

v. 32.57

Com o título acima, publicou «O CAVADO», na edição de 12 de Abril, a contestação do sr. Acácio Torres ao que, neste semanário, venho escrevendo sobre «A Maçonaria e o Rotary».

Quando escreveu, o autor da contestação (está no seu pleníssimo direito) revelou alguma precipitação de análise, pois se assim não fosse, e depois do que disse ter lido, não se teria perguntado: «ataque de quem, quem é esse maroto?».

Até ao N.º 5 desta série de 13 crónicas sobre o tema, já o meu contestante encontrou matéria para obter resposta à sua pergunta. Mas melhor seria que aguardasse a conclusão, que vai fechar com uma autêntica girândola, já que a palavra sobre o Rotary e o Rotarismo será de Sua Santidade o Papa João Paulo II. E tenho a certeza de que ninguém do Mundo católico virá a «O CAVADO» contestar a Autoridade do Sumo Pontífice.

Pego, portanto, ao sr. Acácio Torres (que julgo não ter o prazer de conhecer) que tenha a paciência de aguardar a conclusão de «A Maçonaria e o Rotary» e, depois, faça o favor de vir com a sua crítica. Eu até gosto de ser criticado, pois da crítica, sobretudo neste semanário, algo fica de construtivo.

Mas não deite foguetes, sr. Acácio Torres! O senhor foi infeliz ao comparar os honorários de um advogado com o valor das minhas crónicas, em dólares. É possível que o sr. Acácio Torres queira insinuar que o Rotary International me pagou para escrever, não a sua defesa porque não necessita de qualquer defesa, mas para fazer a sua apologia. Está redondamente enganado! Até lhe digo e tome nota, meu caro senhor: há rotários, neste País, que não deverão estar gostando da posição que assumi, não sendo eu rotário. Mas isso é com os que assim pensam.

Quanto a honorários, cachets ou dólares... fique o senhor sabendo: sou jornalista com Carteira Profissional, no activo, mas nunca recebi um centavo pelo que escrevo em «O CAVADO». E mais: sou assinante do jornal e, conseqüentemente, pago-o e até deixo por minha conta os portes do correio,

etc., etc. Escrevo em «O CAVADO» porque comungo dos ideais dos seus corpos administrativos e redactoriais. E também por que sei que «O CAVADO» não é um jornal rico e precisa da colaboração que todos lhe pudermos dar.

Dito isto, muito com o coração (enquanto ele bater...), fica o meu contestante esclarecido e dispenso-me de comentar o restante texto da contestação. De teorias e especulações filosóficas sem sentido, está o Mundo cheio.

Vamos mas é viver em paz. E quem se quiser opor ao Rotary, pois que se oponha (tem esse direito). Mas que acredite o meu contestante: sempre que um Acácio Torres vem à luz da ribalta é sinal de que mais um Clube Rotário vai nascer... ALELUIA. ALELUIA.

Benigno da Cruz

A Vida e

as Obras de A. Garibaldi

C. Soc. 4/5/84

Já lá vão meses que prometi aos leitores de O Cardeal escrever sobre A. Garibaldi. Devo-o a ele e a vós: a ele porque em 1983 me remeteu algumas das obras por ele escritas — e ainda as não agradeci; a vós porque sou homem de palavra e fiz a promessa.

E faço-o agora, fêrias e época de Páscoa, por causa de um livro que andava a ler: uma selecção, francesa, das Cartas de Cícero, escritor, e deputado, da Velha Roma, que viveu uns 80 anos antes da 1.ª Páscoa que agora o Mundo comemora. Outro motivo: em 81 celebrou Garibaldi as Bodas de Ouro da sua vida literária. E os jornais de hoje (15 de Abril), falam das Bodas de Ouro do padre e literato, Monsenhor Moreira das Neves. Conjugando isto tudo, falemos de A. Garibaldi. E se de outro modo não puder ser, peço a direcção de O Cardeal que faça chegar esta minha crónica às mãos de Garibaldi.

As obras que recebi de Garibaldi foram estas: de 1980 — Memória (em Cadernos de Poesia, n.º 11 Edição Caracal — 16 páginas; de 1981: Vigília, A Harpa do Prazer e da Renúncia, Festas Nicolinas e Nos 50 Anos de Vida Literária (por Sousa Macha-

por Francisco de Almeida

do). E também um ou dois números do Jornal de Felgueiras, que tenho para aí.

Da Páscoa: Garibaldi é um minhoto e bracarense que nasceu perto da Sé em 1913 — tempo de grande revirralho em Braga (ver História do Seminário, à falta de outra). Ia apostar que na Sé foi baptizado na Páscoa do Cristo. Por 3 razões: 1.ª) porque diz na Harpa, pg. 13: «Quando eu era pequenino / Minha Mãe assim dizia: / Vamos rezar, meu menino / Rezar a Nossa Senhora»; a 2.ª) porque uma das obras dele (ver Vigília) é esta: Lou à Pia da Sé de Braga — do ano não sei quantos; a 3.ª é que o mini-biógrafo Sousa Machado no lo d'z aluno, em Guimarães, do «saudoso padre Alfredo Correia».

CONTRA E A FAVOR DE CRISTO: mas o pai foi deportado, a mãe regressou a Braga, o liceu não foi o desejado, as «Mulheres da Minha Vida» viraram-no e deram com ele perdido um dia».

E pronto, o Cristo e o mais pareceram-lhe mitos. Por isso escreve de

(Continua na 2.ª página)

(Continuação da 1.ª página)

uma romaria católica (Vigília — 12): «Vão os bonecos pela rua fora / So-fene exibição... / Da bonecada vivem parasitas (o Padre Moreira das Neves, outro poeta, por esta bitola, e também parasita...) / E o povo, es-tupido e bisonho... / Pois o não deixam ver outro caminho». E depois: «Quero esquecer o do passado... / Porque o céu (já não há maiúscula) não dá futuro» (Vigília — 14). Quer dizer: assumiu o Das Kapital, Marx: o céu é cá e só cá! Será por essa viragem para anti-Cristo, como Marx fez, de protestante que era, que Sousa Machado (Nos 50 Anos — pg. 15) o entronca no Mud, no MDP e por fim «candidato pela APU à Presidência da Câmara de Felgueiras».

É assim? Não entendo porque é que um baptizado na Sé de Braga, que diz (Vigília — 9): «Em quanto escrevo / Faço-o... / Eu amo o Bem»; ou «O que é preciso é o homem generoso» (Vigília — 11) ou, com Pascoais: «Amemos mais que tudo a Liberdade» (Vigília — 20), precisa de ser um anti-Cristo.

DE FACTO NÃO PERDEU A FÉ.

Demonstro: a) quem ama a liberdade — e só esse, — é filho de Deus, que nos fez livres, mesmo para ser Caim (Memória — 7): «Homem, tu és escravo das riquezas / Vais atrás da ambição / Dás-nos uma existência de cidades»; ou: «toda a poesia, para ser correcta / Deverá ser um acto de coragem». — E que veio o Homem da Páscoa aqui fazer senão dizer, com Autoridade, o Caminho recto, pôr farol (Luz) na Costa das existências, proclamar o certo (Verdade) contra o errado, ou seja ser Poeta e obstaculizar a que «jamais tu faças dela (poesia) uma charada»? (Memória — 9). — b) Garibaldi admite a Providência: «Lá vai o branco pelo mar (homem de raça branca) / Vai pela Fé... / Suas mãos são de rapina / Depois o branco, como aos cães / Ataca os negros / Lá vão os negros / Aos negros fica o lar desfeito / Vão como gados». (Memória, 14/15). Mas

confunde tudo: os capitães e os negreiros com os santos missionários que, se quedaram, não permitiram tais abusos, porque contra o Cristo. — Como então: defende como Cristo defendeu e está contra o Cristo? Não compreendo.

c) Quem sente remorsos já está perto de Cristo, Páscoa, e Garibaldi d'z: «dizes que estás velho... / um homem carregado / De remorsos (Memória — 5). Ou «A ilusão é humana / Verdadeiros, apenas os espelhos / Agora, tudo é vão» (p. 11).

d) E reza assim (reza, disse eu): «Vim à vida, Senhor / Alguma vez foi mau o meu caminho charro» (Harpa — 14. Ou ainda «Senhor, a vida é uma estrada de amargura». (p. 15).

O MISTÉRIO DA VIDA DE CADA HOMEM.

O que é que explica que as minhas «estradas» sejam tão diversas das tuas estradas? Porque se meu pai fora exilado, e eu tão pequeno, se o professor me chumbara como outro fez, se não tivesse ao lado o esteio forte de meu pai, eu, tu, ele, podíamos ser despeitados, até com o Cristo, como Garibaldi. Ora este é biógrafo, escritor, psicólogo. A medida dele só a teremos quando se reunirem os trabalhos dele no Correló do Minho, de Alvaro Pipa, no Desforço, no Almanaque de Fafe, quando confrontado com Jaime Ferreira (Com. do Porto), com Gaspar Baltar.

Sem querer — e não sei porquê — simpatizo com este homem — e não é porque Jorge Amado o saúda (ver A Harpa) ou porque a Dra. Vitória o diz «o poeta português, vivo, mais conhecido no Brasil» (Nos 50 Anos — pg. 16).

Queria — e precisava — de apro-fundar mais, só que O Cardeal tem mais que publicar. Concluo só: para ter paz, Garibaldi tem de derreter preconceitos, perdoar como seu Cristo Pascal fez e dirá: «Mas eu acharia um bem / Se inda ouvisse minha Mãe / O mesmo dizer-me agora» (A Harpa — 13).

57

DO BRASIL A PORTUGAL

Obare. 19/5/84

Apesar do meu silêncio, não penso que estou longe, pois perto de vós, queridos leitores, está o meu pensamento. Parece até que cheiram a mimosas e rosas perfumadas as letras do querido «Barcelense» e como lamento este não ser mais informativo! Afinal, o nosso conceito, com aproximadamente noventa freguesias não podia ser o «nosso Jornal» um dos maiores de Portugal?...

É claro que sim. Para isto, só faltava que cada freguesia tivesse um homem ou uma mulher, com muita «garra», que dedicasse uma hora por semana, a bem do Jornal e para alegria da enorme comunidade espalhada por terras bem distantes, mas sempre com o pensamento no «Jardim da Europa à beira-mar plantados». Com a chegada do N.º 3759, ou seja do dia 14 de Abril p.p., fiquei mais vibrante, por ver que alguém também é de pleno acordo, quando diz: «falta um correio dos leitores». Vejam bem. Este alguém é gente de grande gabarito, Dr. Francisco de Almeida. Não tive ainda o prazer de o conhecer, mas deixe que lhe diga, Dr. Francisco, sou uma ardorosa fã dos seus escritos e de tantos outros que não medem esforços para construir um mundo melhor!...

Bem, meus queridos, não sei se o correio do Brasil terá sentido para alguém. Todavia, da minha

(Continua na 4.ª página)

O CANTINHO

(Continuação de 1.ª página)

19/5/84

parte o faço com boa vontade e dedicação. Se acharem por bem lerem o que exponho, Deus vos abençoe e, ao terminar, que Deus vos acompanhe. A semana de 15 a 22 de Abril foi muito movimentada, pois trata-se da semana na Luso-Brasileira. A Federação das Associações Portuguesas e Luso Brasileiras não mediu esforços para apresentar bons programas e receber vários personagens, que nos têm visitado, entre eles os presidentes das Câmaras de Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Lisboa, etc., etc.. Fico imaginando... e o de Barcelos? Não vem?...

Dia 22, dia de Páscoa. Enquanto muitos beijavam a Cruz em Portugal, nós assistíamos, no enorme salão Cecilig Meireles, a um grande concerto da banda Portugal, em homenagem à Secretária do Estado da Emigração e Comunidades, Dr.ª Maria Manuela de Aguiar. Minha gente, foram duas horas de espetáculo mar-a-vi-lho-so! Tudo lindo, lindo! Mas, quando entra o Hino Nacional, é comovente! Vocês, que nunca emigraram, não imaginam o valor do conteúdo... A vós, professores, um pedido: Não deixem de ensinar o nosso Hino aos vossos alunos. Vós, pro-

fessores, sois as molas mestras da Nação, os alunos são o reflexo dos professores, assim como os filhos são o reflexo dos pais. Por vezes, alguns desvirtuam, mas isto é uma minoria. Não deixem de ensinar também o Hino à Bandeira, o símbolo da nossa Patria. Muito grata, e que Deus vos ilumine cada vez mais! Voltando a falar no 22 de Abril, este ano foi muito importante. Vejam bem: dia de Páscoa, dia da descoberta do Brasil, dia da Comunidade Luso-Brasileira e encerramento do Ano Santo da Redenção.

O CANTINHO

Do Brasil

(Continuação da 4.ª página)

Como lamento, devo dizer-vos que faleceu, no hospital de São Marcos, Dina Tereza, a inesquecível Severa do filme do mesmo nome. Dina Tereza Moreira de Oliveira, nasceu no ano de 1902, em Oliveira do Douro. Faz precisamente 84 anos que faleceu na Foz do Douro um eminente jovem poeta português, António Nobre.

Durante a sua estadia em Coim-

io da Angelina

bra, onde ingressou na Faculdade de Direito, contou, nos seus versos, a nostalgia do choupal e a beleza das tricanas.

Depois de abandonar os estudos, partiu para Paris, onde a tuberculose começou a minar-lhe a saúde. De regresso a Portugal, procurou, como bálsamo, o clima da Ilha da Madeira, mas nada, infelizmente, conseguiu minar-lhe o sofrimento.

Apenas com 33 anos, exalou o último suspiro, a 18 de Março de 1900. Morreu o autor do «SO», livro impregnado de alta inspiração e reflexo da sua sensibilidade.

No Rio de Janeiro, foi lembrado com saudade. O seu busto em bronze, da autoria de Tomaz

a Portugal

Costa, ergue-se no jardim de João Chagas, onde eu já tive o prazer de o contemplar.

Dia 19 p.p., fez 42 anos um cantor brasileiro muito querido, e que vocês alguns o conhecem — O Roberto Carlos.

Se vivo fosse, no mesmo dia também fazia anos o pequeno de estatura mas grande em talento, o saudoso estadista Dr. Getúlio Vargas, este que, para o bem dos operários, deu melhores leis trabalhistas ao Brasil.

a dizer-vos do mês de Abril. Fico pensando nas Festas das Cruzes e aguardando notícias. Um beijo a todos.

Rezem os portugueses, Sr. Carlos Lacerda. Dia 29, o tão saudoso e querido dos portugueses, Sr. Carlos

Dia 22 de Abril, fez anos um amigo, o Sr. José Correia.

Também não devemos esquecer este dia em que, se vivo fosse estaria fazendo anos, o maior estadista do mundo. Sabem quem é? Sr. António de Oliveira Salazar!

Por hoje, é tudo o que tenho

12-58

PARA A HISTÓRIA DAS FREGUESIAS

FRANCISCO DE ALMEIDA

Presumo que todos os vilaverdenses ouviram já falar da vossa monografia chamada *A Vila de Prado*. Oxalá sejam muitos a possuí-la e mais ainda, a lê-la. Faltam agora as das outras freguesias ou que se faça uma, geral, para todas, como um dedicado barcelense o fez há já 40 anos. E foi-lhe simples: percorreu as freguesias uma a uma, e de cada foi publicando no jornal *O Barcelense*, semana a semana, o que viu, ouviu e investigou. Só vos digo que uns 10 anos depois, já ele tinha falecido, os filhos, dos artigos, fizeram 2 grossos livros que custam hoje, seus 1 000\$00 cada. Sabem também que o vosso muito ilustre conterrâneo, sr. Padre Sousa Araújo, publicou a das Lages e outra sobre o Bom Despacho, isso além de separatas sobre problemas desta região. Por último, vem publicando — o que dá muito trabalho — a Memória Paroquial de cada freguesia de Vila Verde. Sugiro que colecionem esses Vilaverdenses (jornais) porque não creio que as nossas subdesenvolvidas Câmaras venham a publicar aquilo a livro. E bem mereciam um livro.

Tenho agora em presença três Monografias: a de Antas (Famalicão), a de Cabecudos, também de lá, e a de Sant'ago de Vila Seca, em Barcelos, a primeira de 1980, a segunda de 1981 e a terceira de 1983. Semelhante à primeira há-de haver alguma referente a freguesia vossa, porque foram mandadas fazer a professores primários pelo Ministério da Educação: são pouco históricas e parecem mais um Inquérito ao estado actual da freguesia. A das Antas, desce ao pormenor de contar quantos são os proprietários-lavradores; de que fala assim: «São 60. Grandes são os que têm 20 ou mais hectares de terra e mais que 20 pipas de vinho; médios os de 6 a 20 hectares, e 6 a 20 pipas; pequenos, os restantes. Do 1.º grupo, são 5 lavra-

dores; do 2.º, são 7; do 3.º, quase todos, e deles 60% fabricam sua terra sem jornaleiros e os restantes arrendam ou fabricam com pessoal de fora. Também já há na freguesia, 8 tractores agrícolas e outras máquinas (debulha, etc.).»

Diferente é a de Vila Seca, que escreveu o sábio abade, Padre Areias da Costa. Estuda o que foi a terra e a gente de Vila Seca, desde antes de Cristo (há 2000 anos) até 1983. Ora esta de Vila Seca, ensina-nos muito e os caminhos que são de percorrer: ele mete-se no Arquivo de Braga e no de Lisboa (Torre do Tombo) e desencantou lá papéis referentes a Vila Seca desde os anos 1200 e por aí fora; livros de baptismos desde 1632 (e de casamentos e de falecimentos), bulas e decretos dos Papas, escrituras (por exemplo a de 1569, sobre a capela de Santa Maria Madalena), etc. Foi ao ponto de fazer duas listas-resumos: uma com os números de baptismos, casamentos e óbitos, desde 1632 a 1976; outra com os nomes das pessoas que estabeleceram pensão sobre prédio seu, a favor da Confraria do Santíssimo, por exemplo: António Ferreira e mulher — 1 rasa por ano, etc.

E também a vossa terra é lá referida, assim: «O topónimo Vila Seca aparece... (em) Adiaes, concelho e comarca de Vila Verde». Suponho que é Atiães. Apresenta a lista dos que foram párocos em Vila Seca, desde 1220 até 1983, informa os nomes e filiação de pessoas mais ilustres que a freguesia deu, desde o ano 1698. E por aí fora.

Impressiona ver pelo anos 1220 os nomes de tantos militares (cavaleiros) que lá criavam os filhos — porque fica perto da chamada Franqueira e Castelo de Faria. E verificar que enorme quantidade havia de proprietárias — e solteiras — no ano de 1668, por exemplo: Maria da Pena, solteira (deu para o Santíssimo, 1 rasa por ano).

Isto faz-nos examinar as listas dos casamentos. E verificamos então que em 1633, nasceram 2 (só), casaram 3, e morreu 1; e 20 anos depois (1653): 17-6-5. Como explicar tamanho crescimento dos números? Outro aspecto: em 1642, estávamos em guerra com a Espanha, mas eu não encontrei rastros dela nos documentos de Galegos (Barcelos). A de Vila Seca, dá estes números: em 1637, nasceram 11, ninguém casou e morreram 6 (ficou o saldo «fisiológico» de 5 pessoas a mais). Mas logo em 1638, só nasceram 5, ninguém casou e morreram 2. Pergunto: como explicar esta descida brutal de 11 para 5 nascimentos, e 2 anos seguidos sem casamentos? E repete-se: em 1642, nasceram 12, e em 1643, só 5; em 1645, 10, e em 1646, só nasceram 3 (e o mesmo em 1647). A guerra levava os casa-

doiros ou houve peste ou quê? Também em 1707, nasceram 15, e no ano seguinte, apenas 7 (menos que metade e 8 em 1708). Outra curiosidade: os nascidos de 1640 a 1659, foram 187, e os casamentos foram apenas 43 (86 pessoas, ele e ela). Mas de 1740 a 1769 (20 anos) nasceram 310 e os novos casais foram 103 (206 pessoa). Isto significa que de 1640 a 1669 só casaram 46% dos nascidos e 100 anos depois, essa taxa subiu para 66%. Logo, torna-se evidente, que a guerra da Restauração, fez aqui muitos estragos.

12-59

O cónego Vaz, Cabouqueiro da Cultura

Eu vinha agora ali de baixo, quando me vêm dizer: — o Raul Rego publicou agora o Regimento da Inquisição de Goa. E respondo eu ao sujeito: — pois veja isto — Inéditos da História Litúrgica M. de Braga. É um monumento... do Raul Rego, um fóssil. *cv. 12/7/84*

Pois bem: é lei da vida que nem todo o minhoto vai ler esta Separata de 68 páginas que o Sr. Cón. Vaz me remeteu. Mas alerto os minhotos todos: ao menos folheiem a Separata porque é preciosa. E é por isso que vou aqui dizer dela, melhor, divagar um pouco sobre o que tem, o que não tem e coisas adjacentes. Que me perdoe o Cónego se lhe retirar um pouco, o capote da modéstia. Que até vai calar — e nas termas, diz o Cávado, saber-lhe-á bem um refresco.

ANOTANDO

Conta um Autor de uma filosofia da Religião que os sábios de há 100 anos deci-

diram assim: daqui em diante só estudaremos o físico, o palpável — nada de estudos de coisas para além do visível. No fundo — Deus lá escreve, sempre bem, mesmo por estradas tortas — no fundo, foi bom decidirem isso porque antes de 1850, lia-se um livro mas não se

lhe procuravam as fontes, origens... da nossa liturgia milenária». Pergunto então: que é isto que não vejo, os professores de Liturgia a escavar o Missal de Mateus e a escrever sobre ele? Mas escreve Vaz, que tem esse dom. Que Deus lho conserve, a bem do Minho todo.

Mas ele diz Inéditos da Liturgia? Eu já li, não sei onde, que em Roma há Faculdades de onde se sai licenciado em Liturgia. E oigo que a arquidiocese tem um desses, provavelmente, o Dr.

Oliveira Bragança. Ora inédito estava o Missal de Mateus e já lá vão uns anos que eu pude ver na Gulbenkian, em Lisboa, a Edição Crítica desse nosso monumento — de cultura e de culto. Uma edição de respeito. Saibam então que na freguesia de Panque, Barcelos, havia (e há?) ainda em 1937, um Missal que serviu pelos anos 1500. *12/7/84*

OS INÉDITOS DE VAZ

O nosso Autor, como é natural, levanta muitos problemas e resolve alguns.

1.º quer fazer uma História da Liturgia de Braga. E aqui eu recorro que um dos Dons Priores de Barcelos, anos de 1500, publicou tratados exactamente sobre Liturgia. Mas não os pude ainda ver. Vai ser agora? Tanto o Dom Prior de agora — tocha Martins, como o padre Dr. Abel saberão dizer o melhor que eu. Peço-lhes então: ajudem a construir a dita História, pois até amplia a nossa, bar-

celense.

2.º Para apurar os tais inéditos, recorre Vaz à comparação dos nossos escritos litúrgicos com os seguintes: A) de Toledo; B) de Leão (Provençal); C) de Cister (ordem que fez Alcobaça); D) de Roma (anos 1000-1100); E) de Roma (anos 200 e tal). Mas nesta separata só compara o texto da Missa vulgar, comum (ordinário) com o da Missa na Roma de 300 e na Roma de 1000. E conclue:

XI-60

A Missa de Braga é muito parecida, quer nos textos, quer nos gestos, etc., etc., com a de Roma de 300 — mas não com a de 1000. Logo: «o que Roma perdeu com as andanças do tempo, Braga e outras conservaram-no — preciosa herança».

Bom! Nem todos o entenderiam, mas eu gostava mais de ver os textos, esses velhinhos, de Braga a um lado, da Roma de 300, a outro.

E pergunto:

Desde 300 até ao actual Mateus, quantas reformas sofreria o Mateus?

Seja: quantas edições teve? Eu explico: a Separata traz 2 Calendários — de Mateus e do atribuído ao grande erudito S. Jerónimo.

Ora Mateus diz: 15 de Janeiro — Santo Amaro. Mas o de Jerónimo não tem Santo em 15 de Janeiro. Pois bem = na minha aldeia há Santo Amaro. Desde que ano se pôs o Amaro no Calendário de Braga? Curioso o 21 de Janeiro: em ambos (Braga e Jerónimo), a repudiada San-

ta Inês. A 30 de Maio: no de Braga — S. Julião. O de Freixo? O de Passos, perto de Braga? Braga também traz S. Bento. E a irmã — estes dos anos 500. O de Jerónimo, claro que não tem Bento (nem Amaro nem Julião. Este Julião é um santo minhoto? **CV. 12/7/84**

O calendário interessa-me por causa dos Padroeiros das freguesias — por exemplo, um S. Julião na Ucha-Barcelos, se não erro. Para Braga trazer S. Geraldo (a 13 de Outubro) e como esse santo é dos anos 1100, houve uma Edição de Mateus por essa época.

CONTRADIÇÕES DOS NOSSOS PAIS?

Vejo Vaz referir na pág. 13: «Credo. Braga foi remissa durante séculos a introduzi-lo». E na pág. 29: «Quando S. Gregório Magno pretendeu reformar o Saltério, Braga não o seguiu». E na 39: «Braga ateve-se fielmente... S. Gregório Magno». (reporta-se aqui, Vaz, ao culto da Quaresma até à Paixão de Cristo). Daqui o A. arranca: Braga é fiel às origens, seus textos denotam textos arcaicos (quase como a nossa fala nos tempos de D. Dinis).

72-61

OUTRAS COMPARAÇÕES A FAZER

1.º) Com as orientais — sabe-se que os Ortodoxos se queixam de os franceses e alemães inovarem o culto por causa de uma palavra mais no Credo (anos 800), ter surgido pretexto para romper com Roma (Fócio).

2.º) Com os textos da Bíblia latina — a anterior a S. Jerónimo (a Vetus Latina) e a que Jerónimo fez aprovar (a Vulgata). O nosso Mateus traz as palavras ainda da Vetus ou apenas da Vulgata?

3.º) Com a liturgia antiga (textos) das Ilhas Britânicas (Inglaterra).

Pelo exposto, peço que leiam e divulguem a Separata, se remeta às Faculdades de Liturgia e a Toledo, Leão, Londres, etc.

E ao autor da Separata, os meus sinceros parabéns e o pedido de que corrija o que aqui de errado encontrar.

Acácio Torres

Rito Bracarense

O meu recado-agradecimento para Acácio Torres

O leitor há-de ter ficado espantado e, porventura, «escandalizado» ou menos bem impressionado pelo facto de se ter publicado o artigo de Acácio Torres a meu respeito. De facto o tê-lo publicado não abonará demasiado acerca da minha humildade. Em todo o caso, gostaria de sublinhar uma circunstância a ter em conta: mostrar aos leitores que a Liturgia é uma ciência riquíssima, indispensável para bem conhecermos a nossa história.

Acácio Torres referiu-se em especial ao calendário e só ele suscita um mundo de dúvidas, reflexões, pressupostos, verdades. Antes de mais nada, de que século são as freguesias, uma vez que os oragos vieram devido à circunstância de, na época, serem muito venerados. E eram-no por que motivo?

Este aspecto histórico despertou noutro amigo meu, ilustre professor do liceu e especialista em história, o interesse por aprofundar a natureza e identidade deste Portugal que somos à luz da Liturgia de Braga.

Estes e outros aspectos estão praticamente virgens. São filões à espera de quem se detenha neles, os analise e tire deles toda a imensa riqueza que contêm.

No caso concreto do *Missal de Mateus*, essa riqueza é espantosa. Antes de mais nada, vem desde as origens; depois, é original.

Foi preciso virem especialistas estrangeiros — sobre

suas páginas, ao longo dos séculos, a nata do que melhor se foi elaborando em liturgia e, paralelamente, em relação à cultura, à vida local, à etnografia, à história, etc., etc. *CV. 79/484*

Tenho pena de me ver distraído para outros trabalhos, de que não há maneira de me libertar, pois desejava escrever um livro precisamente acerca dos «inéditos medievais» que guarda a nossa liturgia milenária: *Missal de*

Mateus, Breviário de Soeiro, Pontifical e Ritual.

Um dia será, querendo Deus, até lá e por agora, de-sejo tão só dizer ao querido amigo Acácio Torres, pseudónimo do Dr. Francisco de Almeida, toda a minha profunda admiração, simpatia e gratidão pelo estímulo, que as suas palavras generosas representam para mim.

Bem haja e que Deus lhe pague.

A. Luís Vaz

tudo franceses, esses xenó-fobos... — proclamarem bem alto que a Reconquista nos imunizou de influências exteriores. Nem sequer Carlos Magno e o império, que se lhe seguiu modificaram a estrutura hispânica. Só com os monges de Cluny e à má cara, à força... *12/284 CV*

Arquitectura, pintura, arte, ciência, Liturgia, regras monásticas, etc. tudo isso era local: nado e crescido *in loco*; aquém Pirinéus. Há estudos maravilhosos sobre estes e outros assuntos, que surpreendem pela originalidade e pelo virar do avesso que representam no que por aí corre.

Não admira, por isso, que o *Missal de Mateus* seja um de entre os vários elementos locais que receberam nas

COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Homens da Gens Barcelense

Nos fins de Junho passado, faleceu em Galegos o Sr. Manuel José Alves, familiar do autor destas linhas. E é a propósito desse homem que segue este apontamento.

1.º PONTO: se o critério de valorização dos barcelenses for só o de destacar aqueles que por letras subiram alto, este Alves não é destacável porque letras não tinha. Por isso mesmo, não foi nem político, nem jornalista, nem empregado do Estado ou de empresa, nem militar, nem padre nem nenhuma coisa dessas.

2.º PONTO: e todavia ele foi o que direi o símbolo da média da nossa grei, quero dizer: o homem que cresceu a trabalhar, se casou, criou e educou os filhos, herdou terra e deixou herdeiros delas, viveu sempre e só do que era dele, não emigrou, cumpriu a lei de Deus, foi honesto em tudo. Ora, é este homem médio e justo o esteio da Pátria, das tradições, do Portugal de ontem, e de amanhã, seja do ano 2.000. E todavia não vejo que ninguém louve estes portugueses limpos: nascem, vivem e morrem anónimos. Há-de ser sempre assim? — Pois não há-de porque gente desta (e temos muita assim) não raramente vale mais do que quantos letrados a cidade produz.

Mas vejamos-lhe a Biografia e a Época.

T.M. 28/7/84 •

Correu com todo este século 20 porque nasceu em 1902 — e aqui vai a minha homenagem para quantos barcelenses são desse longínquo ano, tempo ainda do Rei D. Carlos. Manuel José Alves era neto materno dum falado Salgado que morava no lugar do Souto — em Galegos e filho dum chamado João da Igreja e mulher Maria Luísa, filha do tal Salgado (ou Almeida). E agora vejam as voltas que o nosso destino dá ou a Providência a todos talha. Foi assim.

A dita Maria Luísa, bem prendada e de seus 23 anos, estava noiva de um Dias, seu vizinho. Mas o Dias teve a imprudência de ser linguarudo e por isso a noiva se desgostou. Aconteceu que o

(Continua na página 4)

COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da pág. 1)

lavrador que o Salgado era tinha uma vaca doente e veio tratá-la o João da Igreja, nisso jeitoso e por azar dele, já viúvo pois a mulher, Elisa ou coisa assim, lhe morreu com o 1.º parto, teria ele seus 25 anos.

E depois? A dita noiva enamorou-se dele, rompeu o noivado e casou com o recém-viúvo. Tudo bem. O pai do nosso Manuel era homem de garra e visão e não tardou que comprasse propriedade que hoje valerá seus 1.000 contos. Ia já no 4.º filho quando uma maldita pneumonia o atacou e levou. O Manuel e as 3 irmãs ficaram, assim, órfãos de pai e a Maria Luísa, viúva aos 34 anos. E com dívidas às costas.

V. M. 28/7/84 •

Evidente é que estes nossos barcelenses nem por sombras pensavam em abortos e outras coisas assim sujas.

É verdade que a aldeia não teve homens com visão suficiente, ou meios, para lá ter uma escola. Foi nomeado um tutor aos menores, mas... não sei se, como pareceu, e foi dito, ele não cuidou nada dos menores aquando de partilhas. Ora o avô materno era abastado (dos paternos, não sei), mas temeu-se e não ajudou a filha, nem por ser viúva, a manter o prédio que o genro comprara. E a Maria Luísa, como dizia ela: «comprou sem ter e teve de vender sem querer, porque os juros comem com a gente à mesa».

Manuel lá foi crescendo sob os olhos da mãe, agora apelidada por uns, de Maria da Igreja (junto da igreja morava) e por outros, Maria Salgada. Crescia e formava-se nos trabalhos que os campos exigem: os gados, os matos, o pinhal, as vinhas, as searas. Ser lavrador é mais que uma profissão, 20 vezes mais do que a categoria profissional de que os das fábricas falam. Mecanização ainda a não havia e o arado ainda era de pau. Nem se sulfatava nem se plantava batata com um arado nem havia adubos.

Em resumo: Manuel e os da sua geração obtinham da terra o que ela dar podia, mas quase só a pulso. A vida do homem do campo era muito sacrificada e não dava muito para extravagâncias. Pois se de um, o Dinis, ouvi meu pai dizer que guardava com carinho para a sepultura, o fato com que se casou!...

Manuel viu a República, mas nunca lhe ouvi referências; viu chegar o 28 de Maio com Afonso Costa, Salazar e Carmona; ouviu os ecos do que estava a surgir em Fátima, ainda ouviu falar da 1.ª Guerra e da pneumónica que tanta gente matou, assustou-se talvez com aquilo dos roxos em Espanha, passou por ele a guerra de Hitler, viu os preços do pinhal e de tudo, a subir, viu racionarem-lhe o pão que ele próprio produzia. Ao mesmo tempo cuidava do tio e da tia — Joaquim e Rosa, um casal sem filhos com quem vivia, ele, a mulher e os 5 filhos que deixou.

Nunca tive tempo, melhor oportunidade, de tomar um gravador e recolher o saber dele, que muito era, sobre o que foram estes anos desde 1900 e tal até 1984. Nem eu nem outro. E com a morte lá se foi um livro cheio de notícias sobre a minha Galegos.

Havemos de corrigir isso. Por agora, basta o que fica dito para louvar as virtudes deste barcelense comum que simboliza toda uma raça de lutadores sacrificados e honestos.

Francisco de Almeida



Desta vez, sim, Senhores! Desta vez, poderíamos dizer que o «Barcelense» veio «voando»... para usar uma expressão muito em voga por estes Brasis. É que, se o número passado apenas chegou aqui na segunda 2.ª-feira após a data da emissão, este chegou cinco dias antes, isto é, na 4.ª-feira após o dia em que oficialmente foi para a rua.

Muito agradável surpresa! Que continue a «voar» assim, para satisfação de quantos o lêem que não são apenas os assinantes. O nosso Jornal é assim uma espécie de mensageiro que traz algo para dizer a toda a gente, mesmo que não seja portuguesa...

Li, com muito agrado, como sempre e toda a gente, os considerandos do querido Dr. Francisco de Almeida, sobre «a política e outras coisas mais». Precisamente no mesmo dia, tinha lido uma citação do notável escritor brasileiro, Iago de Melo, que dizia ser «muito mais difícil escrever simples». O Dr. Francisco de Almeida trata, com enorme simplicidade, os mais variados assuntos. Fruto da sua vasta cultura e reflexo da sua boa alma.

Ao lado, o cidadão, exemplar, o patriota de puríssima estirpe, o católico sempre vigilante e consciente—Ante-gela, que pôs o dedo numa ferida, que ameaça tornar-se pustulenta chaga, atingindo a Pátria Lusã, em todos os sectores: política, científico, artístico... até religioso!... A falta de consciência que se observa!... Logo que todos os portugueses, desde as bases às cúpulas, quaisquer que elas sejam, agirem com plena consciência da sua responsabilidade, da dignidade própria e alheia, dos direitos e deveres seus e do seu próximo; sobretudo quando se mostrarem convencidos de que de Deus receberam o que são e o que têm, tendo de prestar a Deus rigorosas contas da administração dos seus bens espirituais e materiais... nessa altura, Portugal retomará a sua antiga rota, que O levou à Grandeza, que mais nenhum povo conseguiu alcançar. Não que Portugal tenha deixado de ser grande, mesmo aos olhos do resto do mundo, que por Ele ainda nutre uma enorme admiração; mas é preciso que os mesmos portugueses se enchem de bríos e se mostrem dignos dessa admiração, já que, tal como os homens, também as nações não se medem aos palmos. A alma

(Continua na 4.ª página)

Cartas de Longe

(Continuação da 1.ª página)

nacional é que dará ao mundo a medida exata da grandeza duma pátria.

Fiquei radiante com saber que cresceu ainda mais a família, já numerosa e nobre, dos Bombeiros Voluntários de Barcelos. Dezassete novos soldados da paz, destinados a dar «vida por vida», é uma riqueza que se tem de saudar e agradecer.

O Professor Asdrúbal Pinto é sempre bem-vindo às colunas do nosso Jornal, ainda que abordando temas que pareçam insignificantes. Desta vez, trouxe à memória dos seus leitores homens que os barcelenses não podem esquecer, nomeadamente o sempre chorado P.º Alfredo Rocha que também é lembrado—e bem... pelo Sr. Álvaro Correia e cuja grandeza não tem medida. Continua a viver na alma do povo, como o povo sempre viveu na sua nobilíssima Alma.

Tema de grande envergadura, trabalho de muito fôlego é o que F. J. trata ou começa a tratar na sua Coluna Lateral. Falar da Encida de Virgílio só está ao alcance dum autêntico mestre como o Dr. F. J. Artigo para elites que, graças a Deus, contamos entre os leitores de «O Barcelense». Que lhe sejam dados os devidos apreço e atenção...

Se sempre sinto orgulho em ser barcelense, maior ele foi ao saber do reconhecimento manifestado, na África do Sul, pelo trabalho do nosso ilustre conterrâneo Dr. António Lúcio de Azevedo Miranda Baptista. As nossas felicitações.

Outras tantas aos pintores barcelenses que têm expostos os seus trabalhos no Salão Nobre da Câmara de Barcelos. A nossa Terra possui valores que é preciso tornar conhecidos. Bem haja quem toma essa iniciativa, para que não possa dizer-se deles o que S. João Baptista dizia de Jesus Cristo: «no meio de vós está quem vós não conheceis». Seria o caso do Dr. Vale Ferreira, cujo

currículo «O Barcelense» também nos apresenta e que me leva a felicitá-lo muito cordialmente.

«Pelo País Fora» e Por esse mundo Além» continuam a informar os nossos leitores sobre os maiores acontecimentos, duma forma telegráfica e saborosa. Que pena não haver mais espaço! Finalmente, não deixarei de me referir ao noticiário desportivo, vibrando com os êxitos e lamentando as «infelicidades» dos clubes da nossa Terra, nomeadamente do Gil Vicente F. C..

Esta já vai longa. O meu abraço de parabéns aos aniversariantes: ao Porfírio—o Firinho, o doente crónico do Gil Vicente; ao Rogério Costa—o velho lutador

dos prelos; ao Alberto Martins—o vizinho sempre amigo e dedicado; ao Francisco Viana—o barcelense humilde mas sempre colaborante nas iniciativas que valorizem a sua e nossa Terra; e a todos os outros, sem esquecer a nova médica, Dr.ª Maria da Glória, à qual desejo uma fecunda actividade em prol dos doentinhos.

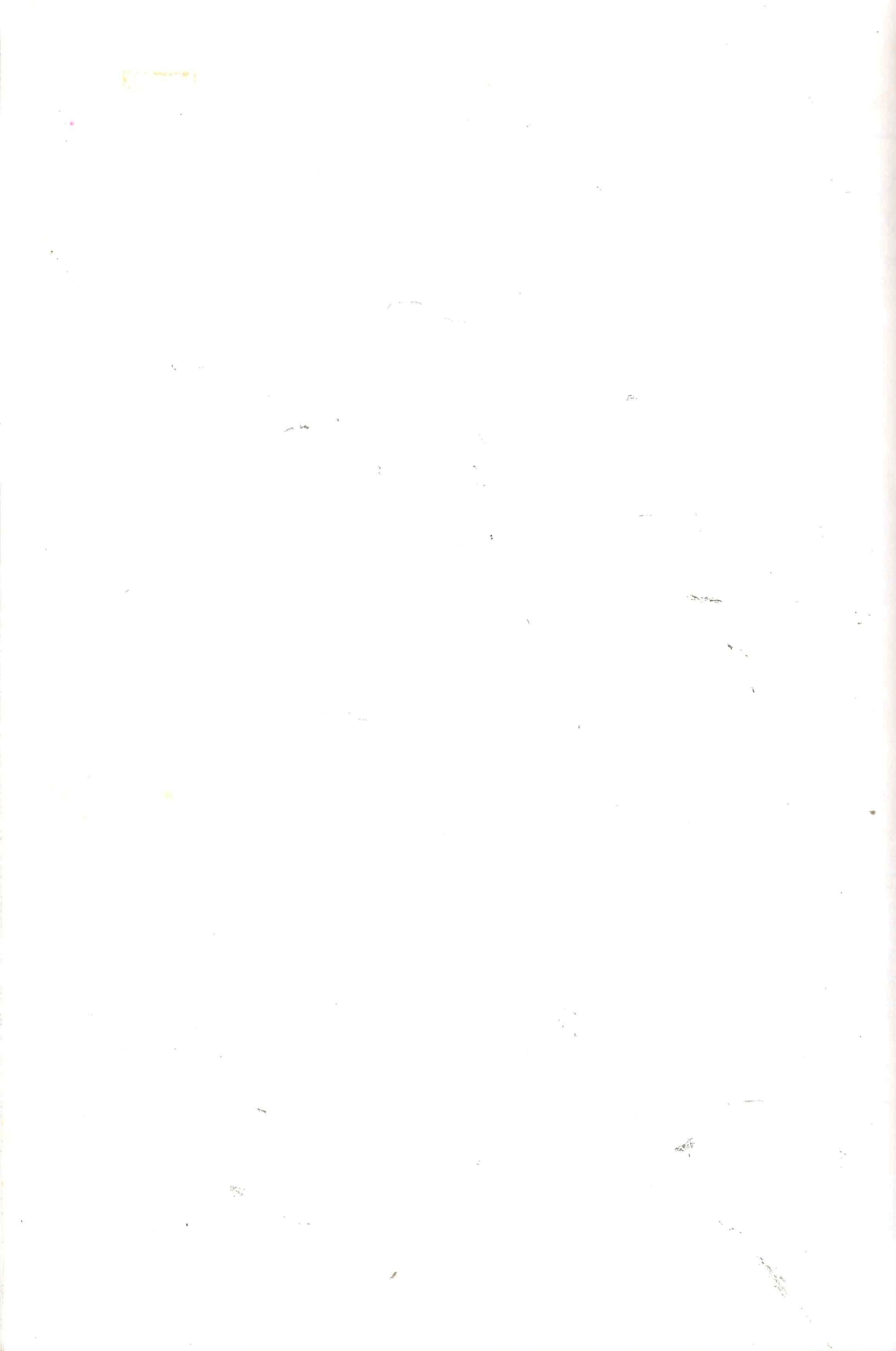
A todos os meus leitores (algum teve a coragem de me ler até aqui?!)... um Ano Novo muito e muito feliz.

Rio, 22-12-84

Do vosso

P.º Faria Brito

72-65



Rito Bracarense

A Acácio Torres, com um aparato

O Cávado - 25/4/85

Leio sempre com avidez e muito proveito o que escreve Acácio Torres, Dr. Francisco de Almeida: apresenta aspectos novos de problemas velhos, de séculos, às vezes. No último artigo aqui publicado, trouxe ao de cima dois: colonialismo litúrgico e cânticos portugueses esvaziados de conteúdo catequético e teológico tradicional.

Foi a propósito do centenário de S. Cirilo, o apóstolo da Morávia, juntamente com o irmão, Metódio. Sofreu as passas do Algarve pela maneira como atentou contra o colonialismo romano, na sua expressão mais destacada: a linguagem.

No caso da Morávia, celebrar os actos do culto em latim era o mesmo que fazê-lo com intenção de impedir os assistentes de participar no culto oficial. Foi o que sucedeu entre nós, séculos a fio, até que o Vaticano II permitiu a introdução da língua vulgar ou do vernáculo na liturgia.

O latim é o veículo duma cultura, dum povo, das suas qualidades e defeitos. Quando os restantes povos procuram seguir de perto, em sentido estrito, esse idioma, seus conceitos e modalidades, fazem-no em termos

o caso, desde já, que S. Metódio foi chamado a Roma para se explicar perante o papa da ousadia de dizer missa e administrar os sacramentos em vernáculo e não em latim, como se fazia por toda a parte. Por duas vezes. De ambas demonstrou que catequese e culto oficial são eficazes, se permitirem aos ouvintes e interessa-

dos compreender e viver ideias, preceitos e normas veiculadas pela própria língua de que se servem cada dia. E venceu: mas nós esperamos ainda 11 séculos para que a missa e demais actos do culto oficial fossem em vernáculo ou na língua pátria.

A. Luís Vaz

Como Acácio Torres, Dr. Francisco de Almeida, tenho-me interrogado sobre o motivo que tenha levado a liturgia nos últimos anos, a simplificar referência anódina e histórica em relação a aspectos que marcarem profundamente a nossa vida colectiva. Um deles são os clamores e, relativamente, as Têmporas. As têmporas, como diversas outras festas cristãs, vieram substituir festas pagãs. Em Março, Junho, Setembro e Dezembro, os cristãos juvenavam e iam à igreja tomar parte no culto oficial virado em exclusivo para as colheitas: quando lançavam as se-

mentes à terra, em Março-Abril; quando germinavam e cresciam, oitava do Espírito Santo; quando alojavam para a colheita, Setembro-Outubro e, depois de recolhidas nos celeiros, em Dezembro, para agradecer a Deus os frutos da terra. Eram soleníssimas: em Maio, vistosas procissões saíam aos campos e bênçãos copiosas eram derramadas sobre os trigais, ou centeios, as vinhas, as árvores de fruto... Actualmente, nem sequer já se pedem orações ao céu, todas as vezes que o tempo vira casmurro, fechando-se sem gota de água ou trans-

formando-se em dilúvio... Sem dúvida que é um dos pontos altos da secularização em marcha: Deus afastado do nosso dia a dia, como se nada tivesse a ver com a marcha do tempo ou as nossas orações não pudessem intervir junto d'Ele para melhorar as coisas... Acho que a comunidade cristã deve reflectir um pouco sobre isto e regressar aos bons velhos tempos dos clamores ao longo dos campos e das bênçãos sobre os trigais, centeios, vinhas e frutos a desabrochar...

A. Luís Vaz

Rito Bracarense
Ainda o artigo de Acácio Torres

Clamores e vazios teológicos

Clamores
25/4/85

alienígenas, senão inuteis. É sabido que o fenómeno não foi exclusivo do Ocidente: ainda hoje, o idioma habitual litúrgico no Oriente é o grego clássico. Lá como cá: por um lado, porque lhes parecia impossível atingir o nível artístico e de pureza de doutrina do idioma milenário; pelo outro, porque, repetindo frases e conceitos este-reotipados, evitavam o risco de heresias ou desvios. Mas esta vai longa e voltaremos ao assunto; diremos, em todo

OS USOS E COSTUMES — LIVROS

Clamores pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

Parece-me que neste fim de século já não há nas freguesias aquilo a que se chamava o uso e costume da terra. Como assim se nós sabemos que tais regras existiam nos séculos passados? Seria do maior interesse que cada freguesia publicasse os seus usos, ou, ao menos, que algum estudioso desse o resumo dos mais recentes para se ver que diferenças e que igualdades havia de freguesia para freguesia.

O último livro de Usos em Galegos data do ano de 1931. Tem 9 folhas, é manuscrito, foi aprovado pelo arcebispo da época que era o famoso Vieira de Matos. Fez-se porque o arcebispo o mandou elaborar.

Nele, as obrigações do pároco são as seguintes: Clamores: na Quarta-Feira de Cinzas e no dias de S. Marcos e nas Rogações de Maio e nas Sextas-Feiras da Quaresma (menos na última); Clamor desde a igreja à capela de Santo Amaro com missa nesta capela no dia do Santo (15 de Janeiro); Via-Sacra nos Domingos da Quaresma e também na Sexta-Feira Santa.

As Prestações ao pároco: a residência e o anexo (passal?), os réditos (esmolas) da capela de Santo Amaro (e explica: «que sempre, desde tempos imemoriais, pertenceram ao pároco»), milho e vinho (primícias — a que no Sul chamam Cóngrua).

As classes dos féis contribuintes: os da 1.ª Classe darão 4 alqueires (rasas) de milho e 2 cântaros de vinho; vai até à 6.ª classe. Os da 6.ª pagam apenas 1 quarto de milho (1 quarto da rasa).

Oração pelos defuntos da freguesia: era feita ao Domingo; a família que a pedisse dava 1 alqueire de milho.

Comissão Reguladora ou lançadora das primícias: 3 homens de bem (os avaliadores). Penas: as regras só obrigam em consciência (não se podem executar em Tribunal).

Nomeou a comissão de culto: Domingos G. Salgueiro, Gomes, Almeida, Gonçalves e Marcelino. Intervieram os da Junta (Gonçalves, Anselmo e Augusto Salgueiro), e o regedor — Adelino Salgueiro. Os paroquianos que assinaram o compromisso (chefes de família) foram 32, um era mulher, a Rosalina, por quem assinou o filho, Padre João Alves Pereira.

A Provisão que aprova é de 21/8/1931.

(Continua na página 3)

(Continuação da página 1)

Ora bem:

No arquivo de Galegos existe um documento, a que dei o n.º 49 e é nada menos que o seguinte:

Processo de Primícias em que é Autor o pároco, Ant. J. de Macedo e Réus, os paroquianos José António de Abreu e sua mulher — ano de 1873. É um processo curioso, o único que encontrei dos anos 1800 (há outro, dos anos 1700), correu em Barcelos pelo escrivão Faria de Alvarenga (há Alvarengas/Roriz), findou por acordo em 1878, e nele foram testemunhas 2 relojoeiros: João de Vasconcelos, residente em Galegos e Evaristo Vasconcelos (filho do J.º) a residir em Barcelos. Também assinou o abade de Alheira, Padre Coelho, natural de Galegos.

Ora acontece que no arquivo de Galegos não há o livro de Usos que em 1873 serviu de base à acção contra o Abreu. Como era a lei de então? Oxalá exista ao menos o processo que tratou este pleito.

Francisco de Almeida

V. M. 8/5/86

12-67

72-68

O Papa João Paulo

Um homem tremendo!

POR FRANCISCO DE ALMEIDA

Esta que vos escrevo, tem a data de 1 de Fevereiro, dia em que o Papa chegou à Índia, na visita que sabeis, e onde vai andar até ao dia 10. Portanto, as andanças do Pastor vão coincidir em Portugal com a febre das eleições. E daí que a nossa gente vá ficar distraída de acompanhar o Papa. Para mim tem imensamente mais relevo esta viagem do Papa que a eleição: porque já estou decidido em quem votar a 16 do corrente. Vós, não? Agora é mais fácil: ou, ou. Ora a este respeito sempre vos direi que ouvi hoje, esta: José apostou com um amigo 10 contos em marisco em como Freitas ganha.

E disse-o na frente de dois do Cunhal. O que me fez pasmar foi que os cunhalistas nem piaram para defender Soares.

Depois percebi: porque numa repartição do Estado, as mulheres conferenciaram e as do Cunhal disseram alto e bom som que votar, votam, mas no Soares, nem mortas! De facto, na ânsia de vencer Soares, o Cunhal andou com ele de rasto; e Soares, para vencer Zenha-Cunhal, fez do Cunhal um Lúcifer.

Erro de ambos porque se agora querem negociar colaboração, como vai o Zé acreditar? E como não é tolo, vai dizer com seus botões: então o Soares que até agora namorava os eleitores do PSD e CDS, já se atreve a ostentar em Famalicão, a 1 de Fevereiro, rosa vermelha como o Rosa Coutinho fazia e em seguida, rosas brancas? Quererá ele enganar a gente? Ai o «gajo»! Quer o Soares fazer aqui a chamada Frente Popular, aquela mesma que Estaline aconselhou na Espanha e deu a guerra civil de 36 a 39? a cadeia de Belém. Não posso levar-lhe a mal o desejo, mas obter Belém por via de enganar, não. Jogo limpo ou corre-se com ambos os candidatos.

II

Verdade que o discurso que atrás fica nada tem com o Papa. Voltemos a ele. Cada político devia ser tão cora-

(Segue na 2.ª página)

O Papa Joao Paulo

Um homem tremendo!

(Vem da 1.ª página)

joso como João Paulo. Já uma carta indiana ameaçou que o matava se lá fosse. Não recuou, até já lá chegou. Ora o ambiente na Índia é hostil ao Papa: porque 80 em cada 100 indianos seguem seus deuses e deusas — o Hinduismo — e têm medo que o Papa lhes retire adeptos! Porque outra fatia grande segue Maomé — como os Mouros de cá seguiam (dos anos 700 a 1200); porque 12 milhões seguem o Sikismo, outra religião; porque uns 8 milhões são baptizados, mas protestantes, o que copiaram dos Ingleses que lá governaram; porque os católicos, apostólicos, romanos, como nós, são apenas 12 milhões no meio de 750 milhões

QUESTÕES DO NOSSO TEMPO

I

Barcelos não era, e passou a ser, do rol dos povos especialmente afectados ao grande amigo dos pobres chamado São João de Deus. Isto porque os homens seguidores deste alentejano se lembraram de plantar um hospital na nossa terra de Barcelos. São bem-vindos.

Mas os barcelenses faltavam ao seu dever se acaso se esqueceram de festejar, neste ano de 1995, os 5 vezes 100 anos ou 5.º centenário do ano em que João de Deus viu a luz do dia na terra do Sul, chamada Montemor-o-Novo. Nós, os barcelenses, não seremos ingratos, assim.

Vários homens ilustres descreveram a Vida do Santo. Dizei que foi um analfabeto em Teologia dos Santos e quis Deus ser Ele próprio a levá-lo pela mão e fazê-lo mais santo e tão actual como poucos.

Viram os lindos versos que sobre este São João aqui escreveu o celebrado poeta, Sr. Padre Linhares. Ora acontece que nesta nossa aquidiocese de Braga floresceu um grande sábio de nome José Joaquim Lopes Praça — natural de Alijó, freguesia de Castelo, hoje pertencente à diocese de Vila Real.

Cronologia resumida: nasceu em 1844, fez o curso de Teologia no Seminário por arcebispos, em Braga — aluno muito distinto, 1863 (19 anos); matriculou-se na Faculdade de Teologia e na de Di-

reito, em Coimbra. 1866: opta pela vida civil, desiste de se ordenar e consagra-se ao Direito. Licenciado em 1868 e Doutorado em 1869. Nomeado professor efectivo do liceu de Montemor-o-Novo e toma posse em 1870. Em 71 publica um trabalho cuja 1.ª parte descreve em verso os traços da Vida de S. João de Deus que dedica a uma devota do mesmo santo, a qual é uma fidalga também de Montemor, senhora com qual veio a casar em 1872. Depois, foi lente de Coimbra e concordou do 1.º filho dos reis D. Carlos e D. Amélia.

Portanto, o nosso Lopes Praça é um dos biógrafos a escrever em verso, os passos de S. João de Deus. E para melhor informação pode ler a História da filosofia em Portugal, que o doutor Praça escreveu, tinha 24 anos, e foi reeditada pelo laborioso Pinharanda Gomes.

In O Barcelense de 17/6/95

Celebrou-se há pouco em Fimalicão um casamento que traduz os novos ritos em casamentos. Resumidamente, os passos dele sucederam-se assim: pelas 10/11 horas, vão reunindo familiares e convidados, fotos à noiva e filmagens, meios pequenos almoços com vinhos e sumos e águas, salgadinhos, bolos, algo de carnes; 12h30/13h — na igreja, avançam os noivos — Teresa Maria e Joel Francisco, ela minhoto e ele

ribatejano. No coro brilham os solos de homem e os violinos.

A 2.ª parte decorreu em Santo Tirso: fotos e filmes à entrada; aperitivos fortes já no hotel, apresentam orelha aos quadradinhos, algo de cebola, amendoim torrado, salgadinhos, uns quasi rojõesinhos, vinhos tintos, brancos e águas. Segue o almoço: mesa zero: noivos e outros; mesa n.º 1: o Sr. A e o B e esposa de B, etc.

E assim por aí fora até quase à mesa n.º 15. Cada um vá procurar em que grau hierárquico o posicionaram. Se não gostou, engula.

E agora mais não descrevo para simplificar. Danças e danças, ~~que~~ os conjuntos abalam os ares, bolo de noivos pelas 22 horas. A seguir, os convidados viram ainda um fandango de Salvaterra que o noivo e outro lhes efereceram. E são bons executantes do fandango. Os 130 e tal convidados gostaram.

III

Fui dos martizados que sábado, dia 27 de Maio, saí de Lisboa pelas 8,30 horas e só pelas 14 horas chegou a Fátima (Santuário). Mas o Sr. Cardeal Patriarca ainda chegou depois de mim. Que foi aquilo? Imprevisão, erro de cálculo ou sabotagens?

Fátima fica-nos a quase 900 metros acima do mar. Em Maio, não parece serra: terrenos bastante relva ou ervas verdes mesmo nos pinhais.

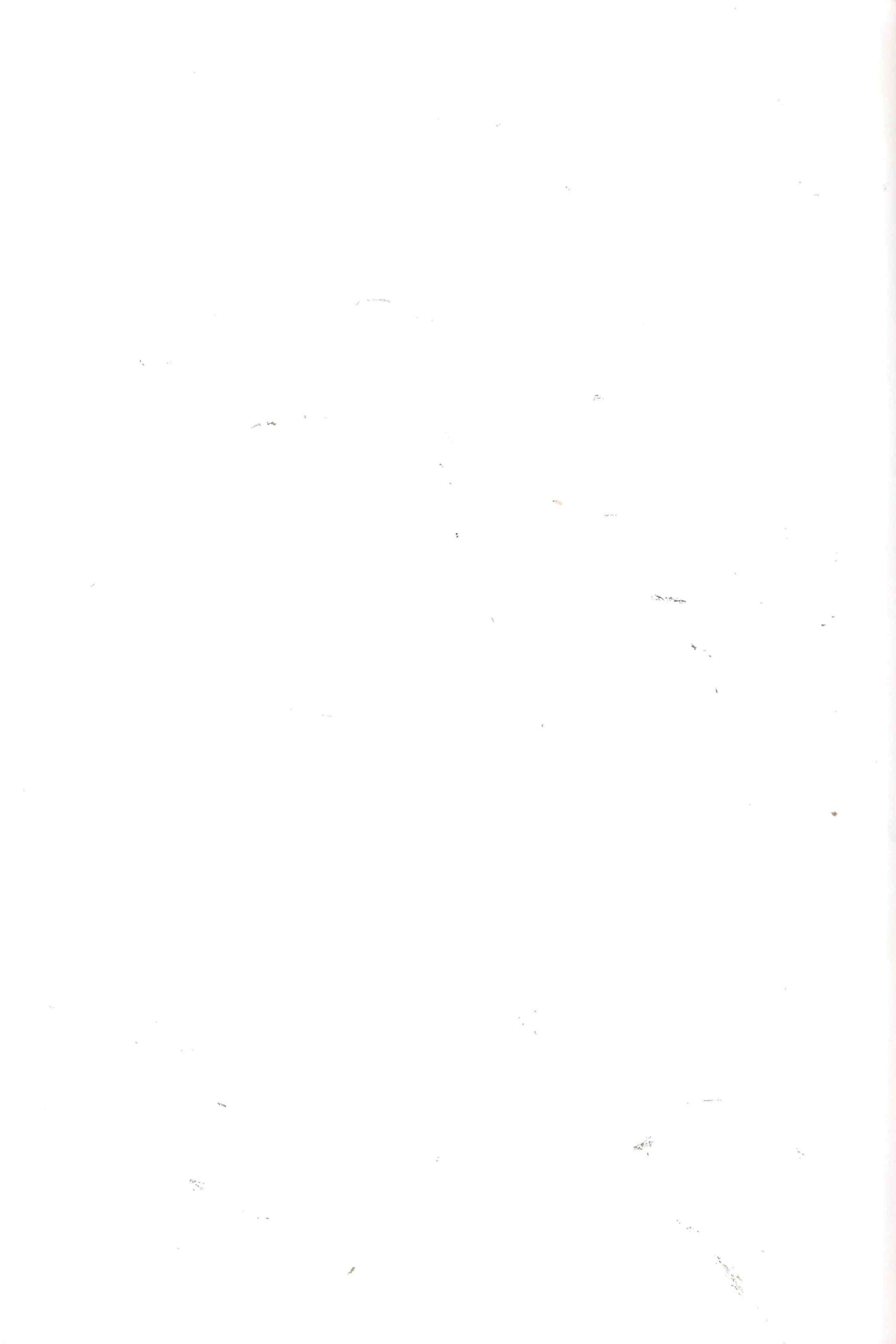
E quanto ao ar que respiram: sofrimento e sacrifícios faziam-nos os pequeninos videntes de 1977. Agora parece que isso foi esquecido. Vi e pensei no sítio: Cova da Iria. Ora, lá na minha terra, temos a Bouça da Inácia. Quem terá sido Inácia? E quem foi a Iria que baptizou a Cova do Alto de Fátima? Temos então que no sítio Iria havia, além do mais, uma «covada».

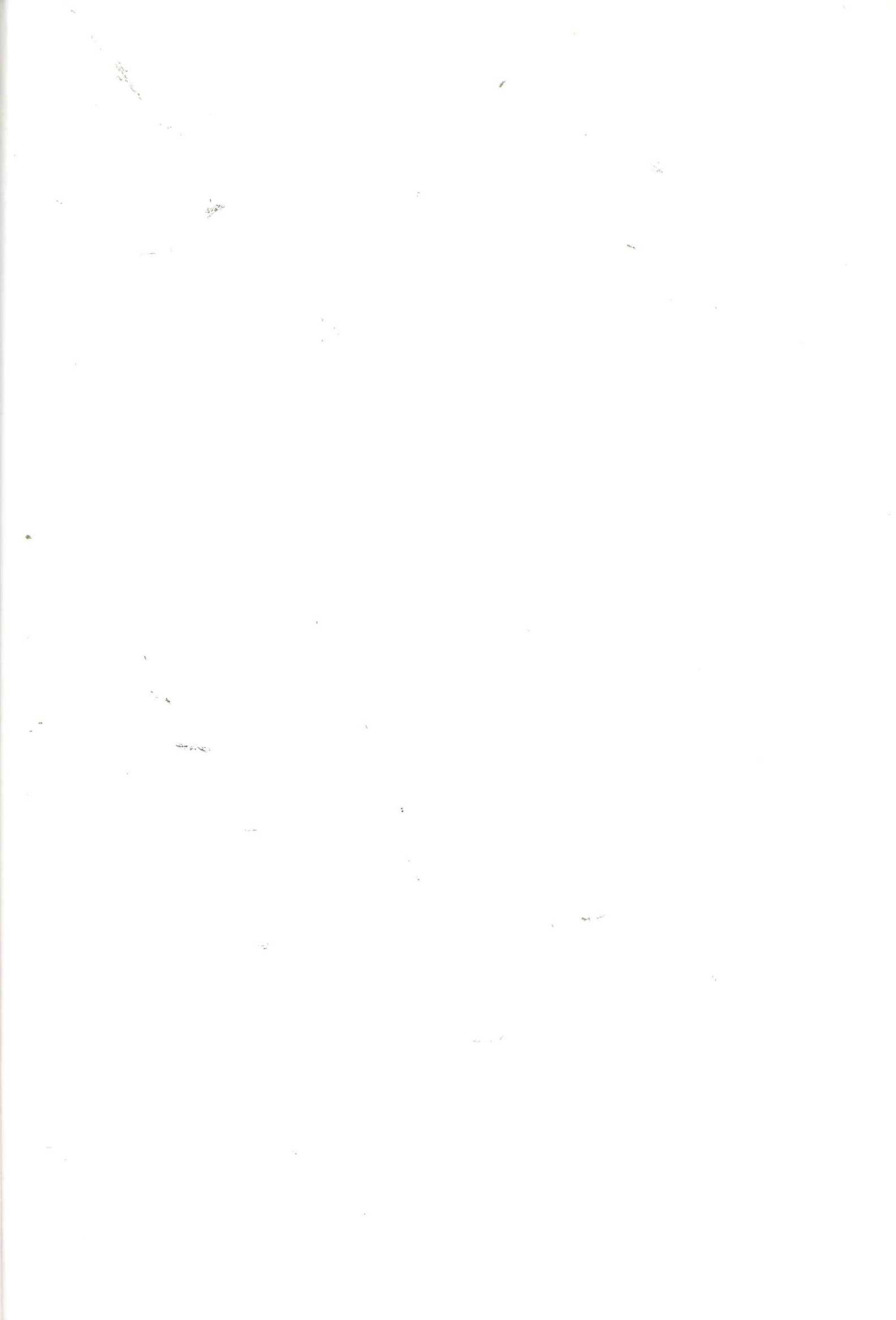
Naquela serra, são tão poucos os que conseguem perceber, aspirar e respirar o sobrenatural.

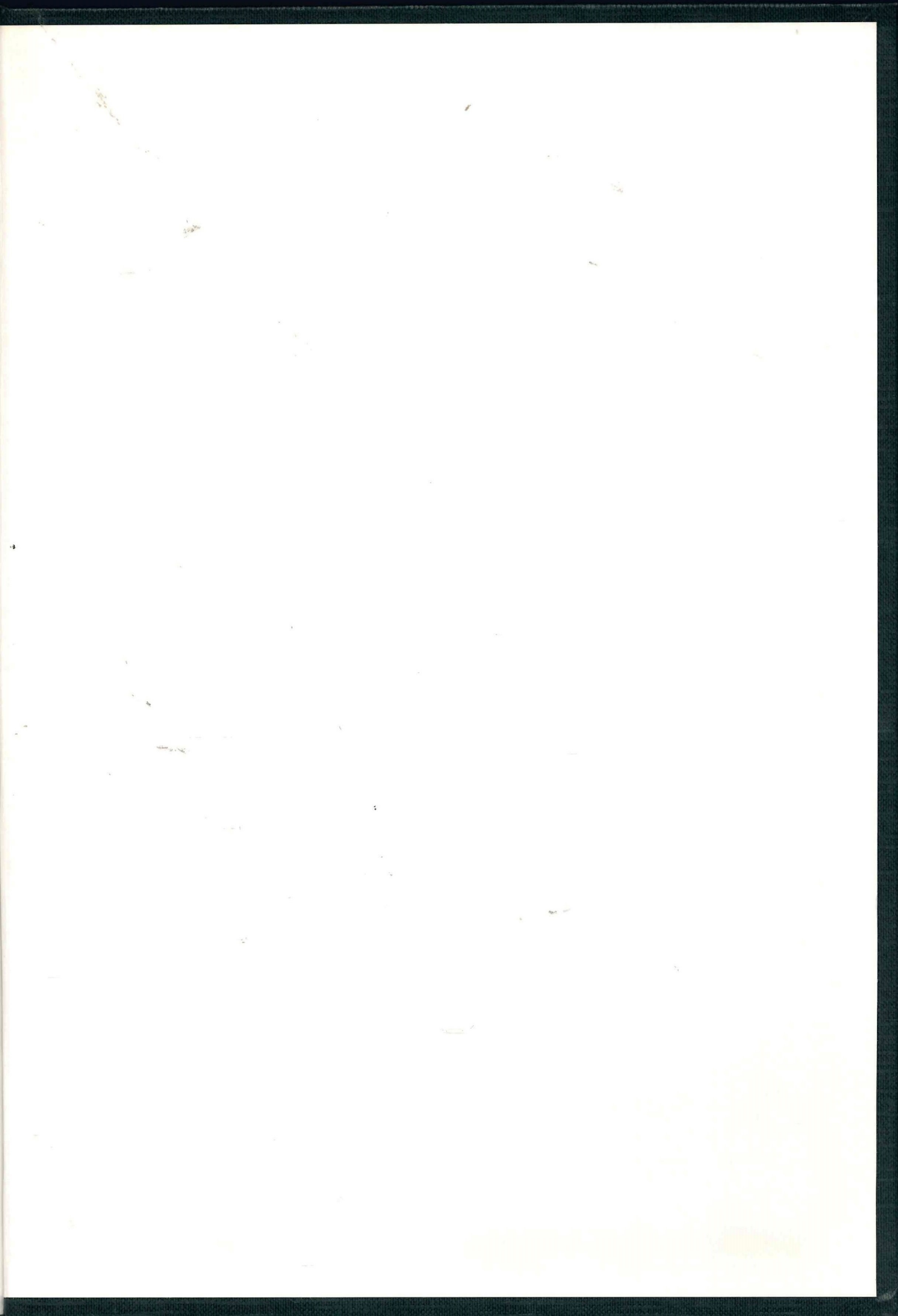
Ia dizer-vos do livrinho Questões de Português, mas... falta espaço.

hx-Maio/95

Francisco de Almeida







biblioteca
municipal
barcelos



27665

Artigos de jornais regionais